

DIÁRIO DE BICICLETA – UMA VIAGEM ATÉ O FIM DO MUNDO

De Buenos Aires a Ushuaia, a cidade mais austral do planeta

Renato Tapado

“Já estou até vendo o repórter, de microfone ou caneta na mão, lançando-me com expressão muito séria: ‘Doutor Étienne, para que serve tudo isso?’. E eu, descaradamente: ‘Para nada, meu amigo!’ . É bastante evidente que não estamos realizando algo útil em primeiro grau, que não fabricamos um abridor de latas ou uma máquina de lavar. Também é certo que não precisamos de um álibi científico qualquer para justificar nossa expedição. Esta aventura excepcional deve despertar ressonâncias mais sutis, como o fazem as obras de arte, um quadro ou uma sinfonia, coisas não-quantificáveis e tampouco forçosamente visíveis, que repercutem demorada e profundamente no silêncio dos corações e dão à vida um outro sabor [...]”.

Jean-Louis Étienne, que comandou a primeira expedição que atravessou a Antártida de trenó, em sete meses, no livro Transantártida: a travessia do último continente. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995, p.127.

Nota

Este diário de bordo é praticamente o texto escrito à mão durante a viagem de bicicleta, sem “melhorias” ou “literatura”. Apenas corriji alguns dados e acrescentei um ou dois detalhes que eu lembrava, mas tinha esquecido de escrever. Mantive o nome verdadeiro das pessoas citadas. No final do texto, na hora de copiá-lo no computador, listei informações técnicas sobre o percurso.

R. T.

Ilha de Santa Catarina, 26 de dezembro de 1995, 11h45.

Há mais de um ano e meio, enviei minha primeira carta para o Departamento de Turismo de Ushuaia (Argentina) pedindo informações sobre a região. Agora, aqui no saguão de embarque do aeroporto de Florianópolis, pronto para ir a Buenos Aires, sei que ainda não comecei propriamente a viagem, mas a sensação de ansiedade é a de quem realmente já está partindo para atravessar o Pampa e o deserto argentinos rumo à Cordilheira dos Andes.

No avião, pela primeira vez, pude ver a Ilha de Santa Catarina inteira, de norte a sul. Vi a região onde moro, o Rio Tavares, e o Sertão do Peri, lugar que conheci de bicicleta para visitar o alambique do seu Chico¹.

Agora, escutando o disco *Secret Story*, de Pat Metheny, no walkman, penso em minha companheira, Lu, que se despediu de mim no aeroporto – a única pessoa que eu queria que estivesse comigo na hora da partida. Mas, na verdade, ela estará junto de mim durante toda a viagem. De certo modo, é isso que vai tornar essa aventura possível.

Buenos Aires, 27 de dezembro de 1995.

No aeroporto, uma equipe de coreanos com roupas Polartec (a mesma marca que estou levando), com jeito de alpinistas, está chegando. Perguntei a eles se iam escalar o Aconcágua, a maior montanha da América, e responderam que sim. Pensei, sem comentar nada, obviamente, que há uma estatística mostrando que, de cada grupo,

¹ Que foi assassinado em 1996.

digamos, de dez pessoas que tenta escalar o Aconcágua, alguns, não me lembro quantos, não voltam...

Tomei um táxi especial (um *remis*) que custava US\$ 35, mas pechinchei, e o chofer deixou por US\$ 30 até a casa da Carola, onde fui pegar a chave da casa da Claudia. Fui conversando sobre minha viagem com o chofer, e o trajeto seguinte do táxi – da casa da Carola até a Claudia, – ele não cobrou! Bom começo.

A Claudia é uma amiga que só vejo de tantos em tantos anos. Um dia, escrevi a ela contando do meu plano de viagem a Ushuaia e pedindo para dormir uma noite na casa dela. Tempos depois, recebi um telefonema de uma amiga dela que estava em São Paulo dizendo que a Claudia, na época da minha viagem, estaria na Espanha, mas deixaria a chave de sua casa com uma amiga – Carola.

Saí para procurar benzina para o fogareiro e outras coisas, mas benzina não existe – só para isqueiros, em frascos pequenos, mais caro, enquanto no Brasil se vende em litro. Vou ter que usar gasolina como combustível.

À noite, a Carola – que eu não conhecia – me recebeu com um jantar ótimo, com direito a um excelente vinho argentino e uma predileção compartilhada por Julio Cortázar. Pelo jeito, a viagem está começando maravilhosamente bem, com gente cuidando para que dê tudo certo. Mas a Carola, eu nem a conhecia! E depois do jantar, ela me serviu de sobremesa algo que eu nunca tinha comido: cerejas frescas!

Hoje (27/12/95), passei a manhã atrás de mapas e informações. Incrível! Aqui, cada Província (Estado) tem sua “Casa de Turismo” em Buenos Aires, e os funcionários te dão toda informação turística, folhetos, etc., grátis! Assim, pude saber que algumas áreas despovoadas não o são tanto assim, e há fazendas que oferecem alojamento, alimentação, algumas têm camping, etc. À tarde, montei a bicicleta com toda a bagagem – ufa!, que trabalho! A bagagem consta de: duas bolsas (como os

alforjes que se põem sobre os cavalos) na roda dianteira, cheias, uma garupa na frente, com peças, câmaras, etc., duas bolsas maiores na roda de trás, e em cima da garupa o isolante térmico, a barraca, o saco de dormir e a mochila cheia. O peso aumentou muito mais do que eu imaginava! O bagageiro traseiro tinha uma solda que descolou, terei que soldar de novo em alguma oficina pelo caminho, bem como comprar gasolina para o fogareiro. Já comprei alguma comida e fervei água para levar amanhã. Parto bem cedo, depois de levar a chave da casa da Claudia para a Carola. A sorte é que eu vou pegar uma avenida aqui pertinho e seguir direto para sair da cidade até Luján, minha primeira parada. Será o primeiro dia de viagem. Estou muito bem e só penso em começar logo essa viagem planejada durante um ano e meio. Agora, vou preparar um spaghetti com atum e tomar a última cerveja antes da viagem.

28 de dezembro de 1995.

Primeiro dia de viagem! Temperatura de 30° às 12h25, vento norte fraco. Lu me ligou às 5 horas da manhã! Falei com ela e saí da casa da Claudia às 6 horas. Entreguei as chaves para Carola, me despedi e parti às 6h30. Dia sem nuvens, sem vento contra e temperatura agradável de manhã. Perfeito! Só asfalto e tudo plano, e estradas bem sinalizadas. Meu objetivo era Luján, que eu pensava estar a uns 70 km de Buenos Aires. Não sei ao certo, mas cheguei a Luján às 10h30, ou seja, em apenas quatro horas de viagem. Então, resolvi esticar até Mercedes, mais 32 km. Assim, o primeiro dia foi além do esperado – 100 km! –, mas isso não é nada, pois as condições é que estavam muito favoráveis. Bem, para começar a viagem com o moral alto, foi ótimo. O peso da bicicleta me impressionou de início – nunca tinha pedalado com tanta bagagem! –, mas

aos poucos fui me acostumando, principalmente a não desabar com bicicleta e tudo quando parava...

Passei por um campo de girassóis e fotografei. Van Gogh na estrada! Não falei de uma venda onde fui comprar comida em Buenos Aires: o dono já tinha ido a Florianópolis e até Parati. O pai dele não me deixada sair da venda, conversando sobre a minha viagem e dando mil conselhos e itinerários... Ah! Esqueci de dizer que a Carola, amiga da Claudia, nasceu em Ushuaia. Que coincidência! Me mostrou umas fotos em preto-e-branco de uma Ushuaia quase sem nada, quando seu pai tinha que rachar lenha para descongelar a água nos canos...

Cheguei a Mercedes: 100 km! Nada mau para o primeiro dia, que eu pensei ser mais curto. Mas tive a recompensa. Parado na praça principal da cidade, vi um cara de gravata e bicicleta, que coisa incomum! Ele passou, voltou e veio falar comigo. Conhecia Florianópolis e estava formando um grupo de amigos que gostavam de pedalar. Me levou até o Parque Municipal, que tinha áreas de camping, bosques, mesas para churrasco e... Piscina! Eu nunca tinha visto um camping com piscina grátis! Assim, depois dos primeiros 100 km, um banho de piscina e outro numa ducha fria. O Parque também tem banheiro, assim, acampe ali, e o detalhe é que tudo era grátis.

Conheci no Parque dois ciclistas que já andaram em Bariloche de bicicleta e conheceram aqui em Mercedes outro ciclista brasileiro que estava viajando pelo mundo. Incrível como o mundo – vou dizer isso muitas vezes, me perdoem o lugar-comum – é pequeno! O David, o cara de gravata, me deu o endereço da casa dele e o telefone para o caso de eu precisar de alguma coisa. Conheci ainda outro cara que já fez 250 km de bicicleta num dia! Mas só levava uma mochila. Disse que o deserto depois de Santa Rosa é brabo, mas a estrada é asfaltada, e as pessoas que eu encontrar no caminho vão me receber bem.

Meu consumo de água na viagem foi de apenas três litros para seis horas de viagem, ou seja: meio litro por hora. É menos do que costumava beber treinando, mas a estrada era plana, não havia vento e não estava muito quente. Em outras condições, nas mesmas seis horas, eu teria bebido seis litros. Assim, nos maiores trechos desertos – que podem chegar a 130 km –, eu devo levar uns dez litros! – que significam dez quilos...

Bem, nessa noite fiz minha primeira refeição no fogareiro, e depois de lavar e guardar tudo, fui dormir.

29 de dezembro de 1995.

Ontem à noite, enquanto eu estava cozinhando arroz com vegetais desidratados e grão-de-bico em lata, chegaram um dos rapazes ciclistas que conheci à tarde e um cara mais velho, o Luís, que queria me conhecer. Eles criaram o Grupo de Amigos del Pedal para passeios, excursões, etc., anunciando os eventos pela imprensa. Já fizeram uns cinco passeios. Luís tem um primo que é guia turístico em Ushuaia, e sua esposa já esteve em Canasvieiras (Florianópolis). Me deixou seu endereço e pegou o meu, pois iam tentar publicar uma nota num jornal local sobre a minha viagem.

6h35, vento nordeste fraco, Sol e 20° C.

Tirei o isolante térmico, o saco de dormir, a mochila com as roupas e os objetos pessoais, guardei tudo na bicicleta, depois fui desmontei a barraca. Ajeitei as coisas na bicicleta e fui preparar o café. Comi, lavei a louça, guardei o fogareiro, depois fiz alongamentos e aquecimento, e então estava pronto para sair. Tudo isso seria repetido dezenas de vezes em toda a viagem.

Hoje de manhã, Luís veio encontrar comigo e tirou fotos para o jornal. Na frente do banco onde trabalhavam, me deram água e me apresentaram a outro amigo que, ao se

despedir, me deu dois beijos – como o fazem os jovens argentinos com os amigos mais chegados – e me disse: “Tá bom, você vai a Ushuaia, mas... Isso é uma loucura, não é?”. E eu respondi: “É claro.” Ele riu e me desejou boa sorte.

Luís me seguiu com sua bicicleta até o trevo de saída da cidade. Rumei para Chivilcoy sentindo o cansaço pelo dia anterior e o calor que aumentava. Às 14 horas, parei num posto de gasolina (chamado aqui de *estación de servicio*, porque tem mercadinho, banheiros, alguns até têm chuveiros). À sombra, fazia 32° C, segundo meu termômetro/bússola/chaveiro. Esperei para descansar e depois prosseguir até Alberti. Achava que não faria mais 55 km até Bragado, era uma pena, pois lá tinha um ótimo lugar para acampar, conforme tinham me dito. Depois, pensei em manter a idéia inicial, que era a de passar o Ano Novo em Pehuajó, no quarto dia de viagem. Num posto em que parei no caminho, um senhor veio conversar, um outro veio perguntar para onde eu ia, e um rapaz de moto também fez perguntas. Todos dão informações, conversam e me desejam boa sorte na viagem. Isso desde Buenos Aires.

Os caminhões na estrada não me assustam. Quando não podem se afastar para o lado – por ter muito movimento na estrada, ou às vezes não tem acostamento –, buzina para me avisar. Muitos carros e caminhões também buzina cumprimentando por eu estar viajando de bicicleta.

Há muitos campos de girassóis, mas eu só vi um bem florido, os outros ainda não tinham dado flores grandes. No caminho, os mesmos pássaros que vejo no Rio Tavares, na Ilha de Santa Catarina: gavião, falcão, quero-quero, bem-te-vi, joão-de-barro, e até um que eu não vi, mas reconheço pelo canto. As garças brancas, só vi junto a pequenos açudes. O resto são campos de várias cores, incluindo um de capim fino e alto da cor do trigo.

Fui até Bragado! 115 km. Tem um camping à beira de uma lagoa. Até agora, o único lugar que paguei: US\$ 7². Todos muito atenciosos, como sempre. Tomei um banho frio, fiz minha comida no fogareiro e fui dormir.

30 de dezembro de 1995.

Saí para Nueve de Julio. Hoje, vou descansar um pouco as pernas, pois farei só uns 60 km. A temperatura de manhã está abaixo dos 20° C (parece outono!), mas às 16 horas chega a mais de 35° C. A paisagem é sempre campo e mais campo, mas há muito mais plantações de girassóis, algumas já bem floridas, e mais pássaros, sobretudo quando há um açude – patos, marrecos, garças, etc. Às vezes, flores pequenas, amarelas, vermelhas, lilases. Os quero-queros, como sempre, gritam quando me aproximo. Quase chegando a Nueve de Julio, parei na estrada numa casinha que vendia salame caseiro. Pensei que seria uma boa, pois o salame não precisa estar refrigerado (pelo menos, eu pensava assim, e eles também...). Não havia ninguém no balcão, então toquei uma campainha. Depois de muito tempo, apareceu um rapaz. Comprei água mineral, e conversamos sobre a viagem. Pedi para lavar as mãos, e ele me levou até a cozinha da casa, tudo muito simples. Depois, uma senhora veio me atender. Comprei pão, salame e uma pequena embalagem com quatro ovos. Conversamos, e eu disse que é bom comer ovos por causa das proteínas animais, já que, pedalando, eu não almoçava, só parava para comer frutas e bolachas doces – nunca salgadas, para não roubar água do organismo. E à noite, eu preparava uma massa. Então, eu estava preocupado com a diminuição do meu consumo de proteína animal. No final, nos despedimos, e fui guardar as compras na bicicleta para partir, quando chegou o rapaz e me entregou um

² Na época, o peso argentino valia o mesmo que o dólar estadunidense e quase o mesmo que o real.

pão com salame que sua mãe tinha preparado. Esse pedaço de pão simples com salame, oferecido por uma senhora que eu não conhecia e que possivelmente jamais vou voltar a ver, é uma das coisas que jamais vou esquecer.

Cheguei a Nueve de Julio. O parque do qual me falaram, na verdade, é uma espécie de Passeio Público dentro da cidade, sem áreas para acampar. Achei estranho, mas falei com o encarregado. Ele foi pedir autorização para que eu pudesse acampar por ali, e consegui. Alguém tinha me dito que era perigoso, porque à noite não havia nenhum guarda. Além disso, uns guris de bicicleta vieram falar comigo, e um deles me perguntou se eu levava muito dinheiro para a viagem. Fiquei desconfiado e despistei. O encarregado do Parque, que já tinha trabalhado num circo e era muito engraçado, falava toda hora que ali era perigoso. Quando fui armar a barraca, tinha dois policiais. O encarregado me apresentou a eles, anotaram meu nome e disseram que eu não me preocupasse. Tomei banho – não sei como – numa torneira a uns 20 cm do chão, no banheiro no Parque: uma ginástica! – água fria, como sempre, mas era ótimo. Depois, fui cozinhar na beira do lago com patos e marrecos. O encarregado apareceu de novo com outro senhor. Não descansou enquanto não arranjou um cadeado para o banheiro, assim eu poderia guardar a bicicleta de noite, e na manhã seguinte eu deixaria a chave num lugar combinado, e foi isso que eu fiz. Mas, de noite, alguns carros entraram no Parque, fizeram barulho e jogaram luz na barraca. Fiquei com medo. Acordei às 3h30 com caras gritando e barulhos de carro. Será que era gente que sabia que tinha uma bicicleta guardada? Que neurose a minha! Acendi a lanterna para mostrar que estava acordado. Passou um tempo, e houve silêncio, então dormi de novo. De manhã, vi com alívio que a bicicleta continuava bem guardada.

31 de dezembro de 1995.

Tomei meu chocolate com leite frio, não café – que adoro –, pois não é bom para o desempenho do organismo (lembro que, quando fui fazer um exame do coração, antes da viagem, não podia tomar café antes). No calor, chocolate frio é melhor, e não passo trabalho armando o fogareiro só pra esquentar um pouco d'água. Depois, a rotina de sempre: lavar a louça, secar, guardar, tirar tudo de dentro da barraca (comida, roupa, lanterna, walkman, etc.) e guardar nas bolsas da bicicleta, desarmar a barraca e colocar no bagageiro de trás o saco de dormir, a barraca e o isolante térmico.

Saí às 8 horas rumo a Pehuajó; um pouco cansado, mas tinha que vencer 105 km. Aos poucos, sem muito calor até as 12 horas, fui pedalando devagar e me maravilhava com as garças com asas cor-de-rosa, os patos pretos e outros pássaros, além de pastos da cor do trigo (será que era trigo?). Cheguei a Pehuajó às 15 horas. Ótimo, tive tempo para procurar um lugar para dormir. Comprei água mineral, papel, envelopes, grampos de varal e caneta. A senhora que me vendeu fez um mapa indicando o hotelzinho mais barato, o Bristol, que custava US\$ 12. Como o quarto era térreo, podia guardar a bicicleta e sair para comer. O hotelzinho é uma casa antiga e fica em frente à estação de trem. Tomei banho e lavei algumas roupas – já estava tudo sujo. Fotografei um pouco e caminhei umas quadras até o centro. Tudo fechado! Além da *siesta*, que pára toda a Argentina das 12h30 às 16h30, era véspera de Ano Novo e domingo! Felizmente, tinha um barzinho aberto, de jovens, e comi um hambúrguer com café. Depois, sentei para tomar uma cerveja gelada, com a sede de 105 km e sete horas de viagem. Aproveitei para escrever pra Lu e continuar este diário.

Conversando com o cara do bar sobre a viagem, pedi um café, e ele me trouxe o açúcar em sachês – outra coisa característica na Argentina. Eu disse: “Que ótimo, isso é muito útil para acampar. Posso levar estes?”. Pois ele me deu aqueles e mais alguns.

Muita gente anda de bicicleta, aqui e nos outros lugares por onde passei, inclusive vi idosos pedalando. Também há uma febre de motos tipo “Garelli”, praticamente bicicletas motorizadas. Até mães com crianças se vêem nas ruas.

1º de janeiro de 1996.

Que Ano Novo! Os bares estavam todos abertos até as 21h30, mas só tinha sanduíche! Tinha comido um à tarde, e à noite eu queria um jantar de Ano Novo... Passei pelo hotel da cidade (maior), e o restaurante estava fechado. Acabei comendo outro sanduíche com vinho branco (um copo com gelo e uma garrafa de água com gás!). Tentei telefonar para casa e para a casa de meus pais, e não consegui. Que situação! Quando voltei para o hotel, o restaurante do hotel maior já estava aberto de novo! Droga! O jeito foi ir dormir cedo.

Hoje, saí para tentar tomar café... Tudo fechado. Encontrei um casal que estava no mesmo hotelzinho que eu, e também estavam em jejum. Comprei umas coisas e fui tomar meu chocolate com bolachas no quarto. Mais tarde, fui à rodoviária, mas até o restaurante de lá estava fechado. Acabei encontrando uma venda que tinha várias coisas. Comprei duas latas de Brahma, queijo, pão, patê e iogurte. Antes, consegui finalmente falar com a Lu! Ela estava na casa dos meus pais. Minha mãe chorou ao falar comigo, pois estava preocupada, já que eu viajava há quatro dias e não tinha conseguido telefonar justo no último dia do ano. Afinal, desliguei o telefone aliviado. Depois desse Ano Novo azarado, num quarto de hotelzinho, foi muito emocionante poder falar com minha companheira. Voltei ao hotel e fui comer no quarto escutando o disco do Pat

Metheny, além de tomar uma cerveja. De repente, fiquei muito emocionado, deitei na cama e chorei – foi a primeira vez que chorei assim, sozinho, feito uma criança abandonada ou um filhote de gato. Depois, dormi, acordei às 15h30 e tomei um banho frio, pois fazia um calor infernal.

Procurei um camping na cidade para sair do hotel, mas era muito simples, e estavam sem água. Outro cobrava US\$ 8, então resolvi dormir mais uma noite no hotel. A bicicleta já está praticamente pronta. Amanhã, saio cedo para Trenque Lauquen, nome indígena, como muitos de lugares que vou conhecer. Agora à noite, vou tentar dar uma volta. Se estiver tudo fechado, vou comer alguma coisa no quarto de novo... Estou louco por uma comida decente! Há quatro dias, só como frutas, bolachas, sanduíches, nenhum almoço no capricho... Bem, espero poder jantar amanhã em Trenque Lauquen.

2 de janeiro de 1996.

Bom, acontece que ontem o centro de Pehuajó (um cruzamento e duas quadras cheias de bares e pizzarias) estava lotado. Primeiro, todo mundo fica dando voltas com o carro (como antigamente na Avenida Beira-Mar, na Ilha de Santa Catarina), e depois as mesinhas com guarda-sol na calçada começam a encher de gente. Pelo menos, tinha pizza! Pedi uma cerveja e uma pizza de *panceta ahumada*. Pensei que algo defumado seria bom. Nunca mais esqueci que *panceta* significa *bacon*. Bom, eu gosto, mas não era exatamente o que eu queria comer naquele momento. Afinal, comi toda a pizza e fui dormir cedo. Hoje, acordei às 6 horas, às 8 horas fui ao correio enviar uma carta para a Lu e logo parti.

Trenque Lauquen fica a 85 km. Tudo bem, até que começou um vento contra, meio oeste, que me fez baixar muito mais minha velocidade, que já não é grande. Parei para descansar no pedágio da estrada (é que elas foram privatizadas). Já falei da infra-

estrutura dos postos de gasolina. Alguns têm até mesinhas na rua. Nos pedágios, quase não tem nada pra vender, mas todos têm banheiros com chuveiros, papel, sabonete e enfermaria. O pedágio custa US\$ 2,60 para carros de passeio. Saí do pedágio às 13 horas. Às 14 h, cheguei a Trenque Lauquen e procurei um lugar para almoçar – foi o meu primeiro almoço, no sexto dia de viagem: bife à milanesa, batatas fritas, alface, tomate e pão – um típico almoço argentino, por US\$ 7. Caro, mas não existe nada mais barato na Argentina, a não ser quando há um restaurante chinês, então se pode comer à brasileira (arroz, muitos legumes, variedade de pratos, etc.) por cerca de US\$ 6. Depois, fui ao Barrio Alegre, que é um clube com camping. Cobravam US\$ 10. Paguei dizendo que era caro... Quando chegou o encarregado do camping, conversou comigo e viu que eu estava viajando, me fez por US\$5... Me instalei, guardei a bicicleta na sala da enfermaria e fui tomar banho – frio, como sempre. Comprei água mineral e uns croissants (na Argentina, se chamam *medias lunas*) doces. Hoje, vou tomar meu primeiro café! Como de manhã, antes de pedalar, só tomo chocolate, só posso tomar café preto quando chego a algum lugar e paro.

Na estrada, continuo a ver várias espécies de pássaros. Tem um vermelhinho e preto que não consigo fotografar. Hoje, uma borboleta me atropelou! Espero que esteja inteira... Como sempre, mil pessoas vêm perguntar coisas! E eu tenho que repetir tudo. Um cara me chamou no meio da rua, me cumprimentou e disse que tem um amigo que está vindo do Alaska de bicicleta. Também soube de outros que passaram por aqui.

Na estrada, a polícia me parou pela primeira vez, em dois lugares diferentes. Querem perguntar tudo – como todo argentino. Os policiais me tratam exatamente igual aos outros, me dão muitas informações, sugestões e o sempre “¡*Que tengas mucha suerte!*”, “¡*Que te vaya bien!*”, etc. Na Argentina, me sinto em casa, ao contrário do que

eu esperava antes da viagem. Eu achava que os argentinos seriam pedantes e antipáticos. Bem, morde a língua. Nunca fui tão bem tratado em toda a minha vida.

5 de janeiro de 1996.

Não tive tempo de escrever antes... Em Trenque Lauquen, mais gente veio falar comigo, e tomei chimarrão com uns jovens. De noite, foi difícil dormir, porque tinha muita gente no camping, e um pessoal fez barulho a noite inteira! No outro dia (3 de janeiro), saí cedo para Catriló, que estava a 85 km. Aí peguei um vento contra de novo, mas dessa vez foi o dia inteiro! Eu pedalava com dificuldade e quando passava um caminhão dos grandes, o deslocamento de ar me empurrava para o acostamento – quando tinha... –, e eu tinha que forçar os braços para recuperar o equilíbrio da bicicleta e voltar à pista. Fui chegar a Catriló só às 17 horas. Me cansei muito e viajei numa velocidade média abaixo de 10 km/h.

Catriló é a entrada da Provincia La Pampa. Isso significa que eu já tinha atravessado a Provincia de Buenos Aires, que é plana, tudo campo, mas não árido. Por isso, também é chamada de Pampa Úmida. Aqui em La Pampa é que tem uma região deserta. O Parque Municipal de Catriló é um desastre: não tem ninguém, não tem luz... Aconselhado por alguém, fui falar com o prefeito da cidade – na casa dele! Bati, e ele não estava, mas a esposa me disse que eu o encontraria na Prefeitura. Fui até lá. Ele me disse que eu podia acampar lá, mas não tinha luz nem nada. Sugeri que eu me apresentasse à polícia (!) para registrar meu nome, mas afirmou que não era obrigatório. Por via das dúvidas, lá fui eu à polícia... No caminho, conversei com dois policiais que me sugeriram dormir na estação de trens, já que hoje não chegaria nenhum. Fui até a estação, falei com a família do chefe da estação – eles moravam ali mesmo – e instalei

meu saco de dormir e a bicicleta no chão da sala de espera, ao lado daqueles longos bancos de madeira. Tinha uns banheiros horríveis, sem chuveiro – não pude tomar banho. Fui procurar alguma coisa pra comer. O restaurante abria às 21h30. Catriló é uma cidadezinha pacata, não tem quase nada. Comi um sanduíche na praça e, mais tarde, fui jantar a mesma coisa que parece ser servida em todo lugar: bife, batatas fritas, salada de alface e tomate, e pão. Nossa! Que comida sem inteligência – e não muito saudável. Não há outros cereais, o prato principal é a carne (não tem nem frango), pouca salada, nenhum prato com molho. Acontece que às vezes estou tão cansado que não tenho disposição para armar o fogareiro, cozinhar, comer, lavar a louça, secar, guardar, desmontar e limpar o fogareiro... Bem, não consegui comer tudo, e fui dormir cansado e pesado pela janta.

No outro dia (4 de janeiro), acordei às 6h30, tomei chocolate, etc., etc., e saí. Nossa, que frio! Na saída da cidade para a estrada (Ruta 5), pus a blusa da Polartec pela primeira vez – ela estava junto com as roupas de frio para ser usada somente alguns 1.000 km mais tarde! Pus o casaco de tac-tel. Temperatura: 17°! E o vento continuava. No dia anterior, quando cheguei a Catriló, pensei em descansar mais um dia e só ir a Santa Rosa (capital de La Pampa) no dia seguinte. Mas ficar um dia naquela cidadezinha estranha dormindo numa estação de trem com banheiros horríveis e sem chuveiro não me parecia nada agradável... Mas o vento não parava, e eu ainda estava com a “ressaca” do dia anterior. Bem, comi, olhei os mapas, “enrolei” uns 30 ou 40 minutos numa preguiça só, e não agüentei mais: fiz aquecimento e alongamentos (que fazia todos os dias antes e depois de pedalar), subi na bicicleta e parti. Credo! Mais 85 km de vento contra até Santa Rosa. No caminho, numa das tantas paradas para descansar e comer alguma fruta ou bolacha, pensei: “Haja paciência para enfrentar esse vento. Vou pedalar daqui pra frente com música!”. Pus o walkman e, na primeira pedalada, ele caiu no chão

e não funcionou mais. Merda! Agora, é pedalar sem música e com vento até as 17 horas. Cheguei a Santa Rosa com pouquíssimo vento no final, fui até o camping municipal (grátis!) e me instalei. Mais de 15 crianças ao meu redor fazendo perguntas... Já devo ter respondido umas 200 vezes de onde venho, para onde vou, quantos quilômetros faço por dia, etc. Boas notícias: tem chuveiro com água quente (ainda bem, porque fazia um pouco de frio, e, para relaxar, nada como um banho morno).

Conheci dois caras que iam até Ushuaia de moto. Conversamos, tomamos chimarrão, cozinhamos e comemos juntos. Depois, entrou um vento maluco, enquanto eu estava no banho. Pensei que a minha barraca tinha voado! Que nada, lá estava ela toda prosa. A barraquinha Walrus, baixinha, à prova de vento, e que não chega a pesar 2 kg, e a bicicleta são o encanto das pessoas. E os caras de moto ficaram fascinados com o meu fogareiro, um MSR canadense.

Hoje (5 de janeiro), lavei roupa depois de tomar o café da manhã, os argentinos de moto se despediram e partiram depois de tirarmos umas fotos (são de Santa Fe). Fui ao centro da cidade, comprei uns cartões postais e enviei-os pelo correio. Tentei consertar o walkman, mas não deu. Pensei em comprar outro, mas custa US\$ 60. Pela primeira vez, almocei num restaurante decente, pagando com cartão de crédito: salada, frango e nhoque, com muito pão – como sempre, na Argentina – água e suco de *toronja* – que na Argentina se chama *pomelo*, e é uma fruta que eu conheci quando morei em Cuba: como uma laranja grande e muito amarga (no Brasil, também se chama toranja). Depois, passei por uma *heladería* e tomei um sorvete de morango. Que excentricidades! Bem, nada mau para comemorar mais de 600 km percorridos – eu nunca tinha pedalado tanto. Depois, descansei, tomei banho e mais no final da tarde fiz um lanche reforçado. Amanhã, parto para General Acha, a 100 km daqui, e é a primeira estrada com subidas. General Acha é a “porta” do “deserto”, que devo atravessar em poucos dias.

7 de janeiro de 1996.

Acordei às 6 horas e, depois de toda a rotina diária de manhã, saí às 8 horas em direção a General Acha. Que beleza! Nenhum vento, muito sol, e a estrada começou a ter longas subidas retas (não muito íngremes) e descidas ótimas, onde eu pedalava na marcha mais pesada! Fui muito bem até um posto de gasolina a 70 km. No caminho, vi espécies de caturritas (como periquitos) voando em bandos. Uma família que estava no camping ontem passou por mim de carro, depois passei por eles (tinham parado o carro) e voltei a vê-los no posto. Lá encontrei três argentinos de Córdoba que iam de bicicleta e de carona até Bariloche. Ficamos conversando, um deles me filmou, e descansamos na sombra, pois o calor arrasava. Todo mundo parava ali – carros, caminhões –, pois a maioria ia por uma estrada de 300 km no deserto sem absolutamente nada, nem posto de gasolina nem casa, e quase tudo reta. Por isso, se abasteciam de gasolina, água, comida, etc. A polícia orientava os turistas a levarem víveres para a viagem e não viajar de noite, pois, com a monotonia da estrada, o pessoal acabava dormindo, causando acidentes.

Acabei ficando por ali até as 17 horas, pois o Sol ardia na pele, e era impossível sair antes. Então, resolvi partir, me despedi dos ciclistas, que estavam tentando uma carona de caminhão – e saí rumo a General Acha – mais 30 km – sentindo cansaço. No caminho, os ciclistas passaram por mim de caminhão. Cheguei às 18h30 em General Acha e fui para um parque onde se podia acampar grátis. Lá, encontrei os ciclistas. Cozinhamos e comemos. Fiz uma porção generosa de massa, porque tinha fome, mas estava tão cansado que não consegui comer tudo... Demos uma olhada numa festa que tinha ali do lado, com churrasco, música ao vivo, etc. Depois, começou a chover – coisa rara nessas paragens. Fomos dormir – eu estava exausto –, e a chuva aumentou no meio da noite. Acordei com o barulho que a água fazia na barraca e os clarões dos

relâmpagos. Dei uma espiada lá fora e vi um montão de pedrinhas de gelo no chão! A barraca já passou pelo teste da chuva e de granizo. Só falta neve...

Hoje (7 de janeiro), acordei às 6 horas, tomei café com os outros ciclistas, e nos despedimos, pois eles foram tentar outra carona. Eu vou tirar o dia para descansar de novo, pois, pelas informações que tive aqui, nos próximos 125 km não há nada, só deserto. Portanto, amanhã tenho que percorrer essa distância até um posto de gasolina que tem na estrada, junto a um parque. Vou dormir lá. Para fazer esses 125 km, espero não ter nenhum vento contra, tenho que sair bem cedo, parar para descansar muitas vezes e levar uns dez litros de água de garantia, para o caso de eu não conseguir chegar no mesmo dia ao posto e ter que dormir no meio do caminho!

Que bom! Nesta cidadezinha, pude telefonar a cobrar! Falei com a Lu mais tempo e matei um pouco as saudades. Nesta viagem, telefonar a cobrar é um problema. Muitos lugares dizem que não há como telefonar nessa modalidade, mas a questão é que eles alegam que a companhia telefônica cobra a conta deles depois. Em algumas cabines telefônicas, eles permitem a ligação a cobrar, mas o turista tem que pagar uma taxa...

Domingo, numa cidadezinha do interior do pampa argentino, me sinto solitário. Depois de falar com a Lu, fui cozinhar um cappelletti com molho de tomate e pimentão, coisa rara, que só acontece quando paro por mais tempo, como agora, e me dou ao luxo de entrar num supermercado ou numa simples venda e comprar *um* tomate, *um* pimentão, *uma* batata... E o dono me olhando desconfiado. Antes, comi uma salada de tomate (que aqui são daqueles enormes e saborosos), cenoura e pimentão. Hoje à noite, continua a festa de ontem. Talvez eu pague US\$ 3 para entrar, ouvir música folclórica, comer *choripán* (*chorizo*, ou seja, lingüiça, no pão) e tomar uma cerveja. O problema

vai ser dormir com esse barulho. Amanhã, tenho que levantar às 5 horas! Quero sair cedo, porque não sei como vai ser o trajeto e não quero chegar de noite. Vai ser minha maior quilometragem na vida, se eu conseguir: 125 km!

Quem me indicou o lugar para acampar e deixou que eu guardasse a bicicleta num lugar fechado foi um gaúcho de bombacha e boina! Ele é que vai me despertar amanhã de madrugada.

Ontem à noite (6 de janeiro), apareceu um senhor para conversar com a gente. Ele era um dos organizadores da festa e todos os anos ia para o sul da Argentina. Falou do Glaciar Perito Moreno – vou passar por lá – e disse que realmente é impressionante, o que eu já tinha ouvido de outras pessoas. Explicou que todos os anos caem pedaços da geleira – que tem até 80 metros de altura, o tamanho de um edifício! Mas neste ano pode ocorrer o fenômeno da quebra dos glaciares, que deve ser no final de fevereiro. Talvez eu esteja passando por lá. Esse homem é fascinado pelo sul. Disse que há tantas montanhas, glaciares, rios, lagos, parques, e contou dos Bosques Petrificados, sobre os quais também ouvi falar e sempre vejo no mapa, mas não está no meu itinerário. Ele *ouviu* o bosque: ficou lá de noite, e com a queda da temperatura o bosque começou a trincar e a fazer barulho. Esse senhor que vai por caminhos incomuns e entra em contato direto com a natureza já encontrou até um cavalo morto em altitudes incríveis. “O que é que esse cavalo foi fazer lá, num lugar tão alto?” – se perguntava. São coisas que o deixam perplexo e maravilhado. O sul. Seu sonho é morrer lá, em algum lugar perdido entre as altas montanhas nevadas.

10 de janeiro de 1996.

No dia 7 (domingo), teve festa de novo até tarde da noite, e eu não podia dormir. Pedi ao gaúcho que me despertasse às 4h30. Ora, mas não consegui dormir quase nada com a música alta. E antes que ele visse me acordar, disparou o alarme de um carro! Que droga! Justamente no dia seguinte, eu teria que percorrer a maior distância até então... Bem, entre acordar e arrumar tudo, com o acréscimo de dois cantis cheios, num total de oito litros a mais de água (ou seja, oito quilos!), fora as quatro garrafinhas, que tinham um total de três litros, parti às 7h30. A bicicleta começou a incomodar logo no início, pois os cantis cheios caíam para os lados. Bom, para meu azar, nos primeiros 40 km furou um pneu! Pus a bicicleta de cabeça para baixo – uma façanha, com todo aquele peso! – e troquei a câmara. Nesses casos, é o mais rápido e, depois, não tem um tanque cheio de água para localizar o furo! Aliás, para poder parar em algum lugar, só se houvesse alguma árvore ou marca de cimento na estrada para encostar a bicicleta, mas, como eu estava entrando numa região deserta, a possibilidade de encontrar alguma árvore – e sombra – era cada vez mais remota. Bem, segui adiante. Na estrada, não havia nada, nenhum movimento, nenhuma casa, nenhum posto de gasolina, nada! Continuei a viagem até que furou o pneu dianteiro. Que azar! Justo hoje que é o dia mais difícil até agora! Além do trabalho para trocá-lo – dessa vez, tive que deitar a bicicleta –, minha bomba não funcionava direito. Era só o que me faltava...

Consegui deixar o pneu mais ou menos cheio, e esperaria para calibrá-lo bem no próximo posto... Ia seguir viagem, quando percebi que o pneu traseiro estava estranho: tinha um corte no pneu! Eu estava usando pneus finos e sem estrias, para asfalto, e levava de reserva dois pneus para estradas de terra, que usaria mais tarde. Mas tive que trocar o pneu (além da câmara que já tinha trocado), e fiquei com o pneu dianteiro para asfalto e o traseiro para estrada de terra. Depois é que percebi o meu erro: a câmara de

asfalto é mais fina e, ao trocar de câmara, pus uma mais larga, que forçou o pneu de asfalto e o rebentou. Bem, depois de todo esse trabalho – com uma bomba que estava dando problemas – e irritado, continuei a viagem, com medo de que mais alguma coisa acontecesse. Não aconteceu mais nada com a bicicleta, mas, lá pelas tantas, começou um “ventinho” contra... Eu ia pedalando devagar e, quando faltavam uns 30 km para chegar (eu já tinha percorrido 95 km), já estava cansado. Um vento contra, como digo, é sempre uma provocação, uma prova de paciência, um desgaste psicológico. Mais ainda nesse dia que eu teria que bater meu recorde e nem sabia se ia chegar, talvez tivesse que dormir no caminho. Além disso, a estrada tinha muitas subidas lentas e longas. Bem, na última subida, já chegando ao meu destino, que era o posto de gasolina do Automóvil Club Argentino, desci da bicicleta e fui caminhando, pois não agüentava mais pedalar.

Cheguei às 20 horas! Logo comecei a conversar com algumas pessoas dali e outras que estavam de passagem. Conheci duas argentinas que iam dormir no alojamento para sócios do Automóvil Club e estavam viajando para Bariloche. Conversamos bastante sobre a viagem. Como não tinha chuveiro quente e fazia frio, fiquei sem tomar banho. As argentinas me convidaram para sentar com elas, e eu pedi um frango com batatas e salada. Não agüentava cozinhar, lavar, guardar... Conversamos bastante sobre várias coisas, minha viagem, o tempo em que morei em Cuba, etc. Elas eram muito simpáticas. No final, pagaram a minha conta! O alojamento era caro, então armei minha barraca ao lado do posto de gasolina e fui dormir. No outro dia (9 de janeiro), levantei cedo e fui tomar café no posto, e encontrei de novo as argentinas que seguiam viagem. Fui arrumar as coisas para partir e tive outra “surpresinha”: o pneu de trás estava furado... A bruxa está solta!

Verifiquei todas as câmaras que tinha num tanque com água do posto, para me certificar de que não havia mais nenhum furo. Consertei os furos, calibrei os pneus no

posto e saí às 9h30 com destino a Puelches, um lugarzinho a apenas 35 km dali, onde eu ia descansar um dia inteiro antes de continuar. Como eu tinha feito muito esforço no dia anterior, não era aconselhável parar, mesmo que eu estivesse num lugar com infraestrutura. Acontece que os músculos produzem o ácido láctico, que causa uma intoxicação e dor, e o melhor a fazer no dia seguinte não é parar, mas pedalar num percurso mais leve e só descansar no terceiro dia, e era isso que eu faria. Cheguei a Puelches às 13 horas sentindo, não dores nas pernas, mas um cansaço em todo o corpo pelo dia anterior e por um pouco de vento contra.

Bem, toda essa estrada passa por uma região plana e árida como um deserto. No caminho, não tem nada, nenhuma casa, nem comércio, nem posto de gasolina, nada. Aos poucos, o terreno – que em Buenos Aires e La Pampa era totalmente plano – vai ficando levemente ondulado, rumo à Cordilheira dos Andes. Eu tinha que parar para descansar um dia em Puelches, já que o próximo lugarejo está a 90 km, e também não tem nada na estrada até lá. Com o calor, a água nas garrafinhas esquenta, e tomar água quente é o fim. Às vezes, eu seguia o conselho do Vitor Negrete³, um ciclista que foi até Ushuaia e com quem conversei ao telefone pedindo dicas de viagem: misturar um suco em pó na água; assim, eu tomava algo quente, mas pelo menos tinha algum sabor para disfarçar...

Cheguei a Puelches e o que vi foi simplesmente meia dúzia de ruas sem calçamento, com a estrada passando no meio. O solo é seco e cheio de pedras. Pensei: onde é que eu vou dormir num lugar como esse? A primeira pessoa que vi estava numa barracharia. Acenei e me aproximei. Logo apareceram outras pessoas a perguntar sobre a minha viagem. Me trouxeram água gelada e me ofereceram um churrasco que tinham

³ Vitor Negrete morreu escalando o Everest em 2006.

feito para o almoço, com pão e maionese. Encostei a bicicleta dentro da borracharia e fui comer no pátio. Depois, ficamos conversando durante a tarde. Eles disseram que tinha uma pousada ali, mas só abria depois da *siesta*. Esperei até mais tarde, num calor danado, e fui até a pousada, que custava US\$ 10 o quarto com banheiro e água quente. Fiquei ali para descansar numa cama e não precisar estar montando e desmontando a barraca. À tarde, encontrei um caminhoneiro brasileiro que era de Araranguá (SC)! É que muitos caminhoneiros vão buscar frutas no Vale do Rio Negro. À noite, fui jantar num restaurante do outro lado da estrada, um oásis, nunca eu ia imaginar que houvesse um restaurante ali – nem uma pousada. Era algo inacreditável, mas era verdade. Um restaurante até legal, com boa comida e gente simpática atendendo. Foi nesse lugar, num povoado perdido no meio do pampa árido, que comi melhor até agora. Conversamos – como sempre acontece – sobre minha viagem. No final, não me cobraram uma cerveja!

Quando eu estava indo jantar, atravessando o asfalto, vi um pôr-do-sol dos mais exuberantes. Todo o horizonte plano fica avermelhado, e o azul do céu se amplia como se estivesse num lugar infinito. Depois da janta, me deparei com uma Lua quase cheia, que tornava o vasto pampa ainda maior. Se não estivesse tão cansado, a vontade que eu tinha era de sair pedalando de noite com aquela Lua.

Voltei para a *hospedaje*⁴ e fui dormir. Realmente, uma cama me fez bem, dormi até as 9 horas (quando, na barraca, geralmente, acordava às 6h30). Fiz meu café no quarto e comi frutas. Hoje, vou ter que ficar aqui para descansar. É um fim-de-mundo, não há absolutamente nada para fazer, mas já conheço várias pessoas para conversar e tenho que preparar algumas coisas, além de escrever. Ontem, já aproveitei para lavar roupa. Amanhã, quero sair cedo para enfrentar 90 km até Gobernador Duval, que parece

ser um lugar menor ainda do que este! Lá seguramente vou dormir na barraca, é bom para economizar. Mais um dia até Chichinales (80 km) ou Villa Regina (95 km) e já terei saído do “deserto” para encontrar muitas cidadezinhas, uma perto da outra, e já perto de Neuquén, que é capital de província e muito maior. Assim, mais três ou quatro dias de viagem e estarei descansando em Neuquén, ou seja, lá por sábado ou domingo.

Puelches tem um correio! Fui até lá, mas não vi nada. Alguém me falou: “É naquela casa, é só bater”. Voltei até lá, bati na porta, e uma senhora de idade atendeu. Pegou uma chave, abriu outra porta, de um pequeno escritório, e selou a carta. Perguntei quando aquela carta sairia de Puelches – era uma quarta-feira –, e ela me disse que o caminhão deveria passar para recolher a correspondência na sexta-feira...

12 de janeiro de 1996.

Saí cedo de Puelches em direção a Gobernador Duval ontem e andei 90 km com muito vento contra. Cansei muito e cheguei a Duval pelas 17 horas. Realmente, é menor do que Puelches, mas me senti melhor. Tem um posto de gasolina cuidado por um casal. Fiquei conversando com eles, são jovens, e tinham uma moça que era parente, de uns 18 ou 19 anos, que estava de visita e conhecia Florianópolis! (Parece que *toda* a Argentina já esteve em Floripa...) Tomei banho de mangueira – voltei pra água fria! –, armei a barraca e fui cozinhar. Com tanto cansaço e tendo comido apenas frutas e bolachas no caminho – como sempre –, penso que, de noite, devo comer uma janta reforçada.

⁴ Em, espanhol, *hospedaje* é uma palavra masculina. Portanto, se diz *el hospedaje*. Mantive, no entanto, o artigo feminino em português, a *hospedaje*, como “a hospedaria”.

Acontece que não consigo: faço o equivalente a duas porções de massa, e sempre sobra. O que significa que estou emagrecendo rápido. Talvez eu tenha que parar no meio do dia na estrada e cozinhar uma massa rápida. Mas é que fico ansioso para chegar, não sei se vou enfrentar vento contra ou não, não sei exatamente a que horas vou encontrar a próxima cidade, etc. Além do fato de ter que abrir bolsas, montar o fogareiro, cozinhar, lavar (com que água?), secar, guardar tudo... Então, prefiro comer bolachas e frutas. Em Gobernador Duval, ganhei uma garrafinha de água!

Bem, dormi cedo e no outro dia tomei um café no posto de gasolina. Estava com uma super preguiça e vontade de passar o dia numa cama lendo ou vendo um filme antigo na televisão. Que ilusão! Amanheceu com frio e vento. Que azar! Bom, saí às 10 horas e fui devagar. Já nos primeiros 10 km, percebi que não iria muito longe: o vento contra era forte, o asfalto, ruim, e as pernas estavam cansadas. No caminho, parou um cara de moto. Era brasileiro (do Rio Grande do Sul) e ia para Bariloche. Conversamos, trocamos idéias sobre itinerários e tiramos fotos. Ele me deu de presente duas coisas úteis: um extensor e um líquido para colocar dentro dos pneus que evita furos. Depois, cada um seguiu seu caminho. Decidi parar no povoado mais próximo, Chelforó, que estava a 41 km. A partir daí, encontraria várias cidadezinhas até Neuquén. Portanto, chegando a Chelforó, acabei a primeira travessia por lugares desertos. Foram 289 km. O “deserto” aqui não é tão árido quanto a “Ruta del Desierto”, por onde as pessoas vão de carro ou de ônibus em direção a Bariloche. Mas a Ruta tem 300 km sem nada, e seria muito difícil de bicicleta, por isso escolhi esta estrada secundária, que praticamente não tem movimento.

Mas o “deserto” tem uma vida animal: aranhas, pássaros, sapos, tatus e... Pumas! Não vi nenhum puma, que é um dos animais mais ariscos que existem, mas sei que ele

povoa toda essa região e é mais ativo à noite – como todo felino. Inclusive, comprei um cartão-postal com a foto de um puma.

Bem, Chelforó também não é nada: são algumas casas na beira de estrada e dois mercadinhos. Do outro lado, tem um posto de gasolina e uma borracharia. Parei ali para calibrar os pneus, e o borracheiro me deu água gelada. Falou que era amigo de caminhoneiros brasileiros que passavam por ali carregando maçãs e pêras argentinas, e já me convidou para acampar ali mesmo, no terreno da borracharia, ao lado de sua “casa” (tinha uma única peça) e comer com eles (esposa e dois filhos pequenos). Fiquei por ali, com a barraca entre uma carcaça de carro, sucata, tijolos, pedras... Tomei banho – frio, é claro! – no posto e comprei carne, massa e cerveja para a noite. Eu estava comemorando os meus primeiros 1.000 km de bicicleta. Que sorte! O borracheiro Stuardo arrumou meu walkman! Agora, posso enfrentar os ventos. Stuardo e Claudia são muito simpáticos, já rimos bastante nesta tarde, e amanhã parto para Villa Regina (55 km) ou outra cidade mais adiante, se não houver vento forte. No deserto, vi muitos animais (gado) mortos na estrada, só nos ossos e no couro. É uma região vasta e muito árida, não tão plana quanto a Província de Buenos Aires, mas com subidas lentas que, somadas ao vento contra, me faziam pedalar devagar demais. Resumindo: é um fim-de-mundo. No deserto, nenhuma sensação de abandono, solidão, medo ou tédio. Sinto tristeza é num quarto de *hospedaje*, esperando o dia seguinte para partir, num lugar sem ter com quem conversar. Aqui, numa borracharia pobre de beira de estrada às portas do deserto, estou ótimo, com meus amigos Stuardo e Claudia. À noite, vou comer com eles. Ah, ontem em Gobernador Duval liguei para casa, mas Lu não estava. Descobri que posso ligar a cobrar de qualquer lugar, por menor que seja, dependendo do tipo de telefone. Assim, hoje liguei para meus pais aqui de Chelforó e mais tarde vou tentar falar com a Lu.

15 de janeiro de 1996.

Bem, em Chelforó, na casa de peça única do borracheiro (a cozinha era dividida da cama de casal por um armário), bebemos vinho, cerveja e sidra, e Stuardo preparou um talharim com molho de tomate e carne. Conversamos bastante, rimos muito, e fui dormir tarde. Foi um dos lugares onde melhor me receberam em toda a viagem. No outro dia cedo, passou um caixeiro-viajante vendendo roupas, daqueles que só aparecem duas vezes por ano num lugarejo perdido como aquele... Claudia ficou de olho numa blusa para um dos filhos, que custava dez pesos, mas eles não tinham dinheiro. Então, paguei a blusa e a dei de presente para eles. Nos despedimos, e sempre, durante toda a viagem, vou lembrar desses duas pessoas pobres e simples, morando com os filhos num cômodo, felizes por dividir comigo sua solidão e me prestar o auxílio que fosse necessário.

Saí às 9h30 saí com destino a Ingeniero Huergo, e como quase não tinha vento, pude viajar sem me cansar. Em Ing. Huergo, fiquei num camping municipal grátis e, claro, com banho frio e aqueles banheiros horríveis sem vaso sanitário, apenas um lugar no chão para acocorar-se... Nesse camping, conheci mais caminhoneiros brasileiros que estavam esperando para carregar pêras. Como sempre, as pessoas vinham falar comigo, curiosas com aquela bicicleta cheia de bagagem. O camping está à beira do Rio Negro, num lugar bonito.

No outro dia (14 de janeiro, domingo), saí para Neuquén, que estava a uns 70 km. Fui devagar e parando mais, assim ficaria mais descansado. Descobri a maneira de

telefonar a cobrar sem precisar ficar procurando um posto telefônico (pois não é possível uma ligação dos telefones de rua): na estrada, comprei cartões telefônicos com cartão de crédito. Do posto de gasolina, liguei para casa. Agora, vou tentar fazer isso nas próximas vezes.

Bom, uns 6 km antes de chegar a Neuquén, em Cipoletti, parei num barzinho à beira da estrada, que é o famoso “Porto Alegre”, de um brasileiro, e onde param muitos caminhoneiros. Logo, dois deles que estavam sentados me chamaram para conversar. Eram argentinos e ficaram fascinados com a minha viagem – novidade... Tiraram fotos e tanto insistiram, que eu aceitei que me pagassem um sanduíche e água. Um deles, ao conhecer meus planos de viagem, me disse: “O mais importante, o mais bonito de tudo isso, é a gente planejar um sonho e realizá-lo. Tudo o que você vai ver é seu: não vai aparecer nas fotos nem nas histórias que você vai contar. Vai ficar tudo dentro de você. Toda a experiência dessa viagem será muito grande, e só sua”. Foi então que conheci uma expressão da língua espanhola que ele me ensinou: “¿*Quién te quita lo bailado?*”. Ou seja, traduzindo literalmente, seria: “Quem te tira o dançado”, que, na verdade, teria que ser traduzido por algo assim: “Quem te tira o que dançaste?”. Quer dizer, quando dançamos, esse ato de dançar, esse gesto do corpo, não se pode agarrar, portanto, tampouco se pode “roubar”. O que eu dancei é só meu. E assim, disse o caminhoneiro, seria a minha viagem. Algo só meu, que eu poderia depois tentar transmitir aos outros – pelas fotos, por este diário... –, mas que, na verdade, eu não conseguiria totalmente, pois o mais impactante vai ficar comigo para sempre, sem que eu consiga expressar.⁵

Quando me dei conta, já eram 20h30, e começava a anoitecer. Nos despedimos, e cheguei a Neuquén. Procurei o camping municipal, que custava US\$ 2. Cheguei à

⁵ Esse caminhoneiro, de quem não lembro o nome, tinha toda razão.

noite e montei a barraca. Fui tomar um banho e voltei. Quando procurei minha bolsa pochette, não encontrei: esqueci no banheiro! Voltei lá, e já não estava mais! Procurei o encarregado do camping, mas ele não sabia de nada, ninguém tinha ido entregar nada, e tudo levava a crer que eu tinha sido roubado, o que, naquela cidade, num parque-camping cheio de gente, não era nada estranho. Merda! Fui para a barraca tentar dormir. Na pochette, estavam a chave do cadeado da bicicleta, minha carteira com algum dinheiro (felizmente só um pouco, o resto eu guardava em outro lugar), meus documentos, cartão de crédito... Lá pela meia-noite, o encarregado veio me chamar para ir à polícia dar queixa. Assim, lá fui eu dar queixa, e voltei de carona com a polícia lá pelas 2 da madrugada. Dormi, pensando em todas as providências que teria que tomar no dia seguinte. Eu tinha feito um seguro-saúde que cobria também roubo de dinheiro. Mas até telefonar, explicar tudo e esperar o dinheiro da seguradora, etc., seria um transtorno. Bem, no outro dia de manhã, lá pelas 7 h, alguém me chamou. Abri a barraca e dei de cara com um rapaz que me perguntou: “Esta bolsa é sua?”. Ele tinha entrado no banheiro logo depois que eu saí e a encontrou. Que sorte! Ele estava com outras pessoas e iam para Bariloche de férias. E, lógico, já que era argentino: conhecia Florianópolis... Conversamos um pouco, agradei muito, e tudo afinal não passou de um susto. Amanhã, vou sair do camping e procurar um hotel para descansar e resolver algumas coisas.

16 de janeiro de 1996.

Ontem, procurei alguns hotéis e acabei ficando no Hotel Nuevo Parque. Deixei a bicicleta guardada numa sala e me instalei no quarto. Assim, a bicicleta ficou em segurança, e eu podia dormir bem numa cama. Aproveitaria para fazer uma limpeza geral e nova lubrificação da bicicleta no pátio do hotel.

Neuquén é uma cidade simpática, com ruas arborizadas e – infelizmente – muito movimento de veículos. Ontem, passei um pouco, telefonei para a Lu (tínhamos combinado) e troquei dólares. No departamento de turismo local, descobri que, no percurso de Piedra del Águila a San Martín de los Andes, tem um posto de gasolina do Automóvil Club Argentino. Isso é ótimo, porque é uma distância de uns 180 km, e eu terei que fazer em dois dias. O Automóvil Club já me salvou uma vez, no deserto.

Hoje, limpei e lubrifiquei a bicicleta, apertei os parafusos, regulei o câmbio e os freios, etc. Comprei uma bomba nova e um pneu mais fino para substituir o de asfalto que teve um corte. Agora, vou estudar o próximo percurso. Dentro de dois ou três dias, estarei subindo a Cordilheira dos Andes com suas paisagens alucinantes.

A partir do Rio Colorado, se entra oficialmente na Patagônia, uma vasta região que compreende 25% de todo o território argentino. Neuquén já é Patagônia, mas dizer: “Vou viajar à Patagônia” não quer dizer muita coisa, a não ser que se visite *toda* a Patagônia. É um território vastíssimo que vai até a Terra do Fogo, a maior ilha da América do Sul, no extremo sul do planeta. A Patagônia tem uma vegetação rasteira, com pequenos arbustos, sem nenhuma – absolutamente nenhuma – árvore, a não ser na Cordilheira. E possui uma fauna incrível – o puma, o guanaco, o condor, a raposa, a lebre, a ema (o *ñandu*, em língua indígena), etc.

Bem, o cara da recepção do hotel – adivinhem... – também conhecia Florianópolis... É incrível! Metade da Argentina já estive na ilha!

Hoje, ia almoçar num restaurante chinês, pois é a única maneira de comer uma comida variada, com muitos legumes, arroz, carne, frango, peixe, etc., na Argentina. Mas no caminho descobri um restauantezinho que servia um buffet a US\$ 5. Entrei, o dono me atendeu e logo saiu falando português... Disse que tinha morado oito anos no

Brasil e tinha tido dois restaurantes, um no Rio de Janeiro e outro em... – não, não é brincadeira: Florianópolis!

Ontem, procurei o jornal *Río Negro* para uma nota sobre minha viagem. Um repórter tomou notas, e um fotógrafo tirou umas fotos minhas com a bicicleta. Mas não vi nada nos dias seguintes...

Comentário sobre a comida argentina: é um desastre. O café da manhã do hotel – e dizem que dos hotéis em geral – é uma xícara de café e duas ou três *medias lunas* (o croissant). E isso custa US\$ 3,50! O prato principal de um restaurante geralmente é carne e batatas fritas, mais uma salada, e sai por US\$ 7.

Bem, saí agora à tarde para tomar um café e decidi comprar uma revista para ler enquanto isso – até agora não tinha lido nada sobre nada! Nem trouxe um livro para a viagem – eu, que não passo um dia sem ler. Pois bem, achei uma revista vinculada à National Geographic atrasada, mas tudo bem. Abro a revista, e tem uma reportagem sobre o quê? Ushuaia! Esse lugar me persegue desde que abri um jornal em julho de 1994 com uma reportagem sobre a cidade mais austral do mundo. Desde então, venho planejando esta viagem. Cada vez que vejo fotos de Ushuaia e das paisagens da Terra do Fogo, volto a ter o ímpeto para pôr logo a bicicleta na estrada e partir, mesmo com todos os ventos, montanhas e lugares desertos pela frente – ou por isso mesmo.

Hoje, vou telefonar pra Lu, depois dormir para amanhã retomar a viagem rumo a Bariloche, aonde calculo chegar em dez dias, parando na bela cidadezinha de San Martín de los Andes.

17 de janeiro de 1996.

Saí às 9 horas de Neuquén com destino a El Chocón, a 76 km. Dia de Sol, como sempre. Comecei a pedalar e me dei conta de que o vento estava a favor! Passei a usar as marchas mais pesadas e segui adiante pelo deserto, pois ele não tinha acabado, pelo contrário: me parecia ainda mais árido. Só vou sair dessa região seca no trecho entre Piedra del Águila e Junín de los Andes. No total, vou ter pedalado uns seis dias por essa aridez, sem contar com o trecho da Ruta 22 que leva a Neuquén, que está num vale fértil – o Vale do Rio Negro –, com sua produção de maçãs, pêssegos, pêras e ameixas. No caminho, como minha dieta é de bolachas e frutas, abuso das nectarinas e das ameixas, verdadeiras delícias!

Bem, cheguei a El Chocón, e ainda eram 13 horas. Eu tinha pensado em dormir lá, mas resolvi aproveitar o vento a favor que continuava – eu já tinha percorrido mais de 70 km – e seguir até Picún Leufú (outro nome indígena), mais 50 km. Cheguei lá pelas 18 horas e bati meu próprio recorde: 137 km num dia! Chegando a Picún Leufú, parei num posto de gasolina à beira da estrada e conversei com o rapaz que atendia no minimercado. Ali mesmo, ao lado do posto, tinha um lugar para acampar, e me instalei. Tomei banho no banheiro do posto e fui montar a barraca. Guardei a bicicleta numa sala com chave e descansei. À noite, fui comer no único restaurante que tinha lá, cuja comida custava US\$ 8. Amanhã, vou a Piedra del Águila, a 96 km. Bem, Vitor Negrete, que fez essa viagem em 1993, me disse que essa região tem o pior vento. Mas eu tive sorte, pois peguei um vento a favor.

Já soube que a informação que me deram em Neuquén é furada: entre Piedra del Águila e Junín de los Andes – cerca de 180 km –, não tem absolutamente nada. Mas na bifurcação de estradas, para Bariloche ou para Junín, tem um rio, e é aí mesmo que eu

vou acampar. Sei que a água dos rios e lagos da Cordilheira é pura, mas esse rio, que está muito mais baixo, eu não sei. Em todo caso, levo pastilhas de cloro para purificar a água, se necessário.

19 de janeiro de 1996.

Saí de Picún Leufú ontem com destino a Piedra del Águila. Eu pensava antes que eram 88 km, mas realmente são 96 km. E começou o dia com vento contra! Não era um vento tão forte, mas desta vez estava cansado; afinal, no dia anterior eu tinha andado 137 km. Fui pedalando devagar por paisagens incríveis, com uma aridez e cores estranhas. À, certa altura da tarde, me dei conta de que levava pouca água. Que estranho, porque sempre calculo tudo e me preocupo demais com a água, que é o principal numa viagem dessas: o organismo pode ficar até 20 dias sem comida, mas apenas quatro sem água. Falha técnica... O calor aumentava, o vento continuava, até que vi uma placa: “Zoológico – acesso a 3 km”. Se eu não me engano, Vitor Negrete e Oswaldo Martina (li sobre a viagem deles numa revista) dormiram aqui. Bem, esperei aparecer a entrada do zoológico, mas nada, apenas uma plaquinha indicando lugar para pescar à beira do Rio Limay. Continuei pedalando e vi uma placa igual à outra, mas no sentido contrário: eu já tinha passado... Agora, o jeito era continuar. Onde encontraria água? Será que a estrada vai cruzar o rio em algum momento? Bem ao longe, vejo algumas árvores à beira da estrada. Só pode ser água! Chegando lá, encontro dois rapazes parados com um caminhão do lado de um açude com patos e tudo. Perguntei se aquela água era potável, e me disseram que não, mas me deram uma garrafa de um litro e meio de água gelada! Bebi toda a garrafa! Depois, fiquei ali descansando, e eles se ofereceram para me levar até Piedra del Águila, que estava a uns 20 km.

Eu tinha pensado, antes de começar a viagem, em nunca pegar carona, a não ser em caso de não conseguir seguir adiante por algum motivo. Nesses dias em que estou viajando, vi gente de carona, e às vezes pensava: “Que viagem rápida e econômica! Poder ir às vezes de caminhão e economizar dois ou três dias de tempo e dinheiro...”. Mas pensei que a minha viagem era uma aventura *de bicicleta*, e nas condições de muito cansaço ou algo assim, eu não pararia nenhum caminhão, mas decidi que, se alguém parasse e me convidasse para me levar de carona, eu aceitaria, como já disse, se estivesse em condições problemáticas. Bem, lá estava eu em condições problemáticas... 137 km num dia, mais 70 km agora com vento contra e pouca água, e um calor infernal. Bem-vindos os caminhoneiros! Mas eles estavam carregando água para uma obra e só iriam a Piedra del Águila às 20 horas. Nisso, parou outro caminhão que ia para lá. Fui falar com eles e peguei uma carona de 20 km. Ainda bem! Nesses últimos quilômetros, tinha uma subida longa, e nós estávamos derretendo dentro do caminhão... Cheguei a Piedra del Águila e fui para o camping municipal grátis. Tomei banho, montei a barraca, coloquei a mochila dentro, armei o fogareiro e fui cozinhar. Algumas pessoas vieram conversar comigo, e no dia seguinte também. Todo mundo faz uma cara de surpresa quando sabe de onde vim e para onde vou. Mas é uma surpresa agradável, às vezes emocionada. Vibram com a minha aventura, me desejam sucesso, me cumprimentam... E todos dizem: “¡*Qué lindo, qué lindo viaje!*”, que é como dizer: “Que legal!”. Sempre me estimulam, todos os dias, por todos os lugares por onde passo. Na estrada, continuam a aparecer os que acenam e buzina. Outro dia, parou um carro num cruzamento – eu estava parado descansando – e perguntou para onde eu ia, se precisava de alguma coisa, se estava tudo certo em minha viagem, etc.

Hoje, saí de Piedra del Águila – onde tem umas pedras estranhas, num visual meio lunar –, e o vento estava a favor. Incrível! Fui pedalando numa boa, mas

começaram as subidas de novo. O terreno, na verdade, vem subindo desde La Pampa, mas muito suavemente. Aos poucos, vai “enrugando” mais até começar as montanhas. Por isso, essa região no inverno é muito fria, e tem placas na estrada alertando para o perigo de gelo na pista. Me disseram que esse lugar já está a uns 500 m. de altitude. Daqui para Junín de los Andes, subo até os 850 m, para depois descer um pouco aos 775 de Bariloche. Bem, subi bastante em meio à paisagem árida e pedregosa, e de repente uma descida de 15 km! Lá do alto, avistei umas montanhas ao longe. Já tinha visto algumas antes, com partes claras de areia. Tinha um caminhão parado, e perguntei ao motorista: “Aquilo lá já é a Cordilheira dos Andes?”. E ele disse: “Sim, já é o início da Cordilheira. Daqui a Bariloche, são 140 km”. “¡Mi madre!”, pensei, emocionado. Sexta-feira, 19 de janeiro de 1996, às 15h30, vi pela primeira vez as montanhas dessa Cordilheira que só conhecia por fotos. Precisei pedalar mais de 1.400 km a partir do Rio da Prata para chegar a vê-la.

Começou a descida, e logo pude ver o incrível visual do encontro de vários rios e as montanhas próximas, mas só as mais distantes, à minha direita, já com bosques, que pertenciam à Cordilheira e tinham neve em cima. Desci os 15 km e, perto do rio, encontrei quatro rapazes de Neuquén que estavam girando de carro pela região de Bariloche. Conversamos um pouco e nos despedimos. Resolvi andar um pouco mais para procurar um lugar para acampar à beira do rio. Tinha outra subida grande. Fui pedalando e depois descí um pouco, mas aí a estrada se afastava do rio. Não quis arriscar ir mais adiante, e o jeito foi voltar, passar pela subida de novo e descer por um caminho até o rio. Antes, quando eu estava quase parando a bicicleta, bem devagar, perdi o equilíbrio. Meu pé ficou preso na pedaleira, e fui caindo em câmara lenta com a bicicleta, a bagagem, tudo despencou!

Ali tinha um casal com uma criança tomando banho, pois fazia calor. Me aproximei, e começamos a conversar, pois eu queria saber se aquela água era potável. O cara estava mergulhando e encheu as minhas garrafinhas com água do fundo do rio. Ele também conhecia Florianópolis, o Pantanal, a Amazônia, etc. Tomamos chimarrão e batemos papo. Ao longe, vindo da Cordilheira, apareceram nuvens de chuva. Fui armar a barraca. Entrou um vento forte, e montei a barraca a tempo de guardar as coisas dentro. Logo começou a chover, e o casal foi embora. Voltei ao rio para buscar as garrafinhas de água. Bem, muita poeira, um corte no dedo, vento, a barraca balançando para todos os lados, mas estou instalado. Continuou a chover e a trovoar, mas depois a chuva passou. Hoje, vi de novo na estrada os *loros*, pequenos papagaios com plumagem verde, azul e amarela. Vi duas raposas mortas e, a certa altura, uma raposa atravessou a estrada! Afina, esse lugar é árido, mas possui muita vida animal. Vou dormir aqui e amanhã sigo para Junín de los Andes, a primeira cidadezinha do circuito da Cordilheira.

Como a chuva parou e o vento diminuiu, resolvi sair da barraca para dar uma olhada. Nossa! Mais um pôr-do-sol daqueles de deixar perplexo! O céu misturava tons de rosa, vermelho, laranja, azul e cinza para os lados das nuvens. O pôr-do-sol no pampa é sempre impressionante, com o horizonte todo vermelho. Mas este aqui, com o rio, as pedras e as montanhas da Cordilheira ao longe, foi o mais bonito até agora.

Câimbras! Pela primeira vez tenho câimbras na parte interna das coxas. Acho que não fiz alongamentos quando cheguei – esqueci, pois fui conversar com o casal na beira do rio... Dá-lhe alongamentos! E algumas fotos do fim de tarde. Bem, agora minhas pernas estão mais calmas. O pôr-do-sol aqui nesta época acontece às 21h30! E ele está lá, todo avermelhado, e lá fora da barraca (estou escrevendo dentro) ainda está claro. Hoje, o céu está nublado; é uma pena, pois não verei as estrelas – como aqui não

tem nada, nenhuma luz, nenhum poste, nenhuma casa, o espetáculo das estrelas deve ser demais. Como ainda tem vento lá fora, e não estou a fim de cozinhar, comi uma lata de atum com pão integral. De sobremesa, um *alfajor*. Que luxo!

Voltou a chover, são 22 horas e só agora começa a escurecer. Fui até lá fora fazer xixi. Um barulho vem das pedras junto ao rio, parece que é algum pássaro. Vou escutar música – além da chuva na barraca – e dormir.

Pensei, quando planejava a viagem, que haveria momentos assim: estar sozinho acampando em algum lugar totalmente vazio, sem casas, sem nada, só a noite descendo – e hoje também com chuva. Bem, devo dizer que é muito aconchegante, e que o que me deprime de verdade é estar num hotelzinho ou *hospedaje*...

Como toda rotina, o que tenho que fazer todos os dias às vezes é um pouco chato, mas não chega a me incomodar. Além das tarefas de que já falei de manhã – guardar tudo, desarmar a barraca...–, tenho que colocar o protetor solar, e fazer aquecimento e alongamentos antes de sair. Quando chego a algum lugar, também tenho que fazer alongamentos. Tudo isso – incluindo tomar banho, cozinhar, etc. – leva umas cinco horas! Mais umas seis ou sete horas pedalando, são 11 ou 12; mais sete dormindo, são 18 ou 19; sobram cinco ou seis horas para descansar, escrever, estudar o itinerário, passear, etc.

Na região árida em La Pampa, e depois de Neuquén, às vezes eu ficava com rachaduras e dor nos lábios por causa do Sol, dos ventos e de um pouco de frio de manhã. Então, comecei a usar o protetor labial que tinha trazido, e melhorei. Quanto ao protetor solar fator 30, uso desde o primeiro dia de viagem, às vezes pedalando durante sete ou oito horas sob o Sol, e não tive nenhuma queimadura.

21 de janeiro de 1996.

Ontem, acordei diante daquela paisagem exuberante, tomei chocolate e saí para pedalar 85 km até Junín de los Andes, primeira parada já subindo a Cordilheira. A princípio, não tinha vento, mas lá pelas 10h30 começou um vento contra não muito forte. A região agora já não era tão árida, tinha mais vegetação, embora não houvesse quase árvores. O caminho subia aos poucos pelos morros cobertos de vegetação baixa, algumas cabeças de gado e, às vezes, um pico nevado ao longe. Vi alguns animais como lhamas ou guanacos ao longe, não sei exatamente. À tarde, começou a esquentar, encontrei de novo o curso do rio e me abasteci de água, numa parada para descansar e comer alguma coisa, ou seja: bolachas doces, frutas frescas e secas. No rio, tinha gente pescando. Segui adiante muito cansado pelo vento contra. No meio do caminho, uma fonte de água que vinha do morro. Parece que estou na Ilha de Santa Catarina! Fazia tempo que eu não via morros, muito menos água. Parei para me refrescar, encher as garrafinhas com água fria e trocar a blusa Polartec por uma camiseta de ciclismo, porque estava com calor. Com ânimo novo, continuei e cheguei a La Rinconada, que não tem nada, é uma bifurcação onde tinha um posto de gasolina, mas já fechou.

Alguns carros estavam por ali, gente acampando, etc. Dali até Junín, faltavam 26 km. Se não me engano, o cara que conheci ontem à beira do rio me disse que a partir daqui era só descida... Como estava enganado! Já ali começou uma subida sem fim, e quanto mais eu subia, pior era o vento! Pedalei uns 10 km e não consegui mais. O vento e a subida lenta – além do peso – desequilibravam a bicicleta, principalmente a roda dianteira, e minhas mãos e meus braços começaram a doer. De certa maneira, também tinha cansaço acumulado. Continuei a pé, e o vento fazia um barulho infernal nos meus ouvidos. Parecia que nunca ia chegar a lugar nenhum! Acionei imediatamente o Apasid

– Aparelho para Situações Difíceis: música! Liguei o walkman e fui subindo a pé escutando Pat Metheny. Com o barulho do vento, eu tinha que aumentar o volume! Nessa situação, bem que alguma caminhonete poderia parar e me oferecer uma carona, mas nada! Já era difícil até caminhar com aquele vento. Lá pelas tantas, vejo que a estrada parece terminar e penso: “É ilusão de ótica, é uma miragem, depois dali deve continuar a subir”. Quando estava chegando lá, vi a placa de trânsito indicando descida. Ufa! Dali, se via parte da cordilheira. Parei para tomar fôlego e fotografar. Então, comecei a descer. O vento a partir desse momento parecia pior! Eu quase não conseguia escutar a música, e pela primeira vez me vi pedalando numa descida, tão forte que era o vento contra!

Bem, logo o vento diminuiu um pouco, e avistei o meu primeiro vulcão, o Lanín, que tem 3.776 metros de altitude e está a 70 km dali, com neve eterna lá em cima.

Cheguei a Junín e me instalei no camping, depois de um visual incrível. Desapareceram as dores. Banho de água quente! Comi dois sanduíches com maionese, presunto e queijo, uma lata de legumes e frutas. Depois dormi, acampado à beira do rio.

Hoje, tomei um café reforçado com o presunto e o queijo que comprei ontem (mais um luxo!): deixei do lado de fora da barraca. Com o frio que fez à noite, cerca de 11° C, não tinha tanto problema. (Agora, na Cordilheira, com o frio, posso comprar queijo, manteiga, iogurte... E sempre tem água potável por todo lado.) Depois, fui lavar roupa. Neste camping, até nas pias tem água quente. Conversei com um cara que era professor de Educação Física, e ele me ensinou mais alguns alongamentos úteis. Saí para comprar alguma coisa para cozinhar. Estava tudo fechado – hoje é domingo –, mas tinha um lugar com comida pronta. Comprei um bife à milanesa e salada, e cozinhei arroz.

Conheci dois rapazes que estão viajando de bicicleta – estão acampados do meu lado. São de Buenos Aires, vieram de ônibus até Zapala – uma cidade mais ao norte daqui – e daí começaram de bicicleta. Conversamos depois do almoço. Ontem, no supermercado, conheci um casal que também viajava de bicicleta. E tem muitos mochileiros na estrada e nos campings. Agora à tarde, estou descansando, escutando música e organizando as coisas para sair amanhã para San Martín de los Andes. Que bom dar uma dormidinha à tarde! Fazia tempo que eu não sabia o que era isso. E comer melhor. Às vezes, me aconteceu de comer alguma coisa de noite e depois me sentir agoniado, talvez por ter comido muito rápido, ou ter bebido muita água, ou porque o corpo estava muito cansado, não sei.

Até San Martín, são apenas 42 km, Junín está a 773 metros de altitude, e San Martín, a 625 m. Mas, no caminho, têm muitos altos e baixos. Paro em San Martín, porque é uma cidadezinha turística e bonita.

Estou começando a pedalar pela Cordilheira dos Andes. O ponto mais alto está exatamente na fronteira com o Chile, possivelmente a mais de 1.000m.

Olhei o mapa: a fronteira está a 1.308 metros de altitude! Vou ter que subir mais de 450 metros em apenas 47 km, não sei se consigo. O jeito é parar no primeiro lugar possível para acampar no Chile...

22 de janeiro de 1996.

Ontem, saímos eu, o Ariel e o Guillermo para comer umas pizzas. Eu ia comemorar meus 1.500 km, e também era a despedida de Guillermo, que estava voltando para Buenos Aires de ônibus. Na pizzaria, o dono nos serviu uma iguaria que

nos entusiasmou: *jamón de ciervo* – presunto de cervo! O cervo – como o guanaco – vive na região e tem cornos – que o guanaco e o lhama não têm (por isso, o que vi anteontem na estrada eram mesmo guanacos). Bem, comemos, bebemos e fomos dormir. Hoje de manhã, acordei me sentindo mal, tomei um café leve e comecei a arrumar as coisas para sair – embora o vento continuasse forte. Mas eu me sentia pior e voltei a me deitar na barraca. Mais tarde, apareceu o Ariel dizendo que ele também não estava muito bem, e o Guillermo tinha vomitado de madrugada. Maldito *jamón de ciervo*! Bem, comemos frutas e tomamos chá. Ariel foi com o Guillermo até a rodoviária e volta às 13 horas. Vai ficar hoje aqui no camping e parte amanhã. Resolvi ficar mais um dia para melhorar – não tinha forças para sair... Quem sabe amanhã diminui o vento... De qualquer modo, saio amanhã para San Martín. Portanto, hoje vou escutar música, ler pela terceira vez a revista *Rutas del Mundo*, tomar chá para melhorar, etc.

Na verdade, este foi o primeiro probleminha de saúde que tive, e não foi por nenhuma fraqueza do organismo, mas sim por uma comida estragada. Os ciclistas Ariel e Guillermo são muito legais, trocamos endereços, Ariel arrumou minha bomba pequena e, como trabalha aos sábados numa oficina de bicicletas, me deu algumas dicas sobre a minha. Eu dei pra ele um raio e emprestei a chave para tirar os pinhões traseiros, o que lhe permitiu trocar um raio traseiro quebrado. Ele achou a chave o máximo!

Agora, descobri que o rádio do walkman funciona, não precisa de nenhuma antena. Estou escutando FM pela primeira vez, e está tocando uma música do Juan Luis Guerra que escutei um ano inteiro quando morei em Cuba, em 1992...

Tempo: hoje choveu à noite, mas de manhã já tinha Sol. O vento que trouxe a chuva esfriou: às 8h30, a temperatura era de 11° C; isso quer dizer que aí pelas 5 horas deve ter baixado a uns 8 ou 9° C.

23 de janeiro de 1996.

Hoje, o dia amanheceu ensolarado e sem vento. Eu e o Ariel nos preparamos e saímos tarde, aí pelas 10h30. Andamos juntos uns 4 km, e Ariel pegou uma estrada de terra para visitar alguns lagos perto de Junín. Nos despedimos, e eu segui viagem. Continuo a pedalar numa bela paisagem, mas o vento contra começa e não me deixa em paz. Ainda bem que hoje só são 42 km. Faz frio, o que é ótimo para pedalar.

Cheguei a San Martín e encontrei uma cidadezinha com uma arquitetura de madeira e telhados para a neve. Ela está diante de uma pequena baía do Lago Lácar, cercado por montanhas. Da cidade, sai uma estrada à margem do lago e passa por um camping à beira de suas águas, onde me instalei. É um lugar super bonito, com diversos tipos de pinheiro, casas de madeira aconchegantes, todas com fogão a lenha ou lareira...

Hoje, fui ao centro da cidade de ônibus para comprar comida e telefonar. Até que enfim achei um posto telefônico público! Pude ligar a cobrar para os meus pais, e a Lu estava lá! Falei um tempão e dei as últimas notícias. Agora, estou tomando um café à beira do Lago Lácar – que já pertence ao Parque Nacional Lanín, o primeiro que visito – , e às 22h30 pego o último ônibus para o camping. Este lugar é muito lindo, com o lago, a arquitetura de madeira adaptada ao clima frio, os grandes pinheiros... Amanhã, volto à cidade para revelar um filme de fotos – quero ver se a máquina está boa, para continuar depois com os slides – e trocar dólares. Também tenho que colocar pneus para estrada de terra na bicicleta, pois a Ruta de los Siete Lagos é toda de terra. Depois de amanhã, saio em direção a Villa Traful, mas durmo um dia antes no caminho, num *camping*

libre, ou seja, não tem nada, apenas áreas naturais onde é permitido acampar – à beira de um dos lagos ou rios. Detalhe: nessa região, dentro dos parques nacionais, toda a água que eu encontrar é potável, pois é um ambiente altamente preservado. Já sei que o visual que me espera é fascinante e seguramente será um dos pontos altos desta viagem.

Ontem, com o Ariel, aprendi algumas coisas, como por exemplo: existe um carregador de pilhas a energia solar! Tenho que encontrar um. Falamos muito sobre equipamentos, ele também anda de bicicleta e pesquisa tudo o que é necessário para acampar.

Resolvi diminuir o peso na bicicleta daqui pra frente. Aposentei a lanterna grande e suas pilhas pesadas, pois posso usar na barraca o farolzinho da bicicleta – que até agora eu não usei, pois nunca pedalo à noite. Assim, me desfiz também de algumas pilhas (sem jogá-las no mato, é óbvio). Quando eu encontrar a Lu no Chile, dou a ela a lanterna, o descanso da bicicleta – é impossível usá-lo, mesmo, pelo peso da bici –, as bolsas de água que ganhei de uma empresa de São Paulo e que não usei – meus dois cantis de reserva são suficientes – e outras coisinhas. Nos períodos mais difíceis, na Ruta 40, na Argentina, terei que viajar às vezes dois dias ou mais sem nada no caminho, e levar água e comida em quantidades maiores. Assim, tenho que me livrar do peso excessivo e supérfluo.

Falando com o Ariel, decidi não ir a Bariloche. Acontece que eu teria que dar uma volta e somar dois dias para chegar lá, que é uma cidade famosa e turística, mas os visuais e os lugares para conhecer não estão na cidade, mas fora dela. Por outro lado, se eu fosse a Bariloche, perderia uma das partes mais incríveis da Ruta de los Siete Lagos. Então, resolvi fazer toda a Ruta, talvez ir a Villa Traful, e voltar para continuar até Villa La Angostura. Economizo tempo e dinheiro – pois, quanto mais cedo chegar ao Chile, melhor: ao que tudo indica, os preços lá estão mais baixos. Ariel me disse que em Villa

La Angostura tem o Bosque de los Arrayanes – o *arrayán* é uma árvore cor de canela, e lá é o único bosque do mundo com essa árvore. Nele, a equipe de Disney teria filmado Bambi, ou se inspirado nessa floresta para o filme, sei lá. Depois, vou para o Chile, ainda sem saber exatamente como subir os 450 metros em 47 km...

24 de janeiro de 1996.

Dia frio, nublado e às vezes com um chuvisco fino. Minha roupa para pedalar no frio não vai ser suficiente para temperaturas mais baixas (hoje está por volta de 12°C). Pedi pra Lu me trazer (vamos nos encontrar no Chile) um colete e uma calça de lã, mas preciso de algo mais, se a temperatura mais ao sul ou em altitudes maiores cair, por exemplo, perto de 0 °C. Em último caso, compro alguma roupa no caminho (também vou comprar luvas). Hoje, acordei com um pouco de diarreia – reflexos daquele maldito *jamón de ciervo*... Tomei um comprimido natural e comi frutas – maçã e pêra. Agora, vou ao centro trocar dinheiro, revelar o filme, e volto para trocar os pneus e organizar as coisas para sair amanhã.

Tem uma árvore comum aqui no Parque Nacional Lanín que é o *roble pellín*, alto, de tronco grosso e enrugado, e os exemplares que vejo aqui são muito velhos. Também tem os ciprestes compridos – esses são nativos. Há alguns tipos de pinheiros como o pinus, mas são de reflorestamento.

28 de janeiro de 1996.

Até agora, não tinha tido tempo de escrever, e com certeza vou esquecer de muitas coisas.

Saí de San Martín dia 25, quinta-feira, com frio e às vezes uma chuva fina. A estrada de terra com pedras e, às vezes, areia solta é horrível quando molhada: as rodas não andam direito, as pedras desequilibram a bicicleta, e as subidas cansam o dobro, ainda mais com todo o peso que carrego. Bem, até Villa Traful são quase 100 km, logo terei que dormir em algum lugar à beira de um rio ou lago no meio do caminho.

Comecei a pedalar devagar. Para sair do camping, tive que caminhar empurrando a bicicleta morro acima até a estrada – e depois a chuva aumentou. Ou seja: cordilheira (subidas), estrada de terra e pedras, vento, chuva e frio: tudo junto. Para piorar, passei por um trecho que estava sendo asfaltado, e o asfalto ainda estava mole e grudou nos pneus, travando ainda mais as rodas. Que saco! Lá fui eu, debaixo de uma chuva fininha, tirar o excesso de piche das rodas com o auxílio de uma pedra... Bem, segui adiante, e lá pelas tantas, quando a chuva tinha engrossado, vejo um ciclista parado perto da estrada, embaixo de uma árvore. Me aproximei, e começamos a conversar. Era o seu primeiro dia de viagem; tinha saído de San Martín com um primo, e este, nos primeiros cinco quilômetros, desistiu! Bem, continuamos juntos a viagem até Pichi Traful (mais um nome indígena), um rio que vai dar no Lago Traful, mais ou menos a 56 km de San Martín. Apesar da chuva, pudemos ver uma paisagem que é realmente impressionante, nesses 800 metros de altitude. Os lagos são fantásticos, especialmente o Falkner, e os bosques, as montanhas nevadas, a cor da água dos rios... Tudo é verdadeiramente deslumbrante. Chegou um momento em que parei a bicicleta no meio da chuva e fiquei admirando um paredão montanhoso com seus bosques. É simplesmente indescritível! Me lembro do poeta japonês Bashô e sua viagem a pé e a cavalo pelo Japão, onde ele parava e escrevia hai-kais inspirados na paisagem. Bem, Bashô que me desculpe, mas eu, diante da Cordilheira dos Andes, fiquei mudo. O que é

que eu posso escrever diante do que vi, diante do inenarrável? Só posso ficar calado: não há o que contar ou descrever, só é possível contemplar.

No caminho, havia um “oásis”: um café com lareira acesa, café (óbvio), sanduíches, etc. Fazia muito frio, chovia, e aquele lugar caiu do céu. Paramos ali para secar um pouco. Nossa! Vimos umas oito bicicletas paradas! A quantidade de gente viajando de bicicleta pela Ruta de los Siete Lagos é impressionante. Até bicicletas *tandem* (duplas) vimos, com casais pedalando juntos. Depois, seguimos viagem por essa parte inesquecível da cordilheira e paramos no final do dia no Rio Pichi Traful, onde vimos algumas pessoas acampando. Bom, o vento e a chuva deixavam tudo úmido, e o frio aumentava, sobretudo depois de parar de pedalar. Eu estava usando praticamente toda a roupa que tinha trazido. Armamos as barracas e cozinhei um cappelletti com molho de tomate. Héctor – que é argentino – tinha suas roupas molhadas. Não tinha nada impermeável e não colocou nada em sacos plásticos. Um desastre! Eu usava calças e capa impermeáveis, e tudo o que eu trazia na bicicleta estava dentro de sacos plásticos – o que nem sempre garantia uma impermeabilização total. Ah, um detalhe: a família de Héctor estava em San Martín viajando de carro pela região. Nesse primeiro dia, nos encontramos no caminho para um “apoio logístico”.

O lugar onde acampamos era belíssimo, à beira do rio. Comemos e fomos dormir. O frio era intenso, tudo estava úmido, o vento balançava a barraca, e eu estava congelado até os ossos! Ainda bem que um dia antes eu tinha comprado um blusão de lã para ciclismo em San Martín, pela metade do preço que teria pagado em outro lugar. Dormi com esse blusão e tudo, fechado no saco de dormir até a cabeça, e mesmo assim tremia de frio!

O pior é no outro dia ter que sair da barraca – o tempo continuava ruim – e pegar água super gelada no rio para fazer café – mas, antes, lavar a panela da noite anterior...

Minhas mãos congelam nessas águas frias. Bom, arrumamos tudo e continuamos a viagem. Com o cansaço das subidas e da estrada ruim, além do mau tempo, decidi não ir a Villa Traful e seguir direto a Villa La Angostura com o Héctor. Seriam 60 km, e eu economizaria um dia de viagem. Bem, a paisagem continuou deslumbrante, e o tempo melhorou um pouco. Às 15 horas, encontramos a família do Héctor, que nos trazia um macarrão quentinho e refrigerante. Paramos na estrada para comer de pé e tiramos algumas fotos. Era a entrada para Villa Traful. Ainda bem que decidi não ir até lá, pois tinha uma subida infernal logo no início, e eu morreria de cansaço ali. Villa Traful é famosa por sua beleza, mas o tempo não ajudava muito. Bem, seguimos viagem com muitas subidas e descidas. Eu disse ao Héctor que avançasse e me deixasse para trás, pois eu carregava o dobro do peso que ele e estava realmente cansado. Chegou um momento em que, nas piores subidas, eu ia caminhando, e mesmo assim era extremamente cansativo, eu tinha que parar para tomar fôlego. No caminho, conheci um casal que viajava de bicicleta desde Coihaique, no sul do Chile – vou passar por lá –, e me confirmaram que a Carretera Austral – uma estrada de 700 km – é a parte mais bonita da viagem. “Mais bonita do que isso aqui?”, perguntei. “Sim!”, me disseram. Bem, espero para confirmar. Com muito esforço, cheguei ao trecho asfaltado: eram os últimos 15 km até Villa La Angostura, à beira do Lago Nahuel Huapi (o “Lago do Puma”, o mesmo que banha Bariloche). Terminei a Ruta de los Siete Lagos, um dos lugares mais belos do planeta! Com asfalto, tudo fica mais fácil, então fui devagar no último trecho, mais descansado que na estrada de terra. Quando estava quase chegando, admirando aquele visual de lago, bosques e montanhas, furou um pneu. Que azar! Lá fui eu virar a bicicleta de cabeça pra baixo... Pelo menos, a bomba que eu tinha comprado funcionava bem. Troquei a câmara rapidamente e continuei a pedalar. Quando estava já entrando na cidade, apareceu o Héctor, que vinha ver onde eu estava, para me avisar em

que camping ele tinha parado com sua família. Me juntei a eles. Depois de dois dias de frio, umidade e lama, um banho quente! Depois, me convidaram para jantar com eles. Arroz com frango e vinho tinto! Afinal, eu estava comemorando meus primeiros 30 dias de viagem. Nesse dia, dormi com um pouco menos de frio, mas sentia dores estranhas na perna direita, certamente era o tal ácido lático intoxicando os músculos.

No dia seguinte, o tempo estava um pouco melhor. Fui a uma lavadeira que morava perto do camping e deixei roupas para lavar. Depois, fui limpar um pouco a bicicleta. Que desastre! O asfalto tinha entrado nas engrenagens do câmbio, nas coroas, nos pinhões, na corrente, em tudo! Grudava como cola e acabava fixando ainda mais barro. Não foi à toa que senti a bicicleta tão pesada e me cansei demais! Tive que limpar com gasolina e lubrificar com teflon, para evitar acúmulo de areia e barro.

Aqui em Villa La Angostura, tem um lugar numa península que avança lago adentro, que é o Bosque de Los Arrayanes. O *arrayán* é uma árvore cor-de-canela e que perde a casca. Os troncos são meio retorcidos, as copas com folhas verdes e flores brancas. Esse bosque é o único no mundo. Do camping, eram 3 km até a entrada do Parque, e mais 12 km até o bosque, por uma trilha no meio das árvores. Fomos de bicicleta (eu tirei toda a bagagem dela, ficou levíssima), e fizemos uma autêntica trilha de *mountain bike*, cheia de subidas e descidas, vistas belíssimas do lago, obstáculos como troncos caídos, raízes, etc. Chegamos ao bosque, que é um lugar fascinante. Voltamos curtindo mais 12 km de trilha, e eu cheguei sentindo o meu joelho direito, que tem um cisto que não me permite fazer esportes que forcem as articulações, como o futebol, o basquete, etc., mas posso pedalar. Foi uma das únicas vezes em toda a viagem que senti o joelho, justamente quando a bicicleta estava muito leve, sem nenhuma bagagem...

À noite, fiz salada, maionese, arroz e frango na brasa. Héctor veio jantar comigo e trouxe um vermute. Aqui todos chamam o vermute pela marca: “Gancia” – como no Brasil dizemos “Martini”. Mas na Argentina se bebe com água com gás e um suco de limão engarrafado.

Eu tinha comprado um vinho tinto e tomei um pouco. Fui dormir, e a noite já estava estrelada. Que bom acordar no outro dia com Sol. Fez até calor! Eu estou aqui escrevendo de bermuda e camiseta. Hoje, vou descansar, comer e buscar informações sobre o próximo trecho da viagem, pois não sei onde vou dormir ao passar a fronteira com o Chile. Villa La Angostura, como a Ruta de los Siete Lagos, é uma cidadezinha de sonho, com o lago, as montanhas, as cores dos bosques... Um dia, com certeza, quero voltar aqui para ficar pedalando nesta região belíssima.

É incrível a quantidade de gente viajando de bicicleta nesta região, que é uma das mais belas do mundo. Hoje, falei com um casal de holandeses. Eu estava enchendo a garrafa de combustível do fogareiro no posto de gasolina, e eles vieram fazer a mesma coisa. Vinham do sul e iam até a Bolívia. Depois, voltei ao camping e tenho duas vizinhas acampando. Uma delas puxou papo comigo por causa de um cachorro, um husky siberiano que ela tinha visto na cidade, e agora ele estava ali. Começamos a conversar e ficamos um tempão. Nisso, chegou um alemão de bicicleta que está percorrendo o Chile – vai até Punta Arenas. É o único cara que vi sozinho de bicicleta. A barraca dele consegue ser menor que a minha – pesa só 1,3 kg! A bicicleta dele está tão carregada quanto a Mônica – ah!, sim, dei um nome para ela! Foi por acaso, vinha pensando em que a bici deveria ter um nome, e de repente pensei: “Mônica!”. A Mônica é magra e azulzinha, e já está comigo há mais de um mês. Agora, está um pouco suja, mas em breve vou dar um tratamento completo nela.

As vizinhas Agustine e Sofía vieram fazer sopa comigo, e o alemão veio comer com a gente. Ele quase não fala espanhol, então converso mais com as simpáticas argentinas, que fizeram uma carne na brasa. O alemão atravessou o Deserto de Atacama, no Chile, pegando temperaturas de -20°C! Ele me ensinou a usar o saco de dormir: não devo me encher de roupas para dormir, pois é exatamente a temperatura do nosso corpo (36°C!) que aquece o saco de dormir e cria um sistema térmico. Quem sabe, naquele dia em Pichi Traful, se eu tivesse dormido com menos roupa, não teria sentido menos frio... Então, daqui para frente, durmo só de camiseta.

Eu fiz o melhor prato até agora em toda a viagem: massa com cogumelos e queijo cremoso, que comi com o vinho que tinha sobrado do dia anterior. Fui dormir contente com o jantar entre amigos.

29 de janeiro de 1996.

Saí em direção ao Chile às 10h30, depois de trocar pesos por dólares no banco. Tinha pela frente uma subida de mais de 450 m. Pensei em dormir no caminho. Bem, foram muitas subidas, até que cheguei à fronteira. Foram 47 km de muito esforço, com uma estrada de terra cheia de pedras. Mas passei por riachos de água transparente e montanhas na Cordilheira. A aduana chilena ficava a uns 20 km. Pensei em procurar um lugar para acampar, mas havia descidas enormes, então decidi aproveitar e cheguei à aduana chilena. Ali, soube que o lugar mais próximo ficava a 22km – Puyehue –, mas a uns 5 km tinha o Parque Nacional Puyehue com o guarda-parque e um camping. Que sorte! O camping era caro, se comparado com a Argentina, e não tinha a mesma infraestrutura, mas o lugar é lindíssimo. Tenho estrangeiros como vizinhos, talvez estadunidenses, que vieram praticar canoagem. Logo apareceu um chileno meio índio vendendo pão caseiro quentinho. Trazia uma sacola de pano, dessas de feira, com

muitos pãezinhos dentro, cobertos com um pano de prato branco. Quando ele levantou aquele pano e subiu o perfume dos pães... Que pão mais delicioso! Comprei 1 kg!

Depois cozinhei – macarrão, pra variar.

Interessante é que, ao entrar no Chile, percebi uma mudança na paisagem. Ela é mais exuberante, já começa a lembrar algo da vegetação mais tropical que temos no Brasil. Aqui no camping, por exemplo, tem samambaias, folhagens diversas, árvores menores, que não são só aquelas do lado argentino e que conformam uma paisagem típica de lugares mais frios. Acontece que a umidade que vem do Oceano Pacífico esbarra na Cordilheira (o território chileno é estreito, e a Cordilheira dos Andes sempre está perto do mar), e então chove muito no Chile, mas do outro lado, na Argentina, chove muito menos, talvez por isso a vegetação não seja tão extensa e variada.

Ontem, teve Lua crescente, hoje o dia foi perfeito, com Sol e sem vento, e acho que vai ter Lua de novo. Pedalei na Cordilheira com camiseta e bermuda de ciclismo, e um colete. A estrada estava horrível – pedras e areia grossa que travavam a bicicleta –, mas aqui estou, uns 70 km depois, cansado, com fome e feliz. Só um senão: no meio da subida para atravessar os Andes, um inseto aterrador me perseguiu, que achei inacreditável que existisse também aqui: a mutuca!

Senti diferença entre quinta-feira passada, quando fui de San Martín a Pichi Traful – 55 km – e hoje, que fiz uns 70 km. Claro que tive descida nos últimos 20 km, mas me sinto muito bem, apesar do esforço. Acho que hoje estava mais descansado e mais bem alimentado para pedalar. Tem dias que estou mais disposto, e hoje foi um deles. Além disso, cruzar a Cordilheira dos Andes pela primeira vez me fascinava.

Valeu o esforço, e cruzei a fronteira a 1.308 m.

30 de janeiro de 1996.

Que merda! Amanheceu chovendo. Tomei café, conversei de novo com o estadunidense do grupo de canoagem e comecei a arrumar as coisas para sair. A chuva estava bem fininha, mas, de qualquer jeito, a barraca estava toda molhada. Tentei limpá-la e secá-la, mas não adiantou muito, tive que dobrá-la e guardá-la toda úmida. É a segunda vez que acontece isso em um mês de viagem, o que é uma estatística ótima, mas vai piorar, pois saí de regiões secas e agora entrei no Chile, onde chove muito.

Bem, depois apareceu outro estadunidense do grupo de canoagem para falar comigo. Ele tinha vivido em Porto Alegre e em Brasília na infância, e sua primeira língua foi o português, que pediu para eu falar, para que ele escutasse e recordasse sua infância no Brasil. Ele queria ir até São Paulo, então eu disse pra ele passar em Florianópolis, que valia a pena conhecer.

Saí em direção a Entrelagos, a uns 45 km. Depois de um tempo, a chuva parou. Havia umas subidas longas, mas, em geral, foram mais descidas e planos margeando o Lago Puyehue. No meio do caminho, encontrei dois ciclistas argentinos viajando de volta. Confirmaram que a comida no Chile era mais barata e que os campings eram caros; às vezes, vale mais a pena ficar numa *hospedaje*. Falaram que Frutillar é um lugar bonito – eu já tinha ouvido falar, aliás de um argentino que encontrei em quatro cidades diferentes!

Bem, eles também disseram que a chuva que vem do Pacífico não atravessa totalmente a cordilheira, então é por isso que o lado chileno tem uma vegetação mais exuberante e lugares mais úmidos. Outra coisa que eu soube através desses dois ciclistas é que o corpo perde mais calor pela cabeça. Logo, no frio, tenho que andar com o gorro de lã.

Cheguei a Entrelagos, à beira do Lago Puyehue, que tem uma vista bonita – daqui ainda se vêem algumas montanhas com neve ao longe –, mas é um lugar pequeno, sem atrativos. Procurei hospedagem e descobri um albergue da prefeitura que custava US\$ 5 com cama-beliche, banheiro com água quente e cozinha à disposição. Não tinha ninguém no amplo dormitório masculino. Fiquei ali, e fui tomar o tão esperado banho de água quente depois de dois dias de pó, chuva e cansaço. Depois, fui comprar comida. Realmente, os preços no Chile estão um pouco mais baixos em vários produtos.

Me chamou a atenção, nesta viagem, a quantidade de argentinos acampando. Não apenas os jovens, *mochileros*, mas famílias inteiras em grandes carros, *trailers*, caminhonetes, *motorhomes*, etc. Parece que já é um costume, talvez por isso existam os campings municipais grátis. E muita gente viajando de carona, inclusive meninas de 18 ou 19 anos, sozinhas ou em pequenos grupos. Ao que tudo indica, pode-se viajar nessa região sem problemas ou perigos.

Nessa viagem, já vi vários pássaros, inclusive dois tipos de papagaio – aqui no Chile vi um parecido com o que vi em La Pampa, na Argentina. Mas papagaios em plena Cordilheira foi uma surpresa! Sua plumagem é verde e amarela. Também continuo vendo patos com o bico comprido e levemente curvado para baixo na ponta, e a plumagem é escura. E já vi raposa e alguns guanacos, além de um tatu. Mortos, vi raposas e um gato selvagem, além de lebres. Que pena que não vi cervos – passei por uma região onde há muitos deles, inclusive tem placas na estrada avisando. E tampouco pude ver o puma, que vive em vastas regiões da Argentina, mas que é mais ativo à noite.

1º de fevereiro de 1996.

Anteontem à noite, no albergue de Entrelagos, chegou um ônibus de excursão com um montão de idosos. Meu amplo dormitório foi invadido por senhoras! Mas foi uma convivência pacífica. Eu estava comendo na cozinha, e todos que passavam me diziam: “Buen provecho” (bom apetite). Tinha alguns jovens também. Bom, nesse dia comi bem, tirei algumas fotos, inclusive do vulcão Osorno – os vulcões podem ser vistos de uma distância enorme – e comprei cerejas frescas, que aqui custam US\$ 1 o quilo! Também tem framboesas, mas ainda não comi.

O final de tarde no sul do Chile é lindo, com uma luz amarelada, na hora em que o frio começa a descer.

No outro dia, saí às 10h30 com o tempo nublado, mas aos poucos foi saindo o Sol. No caminho, parei numa casa de chá – aqui tem muitas, nesta região de colonização alemã. Tomei um chá quente (na estrada – de asfalto – fazia um frio!) e comi *kuchen*, que é uma torta de framboesas. Na estrada, havia framboesas e cerejas para vender. Nesse percurso, a paisagem é de campos ondulados, pois já estamos longe da Cordilheira e quase no nível do mar.

Cheguei a Osorno – 47 km – às 13h30 e procurei um lugar na cidade para ficar. Acabei parando numa *hospedaje* que me cobrava US\$ 11 pelo quarto com banheiro fora e café da manhã. Razoável. Era uma casa simpática, os donos moravam ali. Deixei a bicicleta no pátio e saí para comer.

Esqueci de dizer que, na estrada, vi uns pássaros grandes como patos, de bico fino e comprido, que acho que são os mesmos que ouço às vezes e parecem uma buzina de carro.

Bem, comi e voltei à pousada para descansar um pouco. Mais tarde, saí para telefonar e outros afazeres. As ligações aqui não podem ser a cobrar, mas, felizmente, custam a metade do preço da Argentina. A comida também é um pouco mais barata, mas é bom ficar de olho, nem tudo está barato. E tenho que economizar de qualquer jeito, pois no Chile não existem os campings gratuitos como na Argentina.

Hoje, é dia de resolver uns detalhes com a Mônica (a bicicleta), deixar a barraca no Sol, etc.

Uma observação sobre os chilenos: bem, quem já viajou um pouco sabe que, sim, os povos têm suas características que, se não são determinadas pela “terra” e pelo “clima”, são por antecedentes culturais e históricos. Pois bem, os argentinos são vivazes, curiosos, hospitaleiros, conversadores, entusiasmados. Os chilenos aqui do sul, por sua vez, são calados, indiferentes, atenciosos, mas reservados. Não chegam a ser desconfiados, mas tampouco fazem questão de conversar com um forasteiro. Prefiro mil vezes os argentinos! Não têm nada de arrogantes – como é a fama dos portenhos (de Buenos Aires). Bem, mas estou apenas há alguns dias no Chile, vamos ver...

Esta noite, dormi muito bem, levantei às 9h30! E continua o Sol. Ontem, vi um mapa com as altitudes, aqui mesmo na pousada. Ora, Osorno – onde estou agora – está a apenas 59 m sobre o nível do mar. É incrível! De 1.308 m, desci para cá em pouquíssimo tempo (de carro, seria no mesmo dia). Em Entrelagos, neva no inverno, aqui em Osorno pode nevar às vezes, mas pouco. Ou seja, aqui é um lugar baixo, mas é frio pela sua localização ao sul. De qualquer forma, a temperatura no verão oscila entre 8 e 23°C. A amplitude térmica é grande. Acompanho pelos jornais ou pela TV as temperaturas do sul: em Punta Arenas, no extremo sul do Chile, elas variam de 2 a 14°, mais ou menos a mesma temperatura que Ushuaia. Até agora, é o que eu previa: temperaturas médias no sul de 8 a 10°C.

2 de fevereiro de 1996.

Hoje, saí às 10 horas para Puerto Octay, à beira do Lago Llanquihue. Amanheceu um pouco nublado e frio, mas aos poucos foi saindo o Sol. Cheguei a Puerto Octay às 14h30 – apenas 53 km – com muito sol. É um povoado pequeno, mas está à beira do lago, com um visual do vulcão Osorno. O camping, como eu esperava, é caro: US\$ 7,50, isso porque eu reclamei do preço, que era US\$ 10. Esse é o problema: posso, às vezes, ficar numa pousada, que vai custar mais ou menos o mesmo preço de um camping, mas ficando numa pousada acabo gastando mais, porque tenho que comer fora. Em todo caso, já que os campings estão caros, não sofro nenhuma “culpa” por ficar, daqui pra frente, em pousadas, principalmente em dias de chuva!...

Cheguei, armei a barraca e fiz um café. Comi frutas, café com leite e pão com queijo. As frutas, desde a Argentina, fazem parte da minha dieta diária: bananas (do Equador), maçãs, pêras e as maravilhosas ameixas, os deliciosos pêssegos *pelones* (aqueles vermelhos, sem pêlos), e agora, no Chile, também as cerejas frescas (que às vezes vou comendo enquanto estou pedalando), e ainda não experimentei as framboesas! Aqui no camping, em volta da barraca, tem ameixeiras carregadas!

Bem, hoje descanso e amanhã sigo para Frutillar, a cidade mais simpática da região, com arquitetura de influência alemã, também à beira do Lago Llanquihue e com vista do vulcão Osorno. Aí vou ficar uns dois dias, eu acho, pois tem um lugar barato para me hospedar – segundo me informaram os dois ciclistas argentinos que encontrei – e tenho que reservar um hotel para mim e para a Lu, que chega a Puerto Varas no dia 9. Também em Frutillar está acontecendo um festival de música erudita, vou ver se

consigo assistir a algum concerto. Seria minha primeira sessão cultural em 38 dias de viagem.

Por essa região, não vi nenhum turista estrangeiro nem ciclistas. A zona privilegiada é a dos lagos, na Argentina. Talvez em Frutillar eu veja turistas, pois dizem que a cidade é muito simpática e pitoresca.

Já ia esquecendo! Hoje, vi outra raposa! Dessa vez, era cinza, pequena como a que vi na Argentina, e andava pelo campo. Não pude fotografar...

3 de fevereiro de 1996.

Cheguei hoje a Frutillar às 13h30, cansado não sei do quê, pois andei apenas 27 km!... Achei o lugar indicado pelos ciclistas argentinos, a tia Mônica, que aluga quartos, e pode-se instalar a barraca no terreno, com direito a banho quente e a usar a cozinha da casa, ver televisão, etc. Custa US\$ 2,50 por dia.

Cheguei, comecei a armar a barraca, e o casal dono da casa estava assando carne com dois caras que estavam acampando ali. A tia Mônica foi me puxar pelo braço e me “obrigou” a almoçar: tomate, carne, batatas e um copo de vinho branco. Estou em Frutillar Alto, um povoado pequeno, e a 4 km daqui, descendo, se chega a Frutillar Bajo, à beira do Lago Llanquihue. Lá tem vários hotéis, restaurantes, casas de chá e casas de estilo alemão, todas de madeira, como sempre.

Fui procurar alguns hotéis para quando Lu chegar, mas eram muito caros ou não eram nem um pouco atraentes. Resisti à tentação dos cafés coloniais e fui fazer compras no supermercado. Fiz um café e comi com folhados de queijo, pão com manteiga e

queijo, etc. Isso, no final da tarde. Mais tarde, acho que vou fazer uma comidinha... Agora, estou na sala da casa da tia Mônica vendo televisão com mais um montão de gente que está acampando aqui. Invadimos a casa! E o fogão a lenha está funcionando, todo mundo está aqui fugindo do friozinho que faz lá fora. Falando em frio, hoje perdi meu chaveiro-bússola-termômetro. Também dei falta de um par de meias de lã. Essas, acho que me roubaram, não sei.

Bem, tia Mônica veio me avisar que todo mundo estava lá fora escutando um dos caras que está acampando aqui, pois ele é mapuche – um dos grupos indígenas fortes no sul do Chile – e estava falando em sua língua mapuche e contando histórias sobre a vida dos seus parentes. Saí e me juntei a eles, que estavam ao redor do fogo, os rapazes de Santiago, eu, o casal de jovens estadunidenses, os donos da casa, etc. Conversamos sobre a situação dos índios no Brasil e outras coisas. Antinao⁶ – o índio mapuche –, cujo nome castelhano é Dionísio, contou sobre as tradições mapuches, suas roupas, suas festas, suas formas de organização social, casamento, etc. Os rapazes de Santiago saíram e voltaram logo depois com algumas garrafas (de 1 litro) de cerveja. Depois, fomos para dentro de casa de novo e continuamos o papo, que o dono da casa, finalmente, deu por encerrado aí pelas 2 da madrugada. Foi uma noite memorável, com trocas de endereços, etc.

4 de fevereiro de 1996.

De noite, choveu, mas amanheceu com Sol. Está frio, tem um vento gelado, e às vezes o Sol desaparece para dar lugar a nuvens. Tenho vontade de ficar metido numa

cama vendo um filme, mas não tenho cama! Acho que vou passear de novo com mais calma em Frutillar Bajo e apreciar a paisagem, tirar fotos...

Fui passear. As casas, como em outras partes dessa região de colonização alemã, são de madeira, com tábuas horizontais, sacadinhas com flores e telhado mais inclinado, às vezes com placas de metal que brilham ao Sol, para a neve. Hoje, não se vê o vulcão, está coberto pelas nuvens.

De tarde, com chuva, fiz um almoço – arroz com tomate, cebola, pimentão e salsichas – um manjar! E acompanhado de ½ garrafa de Undurraga tinto, safra 1989, que custou menos de US\$ 2! Um luxo! Mais tarde, vi um pouco de televisão com uns chilenos e depois fui dormir uma *siesta*. Os chilenos vieram me acordar para tirar uma foto, pois já iam embora. Nos despedimos, me desejaram muita sorte na viagem e partiram. À noite, chegou um casal de jovens chilenos para acampar, muito simpáticos. Fiz uma janta, comi dentro da casa ao lado do fogão a lenha – lá fora fazia um frio úmido – e, depois de ver um pouco de televisão – um filme –, fui dormir.

5 de fevereiro de 1996.

Que chuva! Fininha, mas intermitente. Entrei na casinha da tia Mônica. Todos dormiam, o pessoal das barracas também. Esquentei água para o café e comi bem. Eu cheguei a Frutillar muito magro, agora estou ganhando peso. Fui guardar as coisas na barraca e encontrei Antinao, o índio mapuche. Resolvi pegar minha capa de chuva e ir

⁶ Minha amiga Helô Espada esteve no sul do Chile um ano depois e conheceu por acaso Antinao, que,

até Puerto Varas – a uns 25 km – de ônibus, pois não poderia visitar nenhum lugar bonito com esse tempo, então aproveitaria para reservar um hotel lá, pois Lu vai chegar dia 9, sexta-feira!

Fui para Puerto Varas e encontrei um hotelzinho que serve o café da manhã no quarto! Super simpático, acho que a Lu vai adorar. Passei um pouco, telefonei para a Lu e depois fui almoçar.

6 de fevereiro de 1996.

Ontem à tarde, fui a Puerto Montt ver horários e preços de ônibus até Villa La Angostura (Argentina), para um possível passeio com a Lu pela Ruta de los Siete Lagos. Voltei para Frutillar, e chegaram dois alemães à tia Mônica. De noite, fiz caipirinha com pisco (destilado de uvas), e os alemães compraram um vinho. Conversamos, rimos muito com os alemães e o casal jovem de Antofagasta e Arica (Chile).

Hoje, continua o tempo feio, mas não faz tanto frio. Não posso ir a Ensenada e Petrohué – à beira do Lago Todos los Santos –, porque está tudo nublado, e não vou ver nada... Acho que vou ao correio e caminhar um pouco, ver o Museu Colonial Alemão de Frutillar, etc. Espero que o tempo melhore até sexta-feira, para a chegada da Lu!

Resolvemos que hoje eu faria uma feijoada, com caipirinha e tudo, para todo mundo. Recolhi o dinheiro e fui com o Nelson e a Claudia – o casal chileno – comprar os ingredientes. Vai ter até laranja... O Sol está querendo sair, e esta noite teremos caipirinha e feijoada com vinho tinto Undurraga! Amanhã, é o aniversário da Claudia,

quando ela falou sobre um amigo que tinha viajado de bicicleta por lá, perguntou: “O Renato?”.

ou seja, será comemorado hoje à meia-noite. Agora à tarde, esquentou, pode-se andar de camiseta.

9 de fevereiro de 1996.

Bem, a feijoada estava ótima, e a casa da tia Mônica continuou movimentada, sempre tem gente chegando e gente indo embora. Ontem, fui com os alemães a Petrohué e ao Lago Todos Los Santos, um visual super legal, pena que o vulcão Osorno – que aí se vê de pertinho – estava um pouco coberto pelas nuvens.

Em Puerto Varas, conheci um canadense que estava viajando de bicicleta. Tinha passado pela Carretera Austral – estrada que começa em Puerto Montt – e me confirmou duas coisas: que é uma paisagem lindíssima e que a estrada é péssima... Com os alemães, consegui endereços de hospedagem em Ushuaia por US\$ 10. Eles foram embora ontem, depois de saborear um *kuchen* feito por Marcela, uma das filhas da tia Mônica. Agora descobri que *kuchen* é a origem da palavra *cuca* no Brasil! O *kuchen* é feito com a mesma massa e a mesma farofa em cima, mas também fazem nesta região com creme e, claro, framboesas! Também usam maçã, etc., mas eu sempre como *kuchen* com framboesas frescas! Não consegui comprar framboesas para a chegada da Lu, mas comprei cerejas e ameixas pretas frescas, além do excelente vinho Undurraga. O quarto do hotel é muito aconchegante, com móveis de madeira, flores secas na mesinha, tudo em tons bege.

13 de fevereiro de 1996.

Lu chegou às 19h30, eu já estava esperando exatamente onde parava o ônibus. Fomos para o hotel, e Lu adorou o quarto. De noite, fomos jantar e conversar, matando as saudades. No outro dia, passeamos em Puerto Varas, uma cidadezinha à beira do Lago Llanquihue com vista para o vulcão Osorno e rosas nas calçadas. Muito simpática. No domingo, dia 11, fomos a Frutillar, onde eu tinha deixado minhas coisas e a bicicleta – a Mônica. Chegamos lá, apresentei a Lu para o pessoal da casa, e fomos até Frutillar Bajo, à beira do Lago. Lu teve sorte, tinha Sol esses dias, e passeamos em Frutillar, comemos *kuchen* (a cuca com framboesa), etc. Na rua, passou uma negra com uma camiseta escrito “Florianópolis”, e eu disse: “Essa é brasileira”. Depois, ela entrou no lugar onde estávamos tomando um café, e eu perguntei a ela: “Você é brasileira?”. E era. Eu disse que ela me era familiar – coisa absurda, estávamos lá no sul do Chile... –, então ela perguntou o meu nome. Respondi: “Renato”. E ela falou: “Renato Tapado?”. Uma coisa espantosa! Ela tinha estudado alguma disciplina comigo na universidade, no curso de Letras, na UFSC, se formou em Letras Inglês, e eu, Letras Português/Espanhol. Conversamos um pouco e nos despedimos. À noite, o pessoal na casa da tia Mônica estava fazendo um salmão assado na brasa com queijo e tomates. Nós tínhamos comprado um vinho tinto e nos juntamos a eles em volta do fogo, conversando, comendo salmão, tomando vinho tinto chileno e contando piadas. Rimos muito!

Ontem (dia 12, segunda), viemos a Puerto Montt e ficamos numa *hospedaje* que custou \$20,00 com café da manhã para os dois. Passeamos no centro da cidade. Puerto Montt fica à beira do Oceano Pacífico – por fim, vejo o Pacífico, um mar depois de tantos dias de campos, desertos, montanhas e lagos. Finalmente, atravessei o

continente sul-americano de um lado a outro, do Oceano Atlântico ao Pacífico. Já era uma parte importante da viagem. A próxima é chegar ao fim do mundo.

Como o nome indica, Puerto Montt é um porto e possui seu pitoresco mercado de peixes e frutos do mar com seus *comedores* populares onde se comem salmão, congrio e os frutos do mar: *choritos* (mexilhão), *picoroco* (um molusco de uma concha grande que se agarra às pedras), *cholga* (um mexilhão maior), *almeja* (uma espécie de vôngole ou berbigão), ouriços-do-mar, etc. Comemos o famoso *curanto*: numa panela grande e alta, colocam frutos do mar para cozinhar. Em cima, na mesma panela, vai outra panela ou travessa com carne, frango, lingüiça e umas bolas de batata com farinha. Servem tudo junto, com um consomê, que é o caldo de frutos do mar, com pão e manteiga, além do *chili* – pimenta. Tudo isso custou \$ 6,00. Os *comedores* são pequenos boxes dentro do mercado, ao lado das peixarias. É o lugar mais popular e mais barato para comer. Falta provar a *centolla* – enorme caranguejo –, o ouriço e outros frutos do mar. O interessante é que, assim como a truta e o salmão, eles também defumam os frutos do mar. São várias pencas de mexilhões e outros moluscos pendurados para vender, como réstias de cebola, tudo defumado. Isso se usa para um caldo ou para cozinhar com arroz.

Comprei um saco de dormir novo, que agüenta até -4°C, e outro isolante térmico. Agora, com os dois sacos de dormir, eu e a Lu podemos acampar. Depois, ela leva o saco de dormir mais leve para o Brasil, bem como o isolante térmico correspondente.

Numa conversa, eu falando das dificuldades de dinheiro da viagem, Lu comentou: “é, tem gente lá no Brasil que acha que essa viagem é muito difícil, que tu não vais conseguir chegar...”. E eu respondi a ela: “Pois eles se enganam: vou chegar a

Ushuaia nem que seja a pé!”. Se há uma coisa que nunca faltou nesta viagem foi a vontade (a certeza) de chegar a Ushuaia.

20 de fevereiro de 1996.

Faz uma semana que não escrevo! Lu foi embora ontem às 8h30. Estivemos em Frutillar, na casa-camping da tia Mônica, em Puerto Varas, em Puerto Montt e na Ilha Chiloé, com um carro que alugamos. Passeamos bastante, comemos carne de cervo e bebemos vinho, foi ótimo! A não ser por um pequeno susto: no hotel de madeira em Puerto Varas, numa madrugada, acordei com a Lu me chamando, ao mesmo tempo em que escutava batidas nas paredes, que pareciam vir do quarto ao lado. A Lu me dizia: “Rê, é um terremoto!”. E eu, ainda dormindo, respondi: “Que nada, deve ser um casal transando no quarto ao lado”, afinal, o hotel era todo de madeira. De dia, tomando o café da manhã, uma camareira do hotel nos perguntou: “Vocês não sentiram o tremor de terra esta noite?”.

Depois de uns 45 dias, estar de novo com a Lu é um estímulo para recomeçar a viagem. Mas também é um problema quando fico sozinho de novo. Ontem, me despedi dela na rodoviária de Puerto Montt, e fui comprar um pneu para a bicicleta e arrumar tudo para partir. Saí ao meio-dia com uma sensação de vazio, num clima frio e úmido. Agora, eu teria que retomar a viagem, quando o mais cômodo seria voltar com a Lu para o Brasil, dormir na minha casa, na minha cama, comer bem e descansar. Bem, a despedida da tia Mônica em Frutillar foi com cordeiro assado e vinho. Tia Mônica chorou quando partimos. Sérgio, seu marido, tinha dado de presente para nós um quadrinho com um cartão-postal de Frutillar feito por ele mesmo com madeira de *alerce*, árvore chilena que é usada para as tabuinhas que cobrem os telhados –

verdadeiras telhas de madeira – e as paredes das casas aqui do sul, pois esta madeira tem muitos veios que fazem a água da chuva escorrer.

Em Puerto Varas, conheci um canadense que estava viajando de bicicleta. Vinha pela Carretera Austral. Eu disse a ele que gostaria de viajar um dia pela estrada que passa pelas Montanhas Rochosas, no oeste do Canadá. Ele me falou que, nesse caso, eu deveria, ao acampar, pendurar todos os alimentos nas árvores, dentro de bolsas, bem alto, pois assim estariam fora do alcance dos ursos! E também eu não deveria comer dentro da barraca e deixar alimentos ali, pois, à noite, um ursinho poderia querer entrar na barraca para uma refeição...

A presença da Lu aqui foi muito boa para me dar fôlego para continuar. Estar longe de casa, dos amigos, da família e de conforto por muito tempo pode se tornar pesado. Com a vinda da Lu, eu descansei, comi melhor e reencontrei minha companheira, que foi o mais importante.

Ontem, saí em direção a La Arena, de onde se toma um barco para passar para o outro trecho da estrada. Está a 47 km de Puerto Montt. A estrada, de terra e pedras, é igual à que conheci quando atravessei a Cordilheira dos Andes, e a Ruta de los Siete Lagos, ou seja: é péssima. Mas não me arrependi de ir por lá, e não pela da Ilha de Chiloé, que é asfaltada. Já tinha ido à ilha, até Castro, e não gostei muito da paisagem, além de o transbordo de balsa ser muito demorado. Na Carretera Austral, o visual é demais, apesar de ontem ter chovido, mas no final da tarde o tempo melhorou um pouco. Cheguei a La Arena às 17 horas, e caía uma chuvinha infernal. Comprei pão, e a senhora da venda me disse onde eu poderia acampar. Mas eu tinha que esperar que diminuísse a chuva para montar a barraca. Descansei um pouco, comi bolachas e esperei. Nisso, às 18h30, chegou o barco para a travessia. Vi aquela fila de carros, o tempo querendo melhorar, e pensei: “Se atravesso de barco, ando mais 10 km até uma

cidadezinha – Contao. Ali deve haver algum lugar para acampar, embora não esteja no guia de campings”. Um pouco antes, um rapaz que conversou comigo me perguntou se eu ia atravessar de barco. “Não”, respondi, “fico aqui esta noite”. Alguns minutos depois, decidi partir. Ainda bem! A travessia de uns 20 minutos foi linda, o tempo melhorou um pouco, e andei mais uns 10 km até Contao. Lá, um rapaz me mostrou um lugar ótimo para acampar, na beira de um rio, e o Sol saiu depois da chuva, formando um arco-íris incrível! A luz de fim de tarde depois da chuva deixava a vegetação dourada. Foi demais! E o caminho – quase todo, desde Puerto Montt – foi beirando o mar. À direita, o Oceano Pacífico, e à esquerda, a Cordilheira dos Andes. Um visual como poucos. Onde acampeei, tinha um microônibus com uma família chilena. Cozinhei, comi e fui dormir. De madrugada, a chuva voltou e trouxe vento. De manhã, o tempo estava escuro e com um vento frio, com muita umidade em tudo, pois havia uma garoa fina. Droga! Fiz meu café, comi bem e depois fui desmontar a barraca. Que desastre! O teto todo molhado, e eu tinha que guardar tudo assim para seguir viagem. Partii, e a estrada continuou péssima. Pelo guia, havia um camping a uns 6 km depois de Hornopirén, que estava a 55 km. Foi um dia cansativo: estrada com muitas pedras, chuva, às vezes lama e muitas subidas. Ufa! Consegui chegar a Hornopirén. Comprei pão fresquinho e “otras cositas más”, e fui para o camping tomar um banho, finalmente – com água quente!

O rapaz que atendeu era simpático e me deu, primeiro, um preço de \$ 25,00 para um grupo, mas como eu estava sozinho, deixou por \$ 5,00. Conversando, acho que ficou sensível à minha situação (coisa que aconteceu durante toda a viagem): dois dias de chuva sem tomar banho. Deixou por \$ 4,00... Bem, depois fui cozinhar e jantar, enquanto escrevi. Mais tarde, quando a caldeira a lenha esquentar mais água, vou tomar um banho quentinho e... Cama! Quer dizer... Saco de dormir!

21 de fevereiro de 1996.

Dormi como ontem, acordando várias vezes no meio da noite para me virar para um lado e para outro, sem achar uma posição confortável, não sei se pelo solo ou por meu corpo que estava cansado. Isso aconteceu muitas vezes durante a viagem. Acordei às 8h30, e já não chovia. Fiz o café num galpão do camping – onde jantei ontem – e depois fui tirar umas fotos. O tempo melhorou um pouquinho, já se podem ver as montanhas, e agora descubro que algumas delas têm neve. É impressionante estar perto delas, e de novo tive sorte em optar por este caminho, muito mais bonito que a Ilha de Chiloé. Isso que, segundo o guia turístico, ainda não cheguei à parte mais espetacular da Carretera Austral. Falha técnica: só tenho um filme na máquina, e agora não sei onde vou poder comprar mais, principalmente para slides. Devia ter comprado em Puerto Montt (é que, junto da Lu, me esqueci de tudo...). Pelo menos, se eu encontrar filmes para fotos, já será uma grande coisa. Bem, hoje o barco para o outro lado da estrada só sai às 15 horas e leva umas seis horas, de modo que vou chegar lá às 21 horas, e então serão 60 km até Chaitén. Mas não posso pedalar de noite, então vou ter que acampar na estrada, perto da chegada do barco. Como não vou pedalar, posso levar água suficiente para cozinhar, embora aqui se encontre água em todos os lugares, com as vertentes que caem das montanhas. Assim também aproveito o dia para descansar e passear de barco! Pena que talvez não consiga filmes para o passeio. Mas, às vezes, não ligo muito para fotos, pois, de qualquer maneira, por mais que eu fotografe, nunca as pessoas vão ter uma verdadeira idéia desta viagem e das paisagens que pude ver. Uma vez, conversando com o escritor uruguaio Eduardo Galeano – ele estava em Florianópolis –, perguntei a

ele por que não trouxera uma máquina fotográfica, e ele me disse: “Nunca carrego uma máquina. O que vejo e sinto como algo importante fica em minha memória”.

Fiz um almoço – arroz, salame e queijo ralado – e saí para tomar o barco. No caminho, encontrei um inglês viajando de bicicleta. Fomos juntos para pegar o barco. Antes, passei no posto de gasolina e comprei filmes para fotos. O barco hoje saía às 16 horas e custava \$ 23,00! Cobrava um preço por pessoa, mais o preço para a bicicleta! Bem, o jeito foi pagar. Agora, são 18h15, e já não há nenhum visual impressionante, talvez mais tarde. Estou navegando no Oceano Pacífico! – e é pacífico mesmo aqui perto da costa. A lente da câmera está um pouco suja, parece poeira, e me atrapalha a visão. Tirei o zoom para limpá-lo por dentro com um lenço e, quando voltei a colocar a lente, olho e vejo duas listras pretas no visor. Que droga! Acho que arranhei um vidrinho que tem lá dentro, talvez com um minúsculo grão de areia no lenço que usei. De qualquer forma, tenho que acabar o filme, revelá-lo para ver e tentar conseguir arrumar a máquina. Na saída do barco, eu e o inglês conhecemos um casal de chilenos que estava de bicicleta, mas acabaram não pegando o barco, pois queriam economizar. E também havia um alemão de bicicleta. Por último, um holandês que morava na Alemanha e estava de moto.

No camping, alguns chilenos vieram falar comigo, são de Santiago. Deduzo que os chilenos de Santiago e de outras cidades médias são simpáticos, mas o pessoal aqui do sul é tímido, arredoio. Outro grupo do camping foi pescar no rio e voltou com enormes trutas! Um dia, venho para essa região (Argentina e Chile) com um caniço, molinete, etc., para pegar trutas e salmões!

No barco, conheci dois argentinos e suas famílias. É *óbvio* que estiveram em Florianópolis (parece que todos os argentinos estiveram lá...). Inclusive, o segundo que conheci me disse: “Você é de Florianópolis? Eu estive lá no ano passado”. Então, eu falei: “Então você é argentino!”. Me dei conta de que meus pesos chilenos estavam acabando e só tinha dólares. Um dos argentinos me propôs que trocasse \$ 10,00 com ele. Assim, pude pagar o barco. Chegando a Chaitén amanhã, troco mais dólares. Também tenho que colocar uns postais, que há tempos estão comigo, no correio.

22 de fevereiro de 1996.

Bem, a travessia de barco foi interessante no início, cansativa no meio e bonita no final, quando entramos entre montanhas que despencavam no mar. Mas estava escuro, pois já eram 21h15, e o tempo estava nublado. Conversei um pouco com um dos argentinos e com o inglês. Chegamos a Caleta Gonzalo, onde só havia uma *cafetería* e uma área para acampar. Um cara que estava por ali nos informou onde se podia acampar, e andamos uns 500 metros – já no escuro – para depois descer uma escadinha e atravessar uma passarela de madeira sobre um riacho. Tudo isso na mais completa escuridão. Tive que pegar a lanterninha. Chegando ao outro lado, havia um terreno grande com uma pequena parte coberta, com algumas mesas e bancos de madeira, tudo à beira do rio. O alemão e o inglês, que chegaram antes, estavam montando as barracas. Montei a minha perto para deixar a bicicleta junto às deles, ao lado de um letreiro do camping. Que interessante: esse letreiro recebia o campista, dava instruções para não poluir o lugar, e o camping tinha banheiros como uma latrina sobre uma fenda enorme de pedra, mas era limpo e todo de madeira pintada, não parecia uma latrina, parecia uma casinha de bonecas! E tudo isso grátis, não tinha ninguém para cobrar! Havia uma casa

próxima, quem sabe não era do dono daquele terreno? Com o tempo ruim e a noite, não se podia ver a paisagem, mas desde a chegada do barco se podia vislumbrar a silhueta das enormes montanhas ao redor da área. Cozinhei e fui dormir com o barulho do rio. De madrugada, acordei com outros barulhos: vento e chuva forte. Rajadas de vento e de água. Nossa! A pior coisa é um mau tempo de noite: a gente acorda meio assustado, aí quer dormir, descansar o corpo, e não consegue, de tanto barulho. Quando, por fim, peguei no sono de novo, acordei mais tarde com o barulho infernal de chuva e vento, e pensei: “como é que vou sair daqui no meio desta tempestade, desarmar a barraca, pôr tudo na bicicleta?”. O jeito era voltar a dormir – pelo menos, tentar. Quando vi que já era dia, olhei no relógio: 8h30. O tempo estava inacreditável! O vento piorou e sacudia a barraca para todos os lados. A impressão que eu tinha era que várias pessoas estavam sacudindo os tecidos da barraca com força, e outros estavam jogando baldes de água de todos os cantos, de lado e de cima. Cheguei a agarrar as varetas de alumínio de dentro para a barraca não sair voando! Quando a chuva amainou, saí para lavar a panela da janta anterior e buscar mais água no rio para o café. Voltei e acendi o fogareiro na parte externa e coberta da barraca para fazer o café. Uma temeridade, pois um fogueiro qualquer no tecido e... Já era a barraca. O vento agora vinha ora de um lado, ora de outro. Uma nova rajada derrubou os pãezinhos que estavam aquecendo em cima da panela. Saí com a capa de chuva para pôr mais estacas e verificar se todas estavam bem firmes. Acabei recolocando uma na barraca do alemão, que tinha se soltado. Mais tarde, o vento parou, e a chuva diminuiu. Todo mundo resolveu partir. Eu tinha pensado em ficar ali e só sair no outro dia, com a esperança de que o tempo melhorasse. Mas como estava aparentemente melhorando, começamos a preparar tudo para sair, ainda embaixo de chuva. O alemão saiu mais cedo, e eu e o inglês saímos aí pelas 11h30. No caminho, o inglês foi na frente, e eu não o vi mais. Estava bem preparado e – como muitos que

encontrei pelo caminho – era bem mais jovem... Eu, com o peso da bicicleta, sofria nas subidas. A estrada não podia estar pior: pedras, milhões de pedras, às vezes não se via o chão, era só pedra desequilibrando a bicicleta, fazendo pular a roda traseira ou resvalar a dianteira, além do barro, poças d'água escondendo buracos de todos os tamanhos, areia grossa solta, etc. Às vezes, eu simplesmente não conseguia pedalar. Tinha que descer da bicicleta, caminhar um pouco com ela resvalando para todo lado e voltar a pedalar mais adiante. Em algumas subidas, eu subia a pé, pois era impossível pedalar com tanta areia, barro e pedras, pedras, pedras. Por isso, estava preocupado com a hora. Eu tinha 56 km até Chaitén, mas, com uma estrada e um tempo como aqueles, será que eu não chegaria só à noite?

Encontrei muitíssimos ciclistas na viagem, mas na Carretera Austral também vi um cara viajando a pé! No início, não percebi, passei por ele, cumprimentei-o e segui viagem. Depois é que me dei conta. Ele caminhava no meio da estrada, longe de qualquer cidade, não poderia, portanto, ser um morador dali. Tinha uma enorme mochila e andava com dois bastões de caminhada, desses parecidos com bastões de esqui. Bem, se de bicicleta o visual da viagem é demais, imagino a pé! Falando nisso, em outros lugares eu soube de mais pessoas viajando a pé, inclusive na Terra do Fogo – e em pleno inverno!

A chuva parava um pouco e depois voltava com mais força – um dilúvio! Mas todo esse esforço e o incômodo valeram a pena pela paisagem que vi. Essa região é simplesmente monumental: montanhas enormes que despencam sobre o Oceano Pacífico, vales com a estrada serpenteando entre montanhas, algumas com neve eterna em cima, dezenas de vertentes, rios, cascatas, vegetação exuberante, pássaros! Quando eu e o inglês saímos, encontramos um espanhol que vinha de bicicleta no sentido contrário. A Carretera Austral é nossa! Já é internacional, território livre que pertence

por adoção aos ciclistas do mundo inteiro, que sofrem com ela, mas se rendem ao seu fascínio!

Depois de 60 km e muito cansaço, cheguei a Chaitén. Só tinha uns 1.000 pesos no bolso (US\$ 2,50) e o resto em dólares. O banco onde posso trocar dinheiro só abre amanhã de 9 a 12 horas. Fui comprar pão e outras coisas para comer, e soube de uma casa que também era camping, na própria cidade, que é minúscula e com a maioria das pequenas ruas sem calçamento. No caminho, um menino veio me perguntar se eu precisava de alojamento, e acabei descobrindo uma casa com chuveiro e água quente, cozinha e, para dormir, uma sala para colocar o saco de dormir (com outros mochileiros): isso por US\$ 2,50... É ali mesmo! Tomei um banho quente depois de dois dias (isso já está virando rotina, agora que faz mais frio e percorro lugares inóspitos). Tomei um café com leite, pão com manteiga, queijo e iogurte, pois hoje não tenho a mínima disposição para cozinhar, e ontem comi bem. Muitas coisas molharam no caminho, e amanhã terei que secá-las, lavar roupa, trocar dólares, telefonar, escrever, etc.

Nessa casa, conheci dois chilenos que também viajavam de bicicleta, eles vêm do sul e vão para o norte pela Carretera Austral, mas, por problemas na bicicleta, vão embora amanhã de barco. Vou ver se eles me dão informações sobre o caminho, alojamentos, etc.

23 de fevereiro de 1996.

Os chilenos me deram alguns dados importantes sobre o caminho que tenho pela frente. Dormi bem e hoje troquei dólares, consegui um filme para slides, pus postais e uma carta no correio, e comprei comida. Mas antes lavei roupa e aproveitei o Sol que

fez hoje para secar um monte de coisas, inclusive a barraca. Agora à tarde, já está tudo seco, guardei o que podia, vou tomar banho (porque amanhã, seguramente, não vou...) e, mais tarde, telefonar e comer. Amanhã, vou até um camping agreste a 54 km daqui. Mas, se conseguir, vou mais longe, até Santa Lucía, que está a 81 km. O problema é uma montanha que tenho que atravessar, são 650 m de altitude em 15 km! Se eu sair cedo, acho que posso cruzá-la, nem que seja a pé.

A casa ficou vazia hoje à tarde, e, conversando com a dona Rita, proprietária da casa, soube que em março continuam a chegar turistas europeus. Tinha um casal de austríacos que foi embora hoje, de moto. Logo depois de conversar com a dona Rita, chegaram mais dois, um espanhol e um alemão. Então, no resto da viagem, já não vou encontrar latino-americanos – as férias vão acabar –, mas europeus ou norte-americanos.

Bem, calculando o que me falta para viajar, descobri que estou exatamente na metade do caminho! Cheguei aos 50%! Agora, vejo que já fiz uma longa viagem de bicicleta, a primeira – mas não a última. Alguns incômodos – é óbvio –, mas tudo dentro do previsto e correndo bem. O pior vai vir na famosa Ruta 40, numa região deserta e com ventos de levantar pedras. O ruim é quando as informações falham e encontramos uma realidade pior do que imaginávamos, mas isso não aconteceu até agora comigo. Carrego mais água e comida do que o estritamente necessário, espero que em tal lugar marcado no mapa não exista nada, mas sempre acabo descobrindo algo. Assim, a outra metade da viagem, a partir de agora, é a aplicação da experiência acumulada e, sobretudo, paciência e cabeça fria para os piores momentos. Vêm aí mais frio, mais vento e mais solidão.

Hoje, vou beber um vinho para comemorar a metade da viagem!

24 de fevereiro de 1996.

Ontem, conversei com o alemão e o espanhol, são gente fina, artesãos que vão viajando e vendendo o que fazem, bijuterias. Depois, chegaram um casal e três rapazes, todos chilenos. Apareceu um cara oferecendo excursões de carro, é um estadunidense que vive há alguns anos em Chaitén. Incrível! Quando soube que eu era brasileiro, falou em Egberto Gismonti, Hermeto Paschoal e outros músicos do Brasil.

O pôr-do-sol em Chaitén, ontem, foi demais! Fotografei o Sol se pondo no Oceano Pacífico (obviamente, foi a primeira vez que vi o Sol se pondo no mar!).

Hoje, acordei às 8 horas, e o tempo de novo estava fechado, e chuviscava. Droga! Tomei café, arrumei as coisas e saí. Ontem, encontrei dois caras de bicicleta quando fui telefonar, e eles me disseram que a estrada a partir de Chaitén era melhor, e tinham razão. Pelo menos isso! Além do mais, havia trechos planos. Eu sabia que a mais ou menos 60 km de Chaitén tinha uma subida forte, 650 metros (na Carretera Austral, tem outra de 500 metros de altitude). Eu não sabia se ia parar antes dessa subida ou se continuaria até Santa Lucía, que é uma vilazinha e tem uma *hospedaje*, pelo que me disseram os chilenos. Bem, realmente a estrada estava bem melhor, mas a chuva... Bem pior! Não parou um segundo, agora são 22 horas e continua chovendo. Mas acabei pedalando bem, caminhando bem na subida de 650 metros, e no final fiz os 81 km (meu recorde nessa estrada horrível).

Durante o percurso, numa das inúmeras descidas dessa estrada, resolvi olhar para trás e vi meu saco de dormir lá longe, caído no meio da estrada. Problemas de amarração da bagagem...

Cheguei a Santa Lucía e achei uma hospedaria que também cobrava US\$ 2,50 para dormir com o saco de dormir, mas bem pior do que em Chaitén, pois era apenas uma peça de madeira com um beliche, ao lado da casa/armazém dos donos. Para tomar banho, lavar louça, etc., eu tinha que bater na casa dos donos. Bem, mas com esse tempo, eu todo úmido por dentro, as pernas sujas e molhadas (eu estava de bermuda), e o frio que fazia, não posso reclamar, ainda bem que tinha uma *hospedaje* no meio do nada, ainda por esse preço irrisório.

Se hoje, com essa subida de 650 metros, fiz 81 km, acho que amanhã posso fazer os 71 km até La Junta, que é outro pequeno povoado que tem *hospedajes* baratas, porque não são lugares turísticos, são pequenas vilas na beira da estrada.

Ontem, me senti um pouco sozinho em Chaitén, mas depois chegaram outras pessoas, e conversamos. Hoje, me sinto sozinho de novo, ainda bem que amanhã caio fora. É que aqui na Carretera Austral, uma estrada que corta as florestas frias da Cordilheira dos Andes, vai diminuindo o número de pessoas, está acabando o verão, também diminui o movimento de turistas, e quase não passam carros. Mesmo assim, hoje passaram por mim três ciclistas na estrada, um deles sozinho – outro maluco! Ah, pois é, o alemão e o inglês que encontrei outro dia viajam sozinhos, o espanhol, também, como se vê, realmente não sou o único. Isso também me ajuda a avançar. Quando dois ciclistas se encontram viajando, param imediatamente e começam a conversar, seja em que idioma for, na tentativa, mas o predominante é o inglês. Tem outros ciclistas que, neste momento, estão se preparando para dormir em algum lugar da Carretera Austral, de olho na próxima etapa da viagem, nessa estrada com paisagens magníficas. E eu também. Boa noite!

28 de fevereiro de 1996.

Até agora, não parei, desde Chaitén venho pedalando: são cinco dias sem descanso. Em La Junta, depois de Santa Lucía, encontrei um brasileiro que ia na minha frente, o Paulo, e seguimos viagem mais ou menos juntos até aqui – Manihuales. São muitas coisas para contar, não vai dar tempo de escrever tudo agora (são 22 horas, e estou cozinhado raviólis). Saí de Villa Santa Lucía dia 25 com o tempo ainda nublado e com cara de chuva. Cheguei a La Junta e fiquei procurando alojamento, mas estavam mais caros que os outros lugares da viagem. Foi aí que encontrei o Paulo, um cara de Curitiba que está viajando de bicicleta desde Bariloche e vai até Punta Arenas, no extremo sul do Chile. Conversamos muito e viemos viajando “mais ou menos” juntos, como eu disse, porque nos hospedamos no mesmo lugar, menos hoje, que estou acampando na beira do rio, e ele está numa pousada, mas às vezes está na minha frente, é mais jovem (de novo...) e leva muito menos bagagem que eu.

Outro dia, pedalando juntos, eu ia na frente, e o Paulo, mais atrás. Quando tem descidas, aproveito para ganhar velocidade e, portanto, tempo. Mas a estrada muitas vezes está cheia de buracos, areia solta, além das pedras. Portanto, descer rápido, inclusive pedalando, é uma temeridade, pois, em cima da hora, quando se vê um buraco, não se sabe se o melhor é desviar, arriscar passar por ele, desviar de uma pedra... Bom, numa dessas descidas, eu ia a toda, e lá embaixo a roda traseira da bicicleta deu uma derrapada maior do que outras. Mais tarde, Paulo me disse: “naquele momento, *eu vi* você caindo!”. Mas, por sorte, não caí.

De La Junta, saímos dia 26 para o Ventisquero Colgante. *Ventisquero* é uma espécie de glaciário, um bloco de gelo na montanha, é diferente da neve, que é fofa e branca. O *ventisquero* é de gelo azul, como na Antártida. Fica no Parque Nacional

Queulat e tem um camping. Bem, acontece que custava US\$ 7,50, mais a entrada no parque, de US\$ 1,50. Caro para os padrões da Carretera Austral, mas eu estava exausto e não tinha outra opção. Além disso, já estava escurecendo. Acampamos ali, um parque impressionante, e no outro dia de manhã (27), caminhamos até perto do *ventisquero* por uma trilha de 6,5 km de ida e volta, cheia de altos e baixos, pedras, troncos, folhagens, de tudo. Vimos de perto o gelo duro e azul da montanha, mas quando estávamos mais perto, grossas nuvens taparam o visual. Voltamos e preparamos tudo para partir, o que acabou acontecendo só às 14 horas. Tínhamos que chegar a Villa Amengual (uns 60 km dali) ainda durante o dia. Paulo foi na frente, rápido, e eu disse a ele que procurasse uma pousada e reservasse uma cama para mim. Segui devagar, pois a estrada naquele trecho era muito pior, de novo com pedras, buracos e lama, e a chuva, para variar, continuava. Na estrada, muitas subidas, o que dificultava a pedalada. Uma delas era a segunda maior de todos os 700 km da Carretera Austral: tinha 500 metros. Essa, eu subi quase toda pedalando. Bem, ainda não tinha chegado a Villa Amengual, e caiu a noite. Continuei pedalando devagar, às vezes caminhando, pois a estrada em certos pontos se tornava impraticável. Quando estava escurecendo, eu vi a luz da Lua filtrando-se por entre as nuvens, mas logo desapareceu. Anoteceu, finalmente, e pus pela primeira vez em toda a viagem o farol na bicicleta. Continuava sem enxergar grande coisa, ia devagar com medo dos precipícios ao lado da estrada, com medo das pedras e dos buracos, e a chuva continuava. Eu, todo coberto com a capa de chuva impermeável com capuz. Lá pelas tantas, veio um carro, e eu fiz sinal para que ele parasse. O carro parou, era um casal, e eu perguntei a eles se sabiam quantos quilômetros faltavam para chegar a Villa Amengual. É que, pelo que marcava o ciclocomputador (aparelhinho que marca hora, quilômetros rodados, velocidade, etc., e vai preso no guidom), eu já deveria ter chegado. O cara também não sabia, mas consultou um mapa e chegou à conclusão de que faltava

apenas mais uma descida. Bem, continuei e, realmente, pouco depois cheguei ao pequeno povoado. Descendo, tudo parecia muito estranho: em meio à chuva, de noite, a pequena vila parecia estar apagando ou sem energia elétrica, apenas com velas no interior de algumas casas, pois a luz era mínima. Depois, eu soube que a luz do povoado vinha de um gerador, que estava fraco. Naquele escuro, olhei para as poucas casas daquele povoado perdido, e nenhuma tinha cara de *hospedaje*, nem vi nenhuma placa de pousada. Mas, de repente, do meio do nada, passam uma senhora e uma menina, e se deparam com aquele ciclista vindo não sabe de onde, do meio da noite, e perguntei se havia algum alojamento naquele lugar. Pois eu estava praticamente na frente, não tinha placa mesmo, mas era ali. Quando bati na porta e abriram, já vi o Paulo lá dentro. Tentamos pechinchar, mas ela cobrou US\$ 10,00. Tomei um banho quente no banheiro que era comum, era o banheiro da pequena casa, onde morava uma família, comi qualquer coisa no quarto e fui dormir. No outro dia, saiu o Sol. Pusemos algumas coisas para secar, e eu saí antes que o Paulo, pois ele ficou limpando a bicicleta. Nesse dia, nós íamos parar em Manihuales, a 60 km. Cheguei antes que o Paulo e, no caminho, conheci uma holandesa que já estava viajando sozinha há cinco meses, passando pela Bolívia e pelo Peru, depois tomou um avião para o sul e ia rumo ao norte. Passou pela famigerada Ruta 40 e também disse que não é nada do outro mundo. Muito vento, mas em direções variadas. Disse que pegou muito vento contra – para mim, que ia para o sul, seria a favor. E, às vezes, não havia vento nenhum, apenas o silêncio da vasta estepe árida e vazia. Esqueci de contar: entre os muitos ciclistas que encontramos pelo caminho, topamos com um casal de suíços que estava pedalando há dois anos e meio! China, Índia, Tailândia, Austrália e outros países. Vinham agora do sul e iam “somente” até o Alaska! Passaram também pela Ruta 40 e me deram boas informações. Os ventos são constantes, mas mudam de direção. As fazendas no caminho podem dar água e até

comida. Logo, a estrada não é tão hostil assim. E a estrada está boa, não é como alguns trechos da Carretera Austral, que simplesmente me impedem de pedalar.

Cheguei a Manihuales e, disposto a economizar, decidi não parar em nenhuma hospedaria. Quando eu estava comprando algo num mercado, o Paulo chegou. Ele foi para uma pousada, e eu fui acampar na beira do rio. Nesse dia, o tempo estava bom, finalmente. Fiz uma comida e comprei um vinho para comemorar mais de 2.500 km rodados nessa bicicleta maravilhosa. Depois, o Paulo apareceu onde eu estava acampado com uvas e maçãs, que foi nossa sobremesa.

Na manhã seguinte, havia uma serração que cobria tudo e uma forte umidade, mas o Sol acabou saindo mais tarde. Antes de sair, eu, que às vezes tenho prisão de ventre, e nessa viagem não tinha nada disso, tive uma vontade inadiável de ir ao banheiro. Onde? Só mato perto do rio, isso dentro do próprio povoado. O jeito foi ir atrás da moita...

Saí de Manihuales às 11 horas, e logo havia uma subida e aquela estrada horrível cheia de pedras. Depois, tive que parar, porque a mochila caía da garupa para um lado, perigava cair no chão e desequilibrava a bicicleta. Tive que rearranjar o lugar das coisas, tentar amarrar tudo de outra forma, enfim, levei mais de uma hora para resolver o problema! Depois, continuei a pedalada com um cansaço acumulado de cinco dias de viagem sem descanso, e naquela estrada péssima. Ia muito devagar. Mais tarde, furou um pneu. Era só o que me faltava! Nesses momentos, fico irritado. Só fura pneu quando estou cansado ou no final do dia. Merda! Parei e comecei a trocar a câmara. A primeira câmara vazava ar, devia também ter um furo. Peguei a segunda câmara, e saía ar perto da válvula. Que azar! Só a terceira câmara que eu trazia não deu nenhum problema (só um louco inexperiente de primeira viagem carrega três câmaras, mas, nesse caso, isso serviu para me salvar). Comecei, então, a encher o pneu. A bomba, no entanto, não

funcionava. Mas era nova! Fui mexer nela para ver se não tinha areia dentro, e caíram algumas peças. Minha experiência é: nunca conseguirei colocar de volta qualquer peça de qualquer aparelho... E agora? Qual é a ordem dessas pecinhas? Fui testando, testando, e consegui encher o pneu. Ufa! Tempo perdido, irritação e mais cansaço ainda. Lá vou eu de novo, sabendo que não ia chegar a lugar nenhum, a essa altura, e teria que dormir na beira da estrada, já que Coihaique estava longe, e antes, na estrada, não tinha existia nenhum povoado. Continuei a viagem. Mais tarde, dois ciclistas chilenos, bem jovens, que eu tinha conhecido em Chaitén, apareceram. Iam pedalar um pouco mais e procurar um lugar para acampar. Ótimo! Fomos juntos, chegamos a uma casinha simpática de madeira na estrada, e os chilenos entraram, bateram na porta, e pediram para a dona da casa para acampar no terreno e usar a água do tanque. A dona permitiu. Acampamos e tivemos água quente para cozinhar (continuamos sem banho, claro). No outro dia, antes de partir, a dona do sítio apareceu com um balde cheio de maçãs e ameixas vermelhas recém-colhidas para nós!

Seguimos viagem, e depois de uns 3 km, chegamos a uma parte de asfalto. Finalmente, o fim dos buracos, da lama e das pedras! Daí, eram 50 km até Coihaique, com duas grandes subidas no caminho, e acabou-se a Carretera Austral para mim, pois de Coihaique eu desviaria o caminho para a Argentina.

Conhecemos um casal – um suíço e uma alemã – que iam até Caracas, e um inglês que ia talvez até Chaitén, todos, claro, de bicicleta. Continuamos e chegamos a Coihaique às 17 horas. No último trecho, eu sentia minha bicicleta tão pesada, que parei para ver se o freio não tinha travado ou estava roçando a roda, algo assim. Que nada, eu é que estava no limite da exaustão, com os músculos das pernas cansados, duros, sem elasticidade nem força, no sétimo dia de viagem ininterrupta por uma estrada difícil

entre as montanhas. Procurei um lugar que constava no guia de camping e fiquei por lá. Os chilenos foram para uma casa de um amigo da família.

Cheguei ao camping, e quem estava lá? Paulo, o curitibano. Tomei banho e saí para telefonar e comprar umas empanadas. Não consegui falar com minha companheira, mas deixei um recado. Falei com meus pais, dando as últimas notícias. Depois, voltei ao camping para comer, e logo apareceram os dois chilenos que tinham viajado comigo. Foram comer pizza, e eu e o Paulo fomos juntos para beber uma cerveja. Depois, cansadíssimo, fui dormir e pus uma música no toca-fitas. Mas tive insônia, não conseguia pegar no sono. Que estranho... De madrugada, o pessoal da Argentina que estava acampado ao lado resolveu ir embora. Que hora para partir! Bom, dormi, acordei pelas 9 horas, não tenho certeza. Porque o ciclocomputador pifou no caminho... Só isso? Não! A máquina fotográfica também estragou...

2 de março de 1996.

Hoje, fui levar a máquina para consertar, comprar câmara nova, e arrumei o ciclocomputador! Foi um conserto de mestre: troquei a pilha!...

Conseguí falar com minha companheira, felizmente, e comprei comida para mais um tempo. Fiz um almoço mais decente dessa vez: frango ao creme de leite com ervilhas, milho, batata e cenoura, arroz e, claro, uma cerveja Austral. Hoje e amanhã, descanso, lavo roupa, limpo a bicicleta de tanto barro e poeira acumulados, lubrifico-a novamente, etc. Devo seguir viagem na terça-feira em direção à fronteira com a Argentina. No final de semana que vem, devo começar a maldita Ruta 40, que tem 660 km de terra e só dois povoados...

Depois de percorrer quase toda a Carretera Austral, alguns comentários. As paisagens dessa estrada de 700 km são verdadeiramente impressionantes: rios, riachos, cachoeiras, lagos, montanhas com neve, vegetação exuberante com muitos tipos de árvores desconhecidas para mim. Cada quilômetro é uma surpresa, cada curva é um susto diante de tamanha beleza. De bicicleta, a gente pode ter uma visão excelente de tudo, é muito melhor do que de carro, se vê a paisagem muito mais, e se sentem a temperatura, o vento, os cheiros... A Carretera Austral é, certamente, um dos lugares mais impressionantes que já vi – talvez o mais bonito. Apesar de ter chovido sete dos meus onze dias de viagem...

6 de março de 1996.

Fiz tudo o que tinha para fazer em Coihaique, mas acabei não descansando tanto quanto eu queria. Ontem, terça-feira, saí em direção a Vista Hermosa, que não é uma cidade, apenas um lugar onde tem uma reserva florestal e lugares para acampar. Parti de Coihaique um pouco de baixo astral. Fim de férias (os alunos já andam pela rua com o seu uniforme escolar absurdo, paletó azul-marinho e gravata), me dá a impressão de que todo mundo que estava viajando já voltou para casa, os lugares agora estarão vazios, quem foi ao extremo sul já voltou, o frio avança, e em Ushuaia já não deve haver passeios à Antártida. E eu indo para o fim do mundo! O Paulo também partiu, queria ir até Punta Arenas, mas de barco ou avião, não queria seguir pela Ruta 40, além disso, acho que não tinha muito tempo.

Então, saí com uma sensação de tristeza (acho que também sonhei com algo ruim), e a impressão de que não ia encontrar mais ciclistas pela frente, e estava com pouca força para pedalar.

A proximidade da Ruta 40 me dá medo, não sei como vou atravessá-la. Com apenas dois povoados em 660 km, tenho que levar muita água para beber e cozinhar – banho, claro, nem pensar. Mas 1 litro de água equivale a 1 kg a mais para carregar...

Sinto falta de minha companheira, de casa, de tomar uma cerveja com os amigos, dormir numa cama, passear na cidade... Em outras palavras: a solidão se instalou em mim depois de 2.500 km pedalando. Mas, enfim, tinha que continuar, e pedalei mais 70 km até chegar a uma região que era boa para acampar. Um estadunidense de bicicleta que conheci em Coihaique me disse que, no alto de uma subida grande que havia no caminho, eu poderia acampar. Ora, no outro dia fui olhar melhor o guia e descobri que a subida tinha 1.210 metros! Bem, metade do caminho foi asfalto, e o resto, para variar, estrada de terra com pedras... No asfalto, tinha um vento que já me alertou para o que virá na Ruta 40. Muito forte, às vezes deslocava a bicicleta – ainda bem que estava a favor.

Decidi parar em algum lugar antes da tal subida, pois já estava cansado, e no outro dia continuaria até Puerto Ibáñez. Quando estava naquela de decidir onde acampar (é difícil parar para acampar sozinho, quando a gente já se sente muito... sozinho), apareceram na estrada três ciclistas, um casal de ingleses e um suíço. Como me senti bem! Imediatamente, paramos para conversar – como sempre acontecia na estrada –, e eles disseram que andariam só um pouquinho mais e procurariam um lugar para passar a noite. Então, eu disse a eles que, uns 3 km antes, tinha visto um lugar que parecia ótimo. Fomos para lá. Era um pequeno pasto junto a um rio, onde montamos nossas barracas, cozinhamos – eles, uma carne numa grelha sobre carvão, eu, minha massa na panelinha, no fogareiro –, conversamos muito, rimos, trocamos informações úteis sobre as estradas, os alojamentos, etc. Até que saiu a Lua. À beira do fogo, junto ao rio, dois ingleses, um suíço e um brasileiro viajando de bicicleta no sul do planeta conversavam sobre

qualquer bobagem e estavam felizes. Longe do fogo, o frio era intenso. Fomos dormir e, durante a noite, acordei várias vezes com frio. De manhã, um chuvisco bem fininho. Tomamos café todos juntos, e aí pelas 10 horas nos despedimos, tiramos fotos, trocamos endereços e partimos.

O suíço e o inglês pensam em ir até São Paulo, então dei a eles meu endereço em Florianópolis, cidade da qual Christoff, o suíço, já tinha ouvido falar. Os ingleses, David e Judith, vieram desde El Calafate pela Ruta 40, mas, depois de cinco dias enfrentando o vento, desistiram e pegaram uma carona com uma caminhonete. Quem estava no carro? A holandesa que tinha me dito que fizera *toda* a Ruta 40 pedalando... Fiquei com mais medo do que já estava. O jeito é tentar percorrê-la devagar, quando for impossível, parar, e em caso extremo, pedir uma carona (mas quem vai passar por essa estrada fantasma?). Minha esposa que ia gostar, vivia dizendo: “Rê, não vai por essa estrada, pega uma carona, assim você volta logo!”. No início, eu pensava que podia fazer toda a viagem de bicicleta. Mas, com os depoimentos que ouvi, não vou hesitar em pegar uma carona se o vento estiver tenebroso. Além de tudo, o vento contra, para quem está de bicicleta, dá nos nervos!

Bem, hoje andei mais uns 50 km e cheguei a Puerto Ibáñez. No caminho, passou a família que acampou no mesmo lugar que eu em Coihaique e parou para conversar um pouco.

Daqui, sai um barco que atravessa o Lago General Carrera até a cidade de Chile Chico, a última cidadezinha chilena, depois entro na Argentina de novo. Os *carabineros* (policiais) me disseram que hoje tem um barco às 19 horas, mas alguns moradores me falaram que há um único barco às 9 horas, e esse das 19 horas, só se for um *charter*. Bem, tenho que esperar. Se não tiver um barco hoje, durmo aqui (numa *hospedaje* com o saco de dormir, cobram US\$ 2,50, mas o chuveiro é de água fria...).

7 de março de 1996.

Encontrei a família chilena de novo na hora de pegar o barco. Fomos juntos, tomamos mate e conversamos. Ficamos de acampar juntos, mas nos desencontramos, porque não achei os campings – já estava escuro, e eu não via nenhuma placa indicativa. Fui até um pedaço de uma rua de terra e sem iluminação, voltei, e aí acabei encontrando os chilenos, que resolveram acampar na beira do lago. Fui para uma *hospedaje* que um cara me ofereceu. Para pôr o saco de dormir num quartinho que só tinha uma cadeira, cobrava US\$ 2,50, com banho quente! Maravilha! Fiz uma massa – para variar – na cozinha dele e escutei um pouco do jogo de futebol entre o Brasil e a Argentina, seleção júnior, tomando a ótima cerveja Austral. Depois, fui dormir.

Ontem, decidi que não ia percorrer a Ruta 40. Quando a gente planeja uma viagem, não consegue pensar em tudo, porque temos um defeito: somos muito otimistas às vésperas de viagens... No fundo, achamos que tudo vai ser perfeito. No início do meu planejamento, eu estava um pouco preocupado com longas distâncias sem nenhuma cidade, nenhum povoado, nada. Teria que dormir na estrada, levar mais água – que é o principal numa viagem de bicicleta, o que jamais pode faltar –, comida, etc. Na verdade, dormir no meio do caminho não é nenhum problema. Já o peso de carregar água, sim. Acontece que, depois de ter viajado 2.700 km de bicicleta e conversado com muitos ciclistas, fui percebendo que a Ruta 43 era um problema maior do que eu tinha imaginado há meses. Com ventos fortíssimos, se juntam vários problemas. O primeiro é a condição física: ter que pedalar uns 70 km por dia com vento contra, e muito forte, pode ser quase impossível. Se o vento for de lado, desequilibra a bicicleta, e é muito fácil ser atirado ao chão. Se um vento desses, como escutei falarem, durar uns dez dias,

e pedalando 10 horas por dia, conseguiria fazer no máximo 40 quilômetros: a viagem se torna totalmente inviável. Além do mais, a estrada também é toda de *ripio*, ou seja, pedras. Mas tem mais: é impossível montar uma barraca, sozinho, com um vento de 80 ou 90 km/hora. O casal de ciclistas ingleses dormiu até embaixo de uma pequena ponte (não sei para que a ponte, se não passa água embaixo...), de tanto vento que havia... Demorei muito para tomar essa decisão. Meu medo maior não era ter que atravessar essa estrada difícil. Meu medo maior era ter que desistir da idéia de fazer toda a viagem somente de bicicleta. Era como um desafio, um compromisso que assumi comigo mesmo, e ter que desistir dele, pegar algumas caronas ou ônibus, seria triste. Isso tornou muito difícil minha decisão, mas, afinal, foi o mais sensato.

Se eu ainda tivesse alguma dúvida, teria decidido com o que seria a “gota d’água” nessa história. Fui de Chile Chico, no Chile, à cidade de Perito Moreno, na Argentina. Peguei um vento a favor, o que foi ótimo, e a estrada era asfaltada. Havia momentos em que eu pedalava a 35 km/hora. Mas, quando eu parava, sentia força do vento. Era difícil caminhar contra ele! Bom, como ir, agora, de Perito Moreno a El Calafate (660 km), se eu tinha desistido de ir de bicicleta? Fui a um posto de informação turística perguntar sobre os transportes, e a senhora que me atendeu disse que havia um avião a El Calafate que saía uma vez por semana, e tinha sido no dia anterior... “Bem”, eu disse, “então, quais são os horários dos ônibus?”. Ela me respondeu: “Não há ônibus”...

Mas essa senhora, muito atenciosa e prestativa, me disse que eu poderia tomar um ônibus até a costa atlântica, a Caleta Olivia, e de lá pegar outro até El Calafate. Eu atravessaria a Patagônia no sentido oeste-leste, até o mar, e iria para o sul, para depois cruzar de novo no sentido leste-oeste até El Calafate, base para visitar o Glaciar Perito Moreno. Bom, eu não tinha escolha, e, afinal; economizaria uns dez dias de viagem de

bicicleta, chegaria a Ushuaia antes – mesmo assim, já seria outono, muito mais frio –, e voltaria para casa mais cedo.

8 de março de 1996.

Hoje de manhã, vou descansar, e às 16 horas pego o ônibus para Caleta Olivia, no litoral atlântico. De lá, outro ônibus me levará às 22 horas para El Calafate, perto do famoso Glaciar Perito Moreno.

Às vezes, me lembro de coisas que esqueci de escrever antes na viagem. Por exemplo, muitos ciclistas andam com os alforjes (bolsas que vão penduradas na garupa) impermeáveis. São alforjes alemães, parece que a marca é Otliber. Tenho que ver se consigo comprar. O suíço e o casal de ingleses que acamparam comigo me disseram que encontraram um japonês viajando de bicicleta. Acontece que, há seis anos, esse suíço pedalava pelo Deserto do Sahara, quando viu um japonês. Conversando com este japonês que pedalava no Chile, o suíço lhe contou a história, e o japonês, então, falou: “Sim, há seis anos, era eu quem estava viajando no Sahara”... Da mesma forma, ouvi de diversos ciclistas que viajavam na Carretera Austral as mesmas histórias sobre um japonês que viajava pela Ruta 40 à noite, outro que não fazia mais do que 40 km por dia por causa do vento, etc. Há muitos europeus na estrada, mas quase todos destes países: Alemanha, Inglaterra, Suíça e Holanda. Alguém viu um austríaco. Os de língua latina, não vi: portugueses, franceses, italianos... Ninguém. Só um espanhol. Nem gregos ou noruegueses... Interessante essa concentração de gente viajando de bicicleta de apenas quatro países. E da América, um estadunidense e um brasileiro, além, claro, de quatro chilenos e alguns poucos argentinos, mas esses não na Carretera Austral. Outros latino-

americanos não são vistos, com certeza isso tem a ver, além da falta de tradição de viajar de bicicleta, com a questão financeira.

Outro comentário: que bom voltar à Argentina! De novo, sorrisos amigáveis, atendimento amável, olhares vivazes, espertos, bom humor, muita solidariedade. Antes de começar a viagem, pensei: “Ih, vou ter que agüentar a empáfia dos argentinos, mas os chilenos devem ser simpáticos”. Que equívoco! Os chilenos do sul são antipáticos, fechados, às vezes francamente hostis, como a senhora de uma *hospedaje* que, quando perguntei, diante de um café da manhã pobre, escasso, se ela não servia leite (de propósito, pois nem tomo leite), ela respondeu secamente: “Não!”. Eu cumprimentava alguns chilenos na rua, na estrada, e eles nem respondiam. Mas os argentinos, para minha surpresa e para desmontar com o meu preconceito, me cercaram de amabilidades, informações, favores, sorrisos. Realmente, uma surpresa que me comoveu durante toda a viagem, coisa que jamais vou poder esquecer.

Mais um comentário: na cidade de Perito Moreno (não confundir com o Glaciar Perito Moreno, que fica perto da cidade de El Calafate, mais ao sul), faz frio, não sei exatamente qual a temperatura (perdi meu chaveiro-termômetro), mas a mínima deve estar em 7 ou 8°C. E com o vento, é pior. Mais ao sul de El Calafate, quando voltarei a pedalar, deve estar fazendo mais frio ainda neste final de verão. A temperatura mínima lá no sul estava oscilando entre 2 e 7°C.

Cheguei a Caleta Olivia às 20h30 e comprei uma passagem para Río Gallegos. Vou muito mais para o sul do que eu esperava. Río Gallegos já está perto de Ushuaia, mas daí vou pegar um ônibus para o interior de novo, rumo a El Calafate, parada obrigatória para ver o extraordinário glaciar.

De Perito Moreno até Caleta Olivia, cruzando a Patagônia no sentido oeste-leste, é tudo árido, não há uma só árvore, apenas um tipo de gramínea ocre, como seca, e um

terreno pouco ondulado. O que torna a região ainda mais fria e sujeita aos ventos fortes, que vêm predominantemente do oeste, descendo a Cordilheira dos Andes. Praticamente, toda a Patagônia é assim: do pé da Cordilheira até o Oceano Atlântico, é tudo inóspito, isolado, árido e frio. Uma beleza! Passei por lugares onde se extrai petróleo e dois ou três povoados minúsculos no meio do nada. Bem, agora o garçom do restaurante onde estou me explica: o gás é extraído de uma camada mais próxima, e o petróleo, de uma camada mais profunda.

Saio hoje (na verdade, já amanhã) à 1h15 para Río Gallegos e chego de manhã, às 10 horas. Lá, pego um ônibus às 13h30 para El Calafate, base para visitar o Glaciar Perito Moreno, um enorme bloco de gelo que tem 70 metros de altura e cerca de 200 km². De lá, sigo de bicicleta mais para o sul, volto ao Chile e entro na Terra do Fogo, de novo para a Argentina até Ushuaia.

Agora, vou comer uma boa carne argentina e tomar um bom vinho tinto barato, assim vou ver se pego no sono nessa viagem, porque, normalmente, não consigo dormir em ônibus.

Em Perito Moreno, fiquei num camping que tinha uns trailers e algumas cabanas. Pousei num aposento de um trailer por US\$ 7,00, com duas camas, cadeira, lugar para guardar coisas e direito ao banheiro do camping, com água quente e tudo, tinha até aquecedor! Hoje, um caminhoneiro que parou perto veio me pedir fósforos e sal para fazer um churrasco. Acabou me convidando para comer (ah, os argentinos...), e lá fui eu! Bate-papo e comida com mais quatro caminhoneiros, viajantes como eu no fim do mundo, e dá-lhe carne com pão!

9 de março de 1996.

O ônibus só saiu de Caleta Olivia às 2 horas da madrugada e chegou a Río Gallegos às 11h30. A paisagem da Patagônia é realmente árida, desde a província La Pampa – que vem logo depois da de Buenos Aires. Não se vê uma árvore, a não ser as plantadas por moradores da região, algumas, inclusive, são delgadas e altas, que os fazendeiros plantam em fileiras para proteger a propriedade dos ventos. Mas a paisagem com sua vegetação rasteira da cor da palha seca não deixa de ter seu encanto.

Às 13 horas, peguei o ônibus para El Calafate e cheguei lá às 17h30. Uma mulher na rodoviária me deu um papelzinho, que era a propaganda de um camping, que já era mesmo aquele que eu estava pensando em procurar, pelas informações do guia. Com banho quente e fogão para cozinhar, cobravam US\$ 3,00. Barátíssimo para os padrões argentinos, ainda mais aqui no extremo sul, onde qualquer produto, para chegar, tem que viajar muito.

No caminho para cá, vi uma mulher viajando de bicicleta. Aqui no camping, tem um ciclista suíço e três japoneses! Conversei um pouco com os nipônicos – o que foi muito engraçado, eles repetiam tudo o que eu dizia, como para entender melhor –, também vão para Ushuaia. Vieram do Japão para os Estados Unidos, de lá para Santiago do Chile, de avião, depois para o sul desse belo país, já há algum tempo pedalando.

10 de março de 1996.

Ontem, também conversei com um casal da Nova Zelândia! Esse país, pelas fotos que já vi, é um dos lugares mais belos do mundo. E eles, não contentes com tanta beleza acumulada em pouco espaço, viajam para o outro lado do mundo em busca de mais beleza, como é o sul do Chile. É incrível!

Ontem à noite, saiu uma Lua belíssima, e hoje está um dia bonito, ensolarado. Amanhã, vou de ônibus até o glaciário, pois hoje o transporte estava lotado. Depois, voltarei um pouco pela estrada, mas agora de bicicleta, para pegar um trecho da Ruta 40 – olha ela aí de novo... – com destino ao imponente Parque Nacional Torres del Paine, ainda no Chile. Todas essas paisagens que vou ver agora são impressionantes, talvez mais do que as que vi em toda a viagem até agora. Depois, como se não bastasse tanta surpresa e espanto com a natureza do sul do continente, vou para a Terra do Fogo.

Comentários: estou aqui em El Calafate, um pouco mais ao sul do paralelo 50, a 3.064 km de Buenos Aires e a cerca de 4.500 km de casa. Apesar de estar no extremo sul do planeta, hoje faz um calorzinho, agora, às 14 horas. O Sol está alto, visto uma camiseta fina de manga comprida e short. É claro que a noite vai ser fria. Não sei qual será a temperatura mínima, mas deve estar entre 7 e 8°C. De qualquer modo, continuo dormindo de cueca e camiseta no saco de dormir, sem problemas.

Em certas ocasiões, tenho um certo desânimo para continuar, o que, felizmente, aconteceu pouquíssimas vezes nesta viagem. Antes de começar, pensei que estes desânimos seriam muito frequentes, embora normais. Inclusive, faz parte do treinamento para uma viagem de longa distância como esta fazer pequenas viagens de alguns dias, com barraca, fogareiro, mochila, saco de dormir, para testar não só a preparação física, mas a disposição psicológica para enfrentar todo tipo de situação na estrada e a solidão. No entanto, estive muito bem durante todo o percurso, mas, não sei por que, andei um pouco desanimado nos últimos dias, talvez pela impressão de que, realmente, estou indo para o fim do mundo e encontro cada vez menos pessoas no caminho.

Mas, na verdade, não é assim, pois vou chegar a lugares muito povoados, cidades como Punta Arenas, e mesmo Ushuaia, e aqui no camping vi que, conforme previa, o pessoal ainda não acabou as “férias” – claro, são do Hemisfério Norte, as férias letivas são em julho e agosto, agora, no verão do Hemisfério Sul, acho que a maioria desses viajantes, como os ciclistas, tiraram uma licença, pediram demissão, têm auxílio-desemprego, ou simplesmente estão gastando um dinheiro que juntaram durante alguns meses e que é suficiente para esses lugares baratos – para eles – da América do Sul. Há até mesmo argentinos no camping. Entretanto, o fato de eu estar mais próximo de Ushuaia me dá uma sensação ambígua: por um lado, a certeza de que, finalmente, depois de planejar esta viagem por um ano e meio e pensar nelas durante muitos dias e muitas noites, me preparar durante meses com a bicicleta, pesquisar em tudo quanto é lugar (eu ainda não tinha a menor idéia do que era internet, nem lembro se já existia isso aqui), vou chegar a Ushuaia pedalando, dentro de alguns dias, e conhecer um dos lugares mais bonitos do mundo, que o capitão do barco Calypso, de Jacques Costeau, escolheu para morar. Por outro lado, essa proximidade da chegada (faltam mais ou menos 15 dias) me dá vontade, também, de voltar para casa. E, por último, às vezes penso: “Nossa! Já andei mais de 2.800 km de bicicleta e ainda faltam mais de 1.000 km, e passei por lugares tão incríveis!”. E isso volta a me dar ânimo. Realmente, as regiões que vi foram tão surpreendentes, que acho que jamais vou voltar a ver algo semelhante em outro lugar.

Lembro em detalhes do primeiro dia de viagem, eu saindo de Buenos Aires às 6h30 de uma manhã de Sol, com a bicicleta pesadíssima para o meu corpo ainda desacostumado, mas rodando firme no asfalto. E os primeiros amigos – os primeiros argentinos solícitos, simpáticos, amáveis, prestativos, solidários – já no primeiríssimo dia. Eu dizia a eles: “Vou até Ushuaia, hoje é meu primeiro dia, só faltam três meses...”.

Hoje, os japoneses saíram de bicicleta rumo ao sul. Como vou partir depois de amanhã, eles levam dois dias de vantagem, mas é possível que nos encontremos em Ushuaia, pois eles vão ficar por lá alguns dias.

Creio que o desânimo que tenho (felizmente, esses momentos foram raros) às vezes confirma uma coisa: nenhum inconveniente, nenhum problema, nenhum esforço abala mais do que estar só. Se estou com outro ciclista, andar mais 15 km para acampar num lugar melhor é fácil, mas, se estou sozinho, cansado e um pouco desanimado, 5 km já me deixam exausto. Foi o que sempre pensei: o lado psicológico é o mais vulnerável. Mas, cá pra nós, o lado físico é fundamental, e eu não tinha certeza de que estaria preparado, afinal, nunca fui atleta. De qualquer forma, foi melhor do que eu esperava, desde o primeiro dia, quando eu planejei pedalar 70 km e pedalei 100 km! Esta viagem também me deu a experiência necessária para planejar a próxima⁷, procurar equipamentos mais adequados, etc. Em termos gerais, o equipamento que eu trouxe serviu, não criou problemas maiores. Mas preciso ir atrás de coisas melhores, mais práticas, enfim, tudo que alivie o peso da bagagem e torne a viagem mais cômoda e funcional. Também agora sei do que preciso, quais ferramentas. Por exemplo, deixei em casa um pequeno alicate, porque não vi nenhuma utilidade para a bicicleta, e, além do mais, seria um peso extra. Bem, de fato não precisei de alicate para a bicicleta, mas sim para arrumar o zíper da barraca!

Quando eu lia os relatos de viagem do Amyr Klink, comentava com amigos: “O Amyr Klink não tem medo, não se sente sozinho, não tem desânimo, não se masturba?”. Porque ele só conta a viagem, mas não o que aconteceu com ele. Bem, agora estou nesta viagem de bicicleta e talvez entenda melhor o Amyr. É que eu mesmo raramente me

masturbei, a gente está com o pensamento 100 % voltado para o dia seguinte, a próxima etapa, nunca se sabe onde se vai dormir, estou com o corpo e o pensamento voltados para o percurso, e a própria sexualidade – que para mim é fundamental –, surpreendentemente, acaba em segundo plano. Por outro lado, não tive medo nem um desânimo grande, nenhuma vontade de desistir, em momento algum, pelo contrário. E uma viagem de bicicleta por paisagens como essas enchem a gente de tanto fascínio, que isso sim é que é uma vida plena, muito mais do que nosso cotidiano na cidade – mas nem se compara! Então, claro, há coisas que ficam em segundo plano, mas também pelo fato de estarmos nesse trajeto provisoriamente. Outra coisa seria *morar* na Patagônia – bem, aí, uma mulher para mim seria imprescindível...

12 de março de 1996.

No camping de El Calafate, conheci um casal da Nova Zelândia, três ciclistas da Suécia, além dos três japoneses, do canadense que adora Egberto Gismonti, dois argentinos que me pagaram uma cerveja e um alemão.

Ontem, fui até o Glaciar Perito Moreno, que só tinha visto em fotos. É inacreditável que aquilo exista! Depois da bela Ruta de los Siete Lagos, na Argentina, e da Carretera Austral, no Chile, este glaciar quase supera tudo o que já de vi de impactante nesta viagem.

Há milhões de anos, a Terra viveu um período glacial – tudo gelo. Bem, o Glaciar Perito Moreno é um dos resquícios dessa era, ali na minha frente. É uma cadeia de gelo azulado que tem cerca de 200 km² e uma altura de 70 metros, um edifício! Tive sorte, porque o dia estava limpo, ensolarado, e lá no glaciar e na Cordilheira quase

⁷ Que ocorreu em 2000, quando viajei de Caxias do Sul (RS) até Florianópolis pela Serra gaúcha e o

sempre tem muitas nuvens, chuvisco, vento. A gente não cansa de olhar para aqueles enormes paredões de gelo, e escuta, constantemente, pequenos estrondos, quando um pedaço de algum bloco azul despenca nas águas do Lago Argentino. Fascinante!

E ainda por cima, o gelo, azul-claro e branco, é belíssimo, de um azul que parece vir da pressão do ar dentro do glaciário...

Foi a paisagem mais impressionante que já vi. Também há outros glaciares na região, na Argentina e no Chile, mas é caro para visitá-los, não tenho dinheiro. Mas, com certeza, vale a pena conhecê-los – para quem pode...

Hoje, saí às 10h40 de El Calafate rumo ao famoso Parque Torres del Paine, no extremo sul do Chile. Sorte: um vento a favor me ajudou o tempo inteiro no asfalto e, pelo mapa, seriam mais de 90 km até uma bifurcação, um povoado chamado Cerrito, e tinha a indicação, no mapa, de um hotel – lugar onde há água! Bem, com o vento a favor, foi fácil fazer cerca de 95 km, apesar da subida de 8 km quase chegando à bifurcação. Nessa parte da Patagônia, extensos campos ondulados deixam ver, às vezes, uma lebre correndo ou um guanaco ao longe. No céu, não é raro se ver o vôo de um condor. Pois bem, cheguei à tal bifurcação, onde haveria um lugar chamado Cerrito e... Nada! Olhando em toda a volta, não havia absolutamente nada, nem um rancho! Outra falha dos mapas argentinos. Dali, saía uma estrada de terra rumo a Cancho Carrera, cidade que faz fronteira com o Chile, e de lá vou visitar o Parque Torres del Paine. Bem no cruzamento, havia uma placa indicando: “Río Pelque – 20 km”. Pensei: “espero que pelo menos haja um rio de verdade, não só o nome, pois preciso de água!”. Eram mais 20 km de pedalada. Lá fui eu! Como ainda era cedo, umas 16 horas, fiz mais esse trecho que, na verdade, estava na famigerada Ruta 40, num dos lugares seguramente mais

inóspitos do planeta. Felizmente, no caminho encontrei uma casa que pertencia à Polícia Argentina, onde morava um cara sozinho. Pedi para acampar por ali, e conversamos. Então, ele apontou para um ônibus abandonado, sem os bancos, vazio, no terreno e disse que três ciclistas já estavam “hospedados” nele, e eu poderia dormir lá também. Fui até o ônibus, e os três ciclistas eram os suecos que eu tinha conhecido em El Calafate. Bom, “hotel” de graça, proteção contra o vento e a chuva, e nem precisava montar a barraca. Quando cheguei ao ônibus, bati na porta, e quando os suecos me viram e me reconheceram, eu disse: “Desculpem, mas eu também tenho reserva nesse hotel!”, e eles riram um bocado!

Conversamos, e comi alguma coisa com o dia ainda claro, cozinharía algo mais tarde.

A paisagem patagônica sempre surpreende. A estepe, às vezes, é verde, às vezes, amarela, ocre, marrom, outras vezes, é cinza. Ontem, indo para o glaciário, vi três lebres correndo. Depois, o ônibus parou para a gente ver um grupo de guanacos, mas estava muito longe. Hoje, vi outra lebre que corria tanto que eu não tinha a menor chance de fotografar. Lebres: comida de puma! Depois, vi guanacos mais de perto e pude fotografá-los. São lindos, curiosos e dóceis – embora tenham me dito depois que eles, às vezes, cospem nas pessoas... Também há passarinhos de cores cinza e branco. A Patagônia é isso: quem a vê rapidamente imagina um deserto monótono e diz: “na Patagônia, não tem nada”. Mas, na verdade, essa imensa região é um ecossistema com uma enorme variedade de espécies animais e vegetais, ameaçado, infelizmente, pelas estâncias, pelos caçadores, etc.

Ah! Também vi emas – o *ñandu* (nhandu em português), nome indígena. Só não vi o puma, que é um felino muito arisco e costuma caçar à noite. Por isso, um dia, conversando com pessoas em La Pampa sobre os boatos de que um ciclista viajara à

noite para evitar o vento, eles comentaram: “*De noche, ¡cuidado con los leones!*”. Sim, porque o puma, onça-parda, também é chamado de leão-americano ou leão-baio (já que o outro, de juba, é natural da África). Amanhã, pelo mapa, há uma estância turística a 56 km daqui, e acho que vou parar para acampar lá e pedir água. Pois na estrada de terra e com ventos – que agora são a favor – não posso fazer de novo 100 km. Assim, na sexta-feira devo chegar ao parque. O alemão que conheci ontem e o canadense deverão estar lá. E um ciclista neozelandês também.

13 de março de 1996.

Ontem à noite, quando fui cozinhar, vi que o fogareiro estava com problemas. Deve ser porque, uns dias atrás, cheguei a um posto de gasolina e pedi: “gasolina”, palavra que existe em espanhol, mas me esqueci de repente que na Argentina dizem *nafta*. Então, pensaram que eu queria *gas oil*, ou seja: diesel. Isso pode ter entupido alguma coisa no fogareiro. Portanto, não pude comer nada quente, apenas pão com atum em lata. De madrugada, acordei muitas vezes com frio, o saco de dormir não foi suficiente para eu me esquentar – tinha ido dormir com o corpo frio. De manhã, conversando com os suecos, eles disseram que também tiveram dificuldade para dormir. Um deles tinha um termômetro. Dentro do ônibus, às 8 horas de uma manhã de Sol, estava 3°C!

Hoje, saí de Río Pelque (que não é um povoado, tem apenas a casa da Polícia) às 9h40 em direção à Estância Tapi Aike. Depois, pelas informações que eu tinha, havia outra estância, também turística, Pupai Pachi, a uns 86 km de Río Pelque. Pensei em ir até Tapi Aike e, dependendo do vento e das minhas pernas, seguiria até Pupai Pachi. Os

suecos saíram um pouco antes de mim. Era aniversário de um deles, e carregavam uma garrafa de uísque na bicicleta!

Comecei a pedalar, logo começou o vento contra. Ah, a Ruta 40... Os ventos predominantes na Patagônia são do oeste. Neste caso, eu estava indo no sentido nordeste-sudoeste – uma diagonal –, e o vento era às vezes de frente, às vezes um pouco de lado. Qualquer mudança de sentido ou intensidade, obviamente, é rapidamente sentida para quem está numa bicicleta. Bem, chegou um momento em que o vento ficou realmente forte. Eu mal conseguia pedalar, tive que caminhar vários trechos de 50 ou 100 metros, levando a bicicleta com as mãos. O frio era intenso – eu estava com toda a roupa de inverno que trazia (banho, é lógico, era coisa do passado...). Em certo momento, mesmo caminhar era difícil, tentando empurrar uns 40 quilos ou mais de peso. De noite, eu tinha percebido que, realmente, o vento pára, mas ele recomeça de manhã cedo e vai se tornando mais forte durante a tarde. Pensei: “caminhando a 3 ou 4 km por hora, vou levar umas 4 horas para chegar, ou seja, lá pelas 18 horas ou mais, se paro para descansar”. Fiz menção de tentar pedalar mais um pouco, mas o vento, nesse exato instante, aumentou! Já devia estar a uns 50 ou 60 km por hora. Nessa hora, pensei: “hoje, terei que pedir uma carona, mas... Com quem? Se durante todo o dia só passam três ou quatro carros e dois ônibus, e para pegar carona com a bicicleta junto, tem que ser uma caminhonete... E com o bagageiro vazio!”. Nesse momento, vem vindo uma caminhonete – com o bagageiro vazio! Reduziram a velocidade e buzinaram. Fiz sinal pedindo carona, e eles pararam. Perguntei: “como se faz para desligar o vento?”. E o motorista respondeu: “Ah, tenho que falar com o encarregado...”. Eram três homens no carro. Um deles me ajudou a pôr a bicicleta no bagageiro (sozinho, eu não conseguia), e saímos. Mais adiante, me deixaram, a uns 15 km da estância Tapi Aike, em frente a um pequeno hotel na beira da estrada de terra. Olhando em volta, não havia nada: nem casa,

nem posto de gasolina, nem um quiosque... Nada! Só o hotelzinho que mais parecia algo de um filme passado num deserto qualquer – só que, nesse caso, um deserto onde faz muito frio.

No hotel, tinha um senhor que conversou comigo e conhecia o Brasil. E uma senhora com seu filho, que cuidavam do negócio. Eu, na maior cara-de-pau, falando com essa senhora – dona ou gerente *de um hotel* –, pedi para dormir lá num lugar coberto, onde pudesse colocar o saco de dormir, um lugar, é óbvio, *gratuito*... Me indicaram uma pecinha anexa, vazia, parecia uma pequena garagem, suja e com uma janelinha em cima sem vidro, deixando o ar frio entrar. De graça, o que eu esperava? Me instalei ali, sem precisar de barraca de novo. Que coisa! O vento parecia que não ia parar nunca mais, as coisas tremiam, faziam barulho. Ainda bem que de Puerto Natales, no Chile, a uns 80 km daqui, até a Terra do Fogo, a estrada vai numa diagonal no sentido noroeste-sudeste, então o vento deve ser a favor. Tomara!

Hoje, eu senti o joelho direito, é a segunda vez na viagem. Tenho um cisto nesse joelho, não posso fazer nenhum esporte que acarrete peso nas articulações ou pulos muito fortes, como futebol ou vôlei, e para pedalar tenho que estar sempre bem aquecido, principalmente com toda essa bagagem que levo. Mas, com o frio, é pior. Acho que não fiz um aquecimento suficiente de manhã (como faço todos os dias, além do alongamento). Por tudo isso, a carona veio a calhar.

14 de março de 1996.

Ontem à noite, fui perguntar no hotel se serviam chá ou alguma coisa quente, já que eu estava com o fogareiro estragado e queria ingerir algo quente à noite, para não passar frio outra vez durante a madrugada. A senhora disse que sim, mas que eu voltasse

mais tarde, pois estava fazendo uma limpeza. Era rude, mal-encarada, esquisita e brigava com o rapaz – devia ser seu filho. Fechou a porta de entrada do hotel, e voltei para a minha peça fria, vazia e suja. Voltei mais tarde, bati na porta, ele abriu e me mandou entrar. O interior da casa estava aquecido por uma lareira. Me chamaram para a cozinha, e entrei. Imediatamente, fiquei fascinado. Era uma enorme cozinha de hotel, com fogões industriais, aquecimento, panelões, uma ampla mesa de madeira... Eu, que adoro cozinhar, de repente me vejo num lugar maravilhoso daqueles, com jeito de fazenda ou hotel muito antigo, aquecido, com aquele frio lá fora, no meio do nada, e sendo convidado pela responsável para fazer uma refeição ali dentro, eu que estava parando nesse hotel *de graça*... Ela me mandou sentar, já tinha posto um prato de sopa para mim e outro com pão. Conversando, me olhou com um ar irônico, bem nos olhos, desconfiada, meio bruxa, meio mãe, e me perguntou: “o que estás aprontando por aí?”. Respondi que estava viajando, conhecendo os lugares, iria até Ushuaia. Ela riu. Terminei a ótima sopa bem quente e o pão caseiro, e perguntei quanto custava. Ela disse: “Não é nada”. Argentinos...

Depois, fui ver um filme no vídeo com o filho dela. Mas, com o sono, fui dormir, já eram 23 horas...

Não passei tanto frio como anteontem, me agasalhei mais para dormir. Hoje, saí do hotel às 9h50 e no caminho encontrei um argentino viajando de bicicleta – mais um ciclista no sul do mundo! Tinha ido até Ushuaia pela costa atlântica, agora estava voltando, rumo ao norte, mas pelo lado da Cordilheira. Daria a volta em toda a Argentina. Tinha pouca roupa de frio e muito menos bagagem do que eu. Perguntei se ele não estava sentindo frio nesses dias, e ele respondeu: “¡*estoy cagado de frío!*”. Eu quis saber como ele tinha pedalado pela Ruta 3, no litoral, com aqueles ventos, e ele falou que, às vezes, para evitar fortes ventos, viajava à noite. Então, era ele! O argentino

louco que muitos já conheciam de nome na estrada – efeito da comunicação boca a boca que existia durante o verão entre viajantes, ciclistas ou mochileiros, de vários países!

Eu, normalmente, não visto toda a roupa para pedalar. Tenho na bagagem uma calça de abrigo, um blusão de lã, meias de lã, camisetas de manga comprida. E, para pedalar, estava usando um blusão para esportes de inverno, agora já estou usando dois.

Não vi mais os suecos, creio que eles devem ter parado na estância Tapi Aike, nesse caso, estariam atrás de mim.

Continuei viagem com o vento contra, e passou um carro que é a terceira vez que eu vejo nessa viagem. Inacreditável! Já me aconteceu outras vezes nesta mesma viagem, ver o mesmo carro mais de uma ocasião. Mas este é a terceira! Nesse caso, é uma caminhonete fechada atrás, o que os argentinos chamam, muito apropriadamente, de *casa rodante*. Os argentinos adoram sair, viajar, acampar. Agora, tratava-se de um casal viajando, só os dois no pequeno *motorhome*, e deviam ter cerca de 70 anos. Vi o carro em La Junta, na Carretera Austral e, depois, estacionado no Glaciar Perito Moreno. Bom, continuei pedalando, e, mais adiante, uns 6 km antes de Cancha Carrera, esse carro estava parado. Parei para conversar (quem nunca viajou sozinho de bicicleta não tem noção do que é ver uma cara conhecida, simpática, mais de uma vez na mesma viagem. O magnetismo é imediato, a gente pára e começa a se falar). Disse a eles que era a terceira vez que nos encontrávamos. Eles viajavam há mais de um mês. Com seus cerca de 70 anos, dormiram na *casa rodante* de frente para o glaciar! Me deram imediatamente uma xícara de café – nem acreditei, um café preto quentinho! –, mais quatro fatias de pão com manteiga – uma coisa sublime! Que almoço! Comi com prazer, enquanto eles almoçavam dentro do carro – tinham cozinha –, e depois iam fazer a *siesta*... Me despedi, e eles me deram seu endereço na Argentina.

Pedalei mais uns 6 km sentindo de novo o meu joelho direito e cheguei a Cancha Carrera, um lugar com algumas casas espalhadas, 1 km de distância uma da outra, e fui até a Gendarmería Nacional – a polícia de fronteira, pois o ciclista argentino tinha me dito que eu poderia dormir lá numa casa de madeira abandonada. Falei com os policiais, que me permitiram parar lá, e também consegui com eles um pouco de gasolina para o fogareiro. Finalmente, pude cozinhar, depois de limpar quatro vezes o fogareiro, tentando desentupi-lo. Preparei – adivinhem... – uma massa e tomei refresco de mamão em pó. De sobremesa, marmelada (há alguns momentos da viagem que é preciso fazer uma refeição sofisticada e única como essa!). Agora, são 18 horas. Olho pelas janelas do casebre abandonado. Lá fora, é a imensidão de campos ondulados, sem árvores nem casas, com o vento frio cortando tudo.

Hoje, é o meu terceiro dia de viagem desde El Calafate, e como devo passar mais um ou dois dias na estrada para chegar a Puerto Natales, no Chile, resolvi que teria que, depois de três dias, tomar um “banho”. Num resto de banheiro da casa, meio demolido, molhei e ensaboei rapidamente algumas partes do corpo – água fria, temperatura ambiente fria, tudo frio! – e pronto! “Banho” tomado, com desodorante e tudo!

Agora, vou estudar o percurso. Tenho dois caminhos possíveis até Puerto Natales. E amanhã ou depois, onde eu puder encontrar um vinho (que, aliás, tomei muito pouco durante esta viagem, como bom “atleta”), vou comemorar meus primeiros 3.000 km nesta maravilhosa bicicleta!

É incrível, quando são 20 horas, e o vento pára, como se alguém o tivesse desligado. E recomeça no outro dia de manhã. O argentino que pedalava à noite tinha razão ao pedalar de noite. O problema é dormir de dia...

16 de março de 1996.

Ontem, acordei e vi o nascer do Sol avermelhado nesta Patagônia incomparável. Fiz um chocolate quente, preparei tudo para sair – o que sempre demora –, fiz alongamento e aquecimento. Passei pela polícia para os trâmites de fronteira e peguei água. Parti sem vento – ora essa, dessa vez o vento não saiu de manhã. E, a poucos quilômetros dali, cheguei ao Chile de novo, em Cerro Castillo. Encontrei um argentino e uma suíça que tinham deixado suas bicicletas ali e iam de ônibus até o Parque Torres del Paine. Conversando, descobri que, outro dia, eles deixaram a garrafinha de água da bicicleta na rua, e de manhã cedo havia uma camadinha de gelo na superfície da água!

Fui comprar algo para comer na viagem e parti. Estrada boa e descidas – pois eu ia em direção ao nível do mar: um porto bem frio. Eram 63 km até Puerto Natales, e cheguei cedo, pelas 15 horas. Procurei um alojamento e achei um, com gente super simpática, por US\$ 7,50 por dia – com o luxo de um chuveiro com água quente! Também davam café da manhã e colocavam a cozinha da casa à disposição. Ótimo! Nada melhor para descansar e comemorar meus 3.000 km de pedaladas. Domingo (amanhã), vou fazer um *tour* de ônibus pelo Parque Torres del Paine, com lagos, geleiras, picos nevados, animais silvestres...

Hoje de manhã, saí com o caminho à beira-mar e fotografei cisnes-de-pescoço-preto, gaivotas e um bando de pássaros que se parecem aos biguás, mas têm as patas e os bicos vermelhos. Para variar, tinha um arco-íris... Agora, vou assar um cordeiro com alho e cebola, fazer arroz, purê de batatas, tudo que não dá para fazer na panelinha e no pequeno fogareiro durante a viagem, mas agora estou neste luxo que é... Uma casa! E, lógico, um bom vinho tinto chileno. Até mais!

18 de março de 2006.

Ontem, fui até o Parque Torres del Paine num microônibus. O passeio durou todo o dia. Juntos, havia seis brasileiros, uma holandesa, um italiano e dois estadunidenses. Bem, ainda bem que não fui de bicicleta, pois a estrada é ruim, e para quem conhece o que eu conheci, teria que levar uns quatro ou cinco dias pedalando – embora, é claro, eu veria muito mais coisas de bicicleta que de carro, mas como em toda a viagem, o fato de eu ter um certo prazo para chegar a Ushuaia (tempo e dinheiro!) requer que, muitas vezes, eu deixe de explorar melhor um determinado lugar.

Paisagens impressionantes como sempre: as torres do Maciço Paine com neve e gelo, rios e lagos, e os animais. Cheguei a tocar num guanaco que se aproximou do carro! Ele é lindo, elegante, muito dócil, com o pêlo sedoso. É simpático! Também vi lebres correndo, emas, condores, e o mais surpreendente de toda a viagem: um filhote de cervo! O *huemul* (em língua indígena) é raro de se ver, quase tão difícil quanto o puma. A certa altura do passeio, o microônibus fazendo uma curva, nos deparamos com um cervo no meio da estrada. Ele nos observou, se assustou e entrou no meio das árvores, parou lá e permaneceu nos espiando. O motorista, que nasceu na região e trabalhava levando turistas ao Parque há oito anos, afirmou que jamais em sua vida havia visto um *huemul*. Pois vimos um filhote!

Também vimos flamingos, muito lindos com sua plumagem rosada. No final, passamos pela casa de um guarda-parque, e ele estava alimentando um filhote de raposa, talvez órfão, que achou nos arredores. Embora fosse bravo e arisco, chegava perto para comer alguma coisa que o guarda-parque lhe jogava, e também se espreguiçou, pois atrapalhamos sua *siesta*...

No Parque Torres del Paine, há ventos de até 150 km por hora, o que torna qualquer tentativa de escalar seus picos extremamente perigosa. Ontem, com certeza, pegamos um vento de uns 80 ou 90 km, pelo menos. Credo! A gente não conseguia caminhar direito contra o vento, quase era derrubado. Se pego um vento desses pedalando, caio no chão e não consigo nem caminhar!

Hoje, estou descansando e preparando tudo para continuar a viagem amanhã com destino a Punta Arenas, última cidade do continente, pois de lá tomo a balsa que atravessa o Estreito de Magalhães rumo à Terra do Fogo, que é uma ilha – a maior da América e a mais austral do mundo.

Devo chegar lá em três ou quatro dias, depende dos ventos! Estou perto do fim do mundo, e isso me deixa ansioso e contente. Em breve, estacionarei a bicicleta no lugar habitado mais ao sul do planeta – e preparando a volta para casa.

19 de março de 1996.

Saí de Puerto Natales às 10h15, não havia vento, e ainda fazia sol – o que, nessa região, não é muito comum. Com a estrada pavimentada, pedalei numa boa velocidade. Bem, lá pelo km 35, passou um carro por mim e seguiu, e eu o vi parado mais adiante. O motorista fez sinal para que eu parasse. Quando fui falar com ele, me perguntou para onde eu ia, de onde eu vinha, etc., tudo o que dezenas de pessoas me perguntaram, curiosas, durante toda a viagem. Ele disse que também já tinha feito pequenas viagens de bicicleta, sabia como eram as dificuldades, e perguntou se eu queria uma carona. Isso é raro! Fui pego de surpresa e respondi que não precisava, estava tudo tranquilo, dentro do previsto. Eu iria a Punta Arenas, mas hoje dormiria na região do Hotel Rubens, na estrada. Ele disse: “você já pedalou muito! Eu estou indo para Punta Arenas e deixo

você lá”. Ele tinha uma caminhonete, e o bagageiro estava vazio. Uma carona como essa, não é todo dia! É tão incomum que decidi aceitar. Afinal, continuo preocupado com o frio, que está aumentando à medida que me aproximo de Ushuaia (o verão termina oficialmente depois de amanhã!), e essa carona me adiantou uns três dias de viagem!

Chegamos a Punta Arenas às 15 horas, nos despedimos, e eu agradei ao motorista.

Vi um lugar que dava informações turísticas, mas estava fechado. Nisso, chegou um japonês, começamos a conversar, e ele me disse que estava num albergue perto dali, no centro, que custava US\$ 5,00 com banho quente, cozinha à disposição e cama. É ali mesmo! Lá, descobri que o barco de Punta Arenas a Porvenir, na Terra do Fogo, sai às 9 horas e custa US\$ 6,50, muito mais barato do que eu pensava – pois não cobram a bicicleta. Assim, amanhã tenho que acordar cedo, pois o terminal de onde sai o barco é longe do centro. Portanto, por volta de 11h30, devo aportar na Ilha Grande da Terra do Fogo, onde fica Ushuaia, a uns 470 km. Isso significa que, se o vento não for para arrasar, posso chegar a Ushuaia em oito ou nove dias. De qualquer forma, antes de abril.

21 de março de 1996.

Telefonei para meus pais e para minha companheira de Punta Arenas, uma cidade média, com bastante infra-estrutura. Ontem, peguei o barco às 9 horas e cheguei a Porvenir, na Terra do Fogo, às 11h30. Quando saí do barco, vi um casal viajando de bicicleta. Comecei a pedalar, e minha idéia era andar uns 60 km até um pequeno povoado chamado Crucero, onde há uma bifurcação de estradas. A paisagem da Terra

do Fogo teoricamente é a mesma da Patagônia, mas, na realidade, é diferente. Mesmo na Patagônia, os campos mudam, as cores têm nuances, e a região, apesar de muitos dizerem que “não tem nada”, é sempre surpreendente. A estrada vai costeando o mar – o Estreito de Magalhães, que separa o continente da Terra do Fogo.

Bem, cheguei à tal bifurcação, e não havia absolutamente nada! Outra vez, enganado pelos mapas! Andei mais um pouco, e havia uma estância. Pensei: “é a primeira vez, já no final da viagem, que vou pedir alojamento numa estância”. Cheguei, e um senhor me atendeu. Na verdade, ele não era da estância, mas amigo da pessoa que cuidava de tudo, e eu ganhei café, pão e doce na hora. Depois, chegou o encarregado dali, que vive sozinho o ano inteiro naquele lugar inóspito e gelado. De noite, Rigoberto – o encarregado – entrou na cozinha com um cordeiro inteiro, pelado, nas costas – lá, eles criam ovelhas, pois bois e vacas não agüentariam o frio! Cortou uns pedaços com uma serra, guardou o resto do corpo do cordeiro e começou a preparar, numa panela grande, um cordeiro com batatas. Isso tudo sem me dirigir a palavra, era óbvio que eu era seu hóspede e que, como tal, toda a comida feita naquela casa seria dividida comigo.

O cordeiro estava delicioso! Um autêntico cordeiro patagônico! Antes, às 19 horas, Rigoberto pediu silêncio e ligou o rádio para escutar o programa de correio. O que era isso? Bem, nesses lugares sem telefone, a única forma de os donos das estâncias – que moram na cidade – falarem com seus empregados era enviando mensagens para serem lidas num programa de rádio. Assim, às 19 horas, todo mundo na região liga o rádio.

Dormi no saco de dormir sobre um catre sem colchão. De noite, começou a chover e a ventar forte. Em Punta Arenas, não havia vento, a travessia de barco foi tranqüila, apesar de a cidade ser famosa pelos terríveis ventos! Tive sorte mais uma vez.

Hoje de manhã, parou a chuva, e saiu o Sol. O vento continuava, mas, para mim, estava a favor. Saí cedo, e na saída da estância, havia uma caminhonete parada com três caras dentro, que vieram conversar comigo. Tinham dormido ali. Nisso, chegou um cara de bicicleta – era o mesmo que estava no barco! É inglês, o Gary, e fomos convidados para tomar uma xícara de café na caminhonete. Tomamos o café, conversamos e partimos.

Gary vive no Canadá e de lá veio de bicicleta, há dez meses e 25.000 km! Como forte vento a favor, chegamos à fronteira com a Argentina às 15h30, super cedo, pois viajamos numa velocidade ótima. Boa estrada, plana, e vento a favor. Depois, começou o asfalto, e pedalamos mais até chegar à enorme estância Sara. Eu não tinha ficado em estâncias antes na viagem, apesar de ser famosa sua hospitalidade na Argentina, mas eu pensava que isso não existia mais. Foi Gary quem me disse que ele havia ficado em outras estâncias. Pedimos para acampar, e o pessoal da estância nos encaminhou para uma casinha de madeira meio vazia, sem luz elétrica, mas onde poderíamos dormir no saco de dormir, protegidos da chuva. No refeitório dos trabalhadores, jantamos com eles: sopa, massa, carne, pão e...chá. Geralmente – como essa –, são fazendas de famílias inglesas ou descendentes de ingleses.

Na casinha onde dormimos, há uma peça com aquecedor, onde estamos escrevendo agora em nossos diários. E já fomos avisados de que o café da manhã é servido às 7h30!

Esta estância tem 7.000 ovelhas! Deve ter terra que não acaba mais! Imagino percorrê-la inteira... De bicicleta, quando tempo levaria? As ovelhas, ao contrário dos bois, podem estar até 20 dias embaixo da neve sem comer: fazem uns furos para respirar, como os cães puxadores de trenó. O inverno passado foi um dos piores nestas paragens. Houve lugares no Chile e na Argentina com até três metros de neve

acumulada! Morreram milhares de animais. Nas cidades, um metro de neve já é suficiente para criar uma série de dificuldades, como sair de casa ou abrir a porta do carro! Na estância onde dormi ontem, um dos trabalhadores também escuta o rádio todas as noites.

Tomamos um super café da manhã com café preto, pão, manteiga, pão, chá e... Carne de cordeiro! O Gary se empapuçou.

Hoje, pela primeira vez em toda a viagem, vi uma placa na estrada sinalizando: “Ushuaia – 300 km”. Nossa! Sonhei tanto em ver esta placa de trânsito, e hoje, logo depois da fronteira, lá estava ela. Estou a cinco ou seis dias do fim do mundo, e ontem tive uma ótima notícia com o Rigoberto, da estância Concórdia: é possível ir de graça à Antártida com um avião da Força Aérea Chilena. Eu sonhei em tirar uma foto pedalando na Antártida, o sexto continente, mas a viagem turística é caríssima. Os aviões militares vão levando comida e equipamentos para as bases científicas, e então se pode pedir uma carona. Quando falei dessa possibilidade para o Gary, ele ficou louco: também sonha com a Antártida!

Amanhã, já vou chegar a Ríó Grande, que está a 55 km daqui. Se o vento continuar favorável, e eu não estiver cansado – hoje, fiz 126 km! –, continuarei mais 35 km até outra estância para pedir alojamento. Gary seguramente vai até lá, pois pedala muito. Em dias sem vento e com asfalto, ele chega a fazer 150 km.

Bem, agora vou dormir. Aqui sopra um vento forte e gelado. O horizonte é vastíssimo, as cores do pasto, ocre, pastel, verde-claro, são lindas, o pôr-do-sol é sempre belo. Hoje, é o último dia do verão. Amanhã, começa o outono. E eu indo para o fim do mundo... Coisa de doido!

Boa noite!

22 de março de 1996.

Continua o vento a favor! Gary e eu tomamos o café da manhã com carne de cordeiro na estância e saímos às 9h30. Chegamos antes do meio-dia a Río Grande e paramos num supermercado para comprar comida. Comemos ali ao lado, protegidos do vento. O dia foi ficando cada vez mais nublado. Depois, continuamos a viagem até a Estância Viamonte, fazendo um total de 100 km. Chegamos cedo, às 15h30, e pegamos um pouco de chuva no caminho. Falamos com o chefe ou gerente da estância, que também era de família inglesa e conversou em inglês com o Gary. O gerente contou que os primeiros viajantes de bicicleta que passaram por lá, e também cruzaram a Cordilheira dos Andes, foi nos anos 1940, quando quase não existiam estradas! E nós achando que estávamos fazendo alguma aventura...

Nessa estância, também conseguimos uma casinha de madeira vazia para instalar os sacos de dormir. Tomamos um café para esquentar o corpo e agora estamos no “Clube”, uma casinha que normalmente as estâncias têm para os trabalhadores, com televisão, aquecedor, mesa e cadeiras, etc. Falaram em jantar às 19h30. Oba!

Conversando com o Gary sobre viagens, eu disse que gostaria de fazer uma mais difícil, ou mais distante, pela China, por exemplo, ou pela Sibéria, mas não sozinho. Ele disse: “vamos?”.

Estamos já a uns 190 km de Ushuaia, e tenho um frio na barriga. Teoricamente, posso chegar lá em dois dias, mas tudo depende do vento, das montanhas que ainda tenho que atravessar – o finalzinho da Cordilheira dos Andes, interrompida só pelo Estreito de Magalhães – e, claro, de algum imprevisto.

24 de março de 1996.

Na Estância Viamonte, realmente jantamos bem, e no outro dia, tivemos café da manhã com pão e carne de cordeiro novamente. Saímos cedo para parar em alguma outra estância no caminho, e no final da tarde chegamos à estância Los Álamos. Ali tinha um lugar para acampar na beira do Lago Fagnano. Havia um grupo de argentinos à beira do lago, e, óbvio, fomos conversar com eles. Nos ofereceram pães doces e uma garrafa de água mineral. Isso porque eu perguntei se a água do lago era potável, como em tantos lagos e rios da Patagônia, lugares altamente preservados. Na verdade, eu achava que era potável, mas a pergunta foi um modo de começar uma conversa. Depois, fui tomar um “banho”, quer dizer, um semibanho, depois de quatro dias sem ver água e sabonete! A água do lago, em plena Terra do Fogo no início de outono, estava gelada, e a temperatura ambiente, uns 13 °C. Perguntei ao Gary, que tinha trucidado os pães, se ele ia tomar banho. E ele respondeu prontamente: “*No!*”. Bem, lá fui eu... Tirei a roupa, ficando só de cueca, e me ensaboei, me enxaguei – até lavei a cabeça! – em 10 minutos. Um recorde! Fazia um frio dos diabos! Imediatamente, com uma rapidez espantosa, já estava vestido de novo e começando a montar a barraca, fazer coisas, preparar tudo para dormir mais tarde, ou seja: maneiras de manter o corpo aquecido. Fiz – para variar – uma massa com atum, comemos tudo, e fomos dormir cedo, pois a idéia era chegar ainda hoje a Ushuaia, e não pudemos.

De noite, começou aquele barulhinho terrível do vento que entrou do oeste. E choveu um pouco. Cada ruído de vento, cada gota de chuva à noite na barraca significa: “problemas amanhã!”.

Acordei várias vezes à noite. Como sempre, não arrumo uma posição confortável, acordo com algum sonho ou simplesmente desperto por não estar em minha

cama, em casa, sei lá. Isso durante três meses! Acabei acordando – como aconteceu muitas vezes – às 7h30. Claro, eu não tinha levado despertador. Saiu o Sol de novo, mas permaneceu o vento. Começamos a pedalar às 10 horas com vento contra e o frio aumentando. Além disso, nos aproximamos da Cordilheira, e começaram as subidas. A estrada, que era asfaltada de San Sebastián até Tolhuin, voltou a ser de terra. Bem, vimos que nos cansaríamos muito. Eu já estava cansado dos dois dias anteriores, nos quais fiz uma quilometragem alta para meu preparo físico e minha média na viagem. Pensamos em dormir de novo em alguma estância, caso houvesse uma antes de Ushuaia.

O caminho foi ficando cada vez mais bonito à medida que nos aproximávamos de Ushuaia. Voltei a ver montanhas e bosques, pois estávamos subindo. Da estrada, pude ver os belos Lagos Fagnano e Escondido. Tínhamos que passar por uma montanha mais alta, o Paso Garibaldi, para depois descer rumo a Ushuaia.

Comecei a subir devagar, com uma vista belíssima do Lago Escondido, e logo começou a esfriar mais. Com umas nuvens muito escuras, uma chuva fina caiu. Nessa região, o tempo muda toda hora, no mesmo dia pode fazer sol, chover, esfriar... Era uma chuva gelada e esquisita, grossa, que caía bem devagar, uma gota aqui, outra ali, e lá no topo da montanha, a chuva foi aumentando. Pedalando, olhei com mais atenção essa chuva estranha... As gotas eram brancas! Parei a bicicleta. Nunca em minha vida eu tinha visto uma chuva nevada, o que os argentinos chamam de *nieve agua*, porque os pequenos flocos brancos, ao caírem no chão, imediatamente se derretem. Eu estava eufórico! Só tinha visto neve de longe, e agora, um prenúncio de neve, nos primeiros dias de outono, e justamente no último dia de viagem antes de chegar ao destino, Ushuaia.

Na descida da montanha, o frio era ainda maior. Eu pedalava vestindo toda a roupa de inverno para esportes que tinha levado, ou seja, uma blusa de manga comprida

justa, um blusão por cima, e ainda outro blusão grosso – todos com tecido especial para proteção do frio, mas que permitiam a respiração da pele. Ainda usava um gorro e meias grossas de lã, botas e a capa de chuva impermeável.

Mais adiante, encontrei o Gary. Logo depois, furou meu pneu traseiro, e foi um furo grande também no próprio pneu, além da câmara. Troquei os dois, e continuamos no meio de montanhas com neve em cima e uma floresta belíssima.

Quando chegamos a um hotel-restaurante, fomos perguntar se havia alguma estância perto dali onde pudéssemos pedir alojamento. O rapaz que nos atendeu prontamente nos levou a uma casa de madeira muito simpática, com estilo de montanha, recém-construída, mas totalmente vazia, que seria um albergue turístico, mas ainda não estava totalmente acabada, embora já estivesse com todas as janelas fechadas. Ele disse que poderíamos colocar nossos sacos de dormir lá dentro e dormir de graça. Maravilha! Dormiríamos protegidos do frio, do vento e da chuva, e sem o trabalho de tirar tudo da bicicleta, montar a barraca, e no outro dia recolocar tudo nas bolsas, montar a barraca novamente – com o inconveniente da chuva, etc.

Estamos a apenas 36 km de Ushuaia! Amanhã, chegarei a essa cidade que esteve nos últimos dois anos na minha cabeça como uma obsessão. Vamos chegar cedo e ter tempo ainda para passear na cidade. Que dia!

Vou telefonar para a Lu e para meus pais assim que chegar. E comemorar comendo *centolla*, enorme caranguejo de águas frias, e, naturalmente, um vinho argentino!

25 de março de 1996.

Ontem, acordei e olhei pela janela. Estava nevando! Nevava mais do que na estrada outro dia, e as montanhas ficaram branquinhas, não só no topo, mas já a partir da metade, com as copas das árvores cobertas de neve. Já parecia paisagem de inverno, que eu só tinha visto em fotos. Nevou fininho até as 10 horas. Depois, saí pedalando (Gary tinha saído mais cedo, pois queria chegar a Ushuaia antes das 13 horas para falar com o Consulado do Chile sobre a possível carona à Antártida).

Bem, esse último dia de viagem foi incrível. De novo, paisagens exuberantes em toda a estrada, mas desta vez uma paisagem embranquecida! A estrada às vezes freava a bicicleta, porque havia um pouco de lama, então fui devagar, e havia mais subidas. Cheguei a um lugar chamado Valle Tierra Mayor, que era mais alto, e ali a neve que tinha caído ainda estava intacta no pasto! Ao lado da estrada, pude, pela primeira vez na minha vida, agarrar um punhado de neve, sentir sua consistência fofa, muito diferente do gelo. Todo o chão branco! Não sei que temperatura fazia naquela hora, mas com certeza estava muito frio, eu sentia as mãos e os pés gelados.

Depois, comecei a descer, e então já não havia neve no chão, apenas nos lugares mais altos. Parei para descansar um pouco, e já dava para ver o Canal de Beagle ao longe. Ushuaia estava perto, mas deu a louca no computador de bordo de novo, e perdi a noção da distância.

Mais descidas, e vi casas, um posto policial e o início do pavimento de novo. Ali, uma placa indicava: “Ushuaia – 6 km”. Então, era verdade: eu estava chegando! Tantos meses sonhando com esse lugar, e ele agora estava ali, indiferente à minha presença, com as pessoas indo e vindo sem pressa, e o tempo, como sempre, mudando toda hora.

Mais um pouco pedalando, e pude ver toda a cidade de um ponto alto da estrada e montanhas nevadas à direita, além das que se viam do outro lado do canal.

Fui me aproximando do centro da cidade, desci uma rua já em pleno comércio e cheguei à avenida beira-mar. Céu azul em Ushuaia – coisa rara! Um frio muito diferente, forte, que congelava minhas mãos e o meu nariz, mas eu não ligava para nada, embriagado que estava por terminar uma viagem de 3.700 km de bicicleta, mais uns 800 km de ônibus, além das caronas.

Procurei a placa que dizia: “*Bienvenido a Ushuaia, la ciudad del fin del mundo*”, mas não a encontrei, e tirei uma foto da bicicleta junto a outra placa.

Um jornalista passou por mim e perguntou se eu queria vendê-la. Como eu precisava voltar de avião a Buenos Aires, além de todas as dívidas que teria que pagar no decorrer dos meses seguintes, respondi: “Sim, vendo a bicicleta por US\$ 300”. Ele ficou de me procurar na *hospedaje* onde eu ia ficar.

Depois, encontrei o casal de argentinos viajando na *casa rodante* pela quarta vez! É o casal de cerca de 70 anos que me deu café e pão lá no Chile. Fui conversar com eles, e depois encontrei o Gary na rua. Fomos ao porto perguntar sobre a possibilidade de caronas à Antártida, mas já não estavam viajando, pois acabara o verão, e o clima agora era muito difícil para a navegação. Gary, então, se informou no Consulado do Chile, mas para ir à Antártida era preciso pagar US\$ 2.000...

Fomos tirar fotos junto à placa e, depois, nos instalamos numa pousada. À tarde, começou a nevar de novo, e nevou várias vezes (como hoje de manhã). Esta semana, vou ficar descansando e passeando em Ushuaia, até pegar o vôo a Buenos Aires, dormir lá, e depois tomar o avião para Florianópolis.

29 de março de 1996.

A *hospedaje* em que eu fiquei dia 25 era uma loucura, só dava maluco, com a família dos donos brigando o tempo todo, etc. No dia 26, caí fora e encontrei uma pousadinha mais barata: US\$ 45 para seis noites! Posso cozinhar num fogareiro de duas bocas no corredor, onde também fica o banheiro coletivo. A casa é toda de madeira, e o lugar é tranqüilo, não tem quase hóspedes.

Quando entrei na pousada, estava chegando Inês, uma alemã que viaja sozinha desde o Peru e fala um pouco de espanhol. Ficamos amigos e já passeamos bastante. Tomamos muitos cafés – Inês adora, e eu também!

Visitei a cidade, que é realmente linda, e não tem muitos edifícios nem coisas luxuosas, é uma pequena cidade com muitas construções simples, de madeira, gostei bastante. E o lugar, rodeado de montanhas nevadas e, ao mesmo tempo, ao lado de um canal de mar, lindíssimo.

Um dia, Inês encontrou um casal de franceses pela quarta vez desde a Bolívia! Tomamos café todos juntos e combinamos de, à noite, tomar um trago. De noite, então, nos encontramos eu, Inês, Isabelle e Fabien – ela, de Nice, e ele, de Toulouse – para tomar um chope e conversar. Eles falam um pouco de espanhol também. Querem depois seguir ao Brasil, então dei meu endereço para eles.

Anteontem, fui com Inês ao Glaciar Martial, pertinho da cidade. A gente vai de ônibus até as *aerosillas*, que são aquelas cadeirinhas que levam até uma parte mais alta da montanha, onde já tem neve. De lá, caminhamos acho que uns 1.000 metros mais para cima, até chegar pertinho das montanhas.

Neve! Tive sorte, porque nesse dia, justamente, a neve que caiu não derreteu – fazia muito frio – e cobria o solo às vezes até mais de um metro! Eu afundava o pé e a

canela dentro da neve, em meio a belas árvores, uma paisagem estonteante. Tiramos fotos, fizemos um piquenique e curtimos o silêncio da montanha. Depois, voltamos pelas *aerosillas* até a base e seguimos a pé até a cidade, eram 7 km.

Nesse dia e no seguinte, a temperatura mínima em Ushuaia foi de -2° C. Hoje (29 de março, sexta-feira), faz “calor”: posso andar na rua com uma camiseta e uma blusa de lã, e não tem vento.

Outro dia, lendo um jornal aqui de Ushuaia, soube que um veleiro brasileiro tinha tido problemas com o barco e teve que ser resgatado por um navio da Armada Argentina. Bem, acabei conhecendo o casal do barco: ele é francês, e ela, brasileira. Saíram do Brasil em dezembro e, na região de Le Maine, a ponta leste da Terra do Fogo, no extremo sul, o veleiro encalhou. Ficaram encalhados um mês numa baía que não tinha nada, e sem comunicação, pois o rádio não era potente o suficiente. Foram comendo o estoque de alimentos que tinham levado. Esse é um lugar onde antigamente havia caça de focas. Viram pilhas e pilhas de peles de focas e restos de equipamentos. Mais tarde, chegaram caçadores, mataram alguns animais em terra – havia bois e vacas! (Deviam ser de alguma estância...) O casal ganhou carne dos caçadores e pegava água de riachos próximos. Depois de um mês nessa situação, conseguiram desencalhar o barco e seguiram rumo ao sul, mas essa região – entre a ilha da Terra do Fogo e as Ilhas dos Estados – é de difícil navegação, e eles tinham quebrado o motor. À vela, não deu para continuar, e pararam numa base militar argentina. Bem, o navio argentino que poderia levá-los até Ushuaia só sairia depois de... 30 dias! Então, tiveram que esperar mais um mês nessa base – literalmente, um fim de mundo – e chegaram há poucos dias a Ushuaia, rebocados pela Marinha Argentina. Agora, vão arrumar o barco e voltar para o Brasil.

Hoje, fui tirar uma foto com a bicicleta – pedi para a Inês bater (pois, durante toda a viagem, eu não aparecia na maioria das fotos que tirei). E o que vi lá? Uma foca! Que sorte, porque ver pingüins, focas e lobos-marinhos, só com excursões, e eu não tenho dinheiro. E pingüins, bem, eu vejo alguns no inverno em Florianópolis...

Amanhã, vou ao Parque Nacional da Terra do Fogo – espero que o tempo esteja bom, pois durante a semana choveu – e domingo parto de avião para Buenos Aires. Segunda-feira, dia 1º de abril, já estarei em casa!

31 de março de 1996.

Ontem, fui ao Parque Nacional da Terra do Fogo, mas o tempo estava nublado e frio. Caminhei umas três horas dentro da área, fui até a Baía de Lapataia e voltei. É muito bonito, com aquelas árvores de clima frio, com poucas espécies, embora não se compare, por exemplo, à exuberância de alguns trechos da Carretera Austral, no sul do Chile.

Ontem, fiz minha despedida da viagem no famoso restaurante Tía Elvira, onde comi carne de *centolla* com batatas.

Hoje, tirei umas fotos com a bicicleta com a ajuda da Inês. Ela é muito engraçada, está sempre de bom humor e, portanto, é uma ótima companhia para este fim de viagem. Ela foi embora hoje, ia tentar uma carona para Río Grande ou Río Gallegos, depois segue para El Calafate para visitar o Glaciar Perito Moreno.

Fiquei uma semana em Ushuaia, e teve chuva, frio, vento, nuvens e pouquíssimo sol. Mas quando eu cheguei aqui na segunda-feira, o tempo estava limpo, e hoje, que vou pegar o avião para Buenos Aires, o tempo de novo está aberto e ensolarado. Meu

avião sai às 17 horas, e espero ver a Cordilheira de Darwin – o final dos Andes, interrompidos pelo Canal de Beagle, mas que continuam na Terra do Fogo.

Pensando nesses três meses que passei pedalando, percebo que o único momento em que eu realmente senti medo, desses que dá um calafrio e uma dor na barriga, foi um pouco antes de começar a viagem: na sala de embarque do Aeroporto de Florianópolis, rumo a Buenos Aires, depois que me despedi da minha companheira e fiquei sozinho para enfrentar o que seriam três meses de um trajeto desconhecido para mim.

Ainda não tive tempo de pensar o que significou esta viagem. Acho que foram muitas coisas, e com o tempo talvez eu vá percebendo o impacto que ela teve em mim. Já posso sentir algumas pequenas transformações, que não mudam radicalmente algo, na verdade, mas aprofundam certos traços, certos modos de ser que eu já tinha, talvez timidamente. Quem sabe?

Quando cheguei a Ushuaia, de repente, era como se eu começasse a sentir o cansaço acumulado por ter pedalado 3.700 km por tantos campos, regiões áridas e montanhas. Era a tensão de três meses finalmente relaxada, o fim de tantos cálculos, esforços, tarefas cotidianas de armar e desarmar a barraca, tirar e colocar tudo na bicicleta, cozinhar e lavar, e no outro dia começar tudo de novo. Era o fim de momentos de solidão, de horas e horas pedalando em regiões vazias. Mas também era o final de uma jornada de aprendizado, amizades, solidariedade e paisagens como jamais vou voltar a ver em outra parte do mundo.

No Parque Nacional da Terra do Fogo, se encontram muitos arbustos de *calafate*, uma pequena fruta de cor azul-violácea. Segundo lendas indígenas, quem come o fruto do *calafate* um dia voltará a Ushuaia.

A hospitalidade dos argentinos em toda a viagem me ajudou em algumas vezes, me facilitou informações em outras, me emocionou sempre. Sentir o sabor levemente azedinho do *calafate*, colhido nas caminhadas pelo parque, foi minha resposta silenciosa ao gesto solidário e desinteressado com que os argentinos me marcaram, sem saber, para sempre.

DADOS SOBRE A VIAGEM

Duração: 94 dias.

- Trajeto de bicicleta: 3.700 km.
- Trajeto de ônibus: 1.000 km.
- Trajeto de barco: 200 km.
- Trajeto de carona: 150 km.
- **Total:** 4.915 km.

Média de quilometragem por dia (pedalando): 70 km.

Distâncias percorridas de bicicleta:

- máxima 137 km.
- mínima: 26 km.

Média de gasto diário com alojamento: US\$ 4,70.

Lugares visitados:

- **Cidades da Argentina:** Buenos Aires, Mercedes, Bragado, Nueve de Julio, Pehuajó, Trenque Lauquen, Catrilo, Santa Rosa, General Acha, Puelches, Gobernador Duval, Chelforó, Ingeniero Huergo, Neuquén, Picún Leufú, Piedra del Águila, Junín de los Andes, San Martín de los Andes, Villa La Angostura, Los Antiguos, Perito Moreno, Caleta Olívía, Rio Gallegos, El Calafate, Rio Grande e Ushuaia (as duas últimas na Terra do Fogo).
- **Cidades do Chile:** Entre Lagos, Osorno, Puerto Octay, Frutillar, Puerto Varas, Llanquihue, Puerto Montt, Cochamó, Ancud, Castro, Contao, Hornopirén, Chaitén, Villa Santa Lucía, La Junta, Villa Amengual,

Manihuales, Coihaique, Puerto Ibáñez, Chile Chico, Cerro Castillo, Puerto Natales, Punta Arenas, Porvenir (Terra do Fogo).

- **Lagos da Argentina:** Lácar, Meli Quina, Villarino, Falkner, Correntoso, Espejo, Nahuel Huapí, Buenos Aires (no Chile, se chama Lago General Carrera), Argentino, Fagnano, Escondido, Roca.
- **Lagos do Chile:** Puyahue, Llanquihue, Todos los Santos, Yelcho, Risopatrón, Las Torres, del Toro, Sarmiento, Nordenskjöld, Pehoé, Grey.
- **Parques Nacionais da Argentina:** Lanín, Nahuel Huapí, Los Glaciares e Tierra del Fuego.
- **Parques Nacionais do Chile:** Puyehue, Pérez Rosales, Hornopirén, Queulat, Torres del Paine.
- **Glaciares:** Perito Moreno (Argentina), Martial (Argentina), Ventisquero (Chile).

Animais vistos durante a viagem: graxaim, guanaco, cervo (*huemul*), condor, lebre, ema (*ñandu*), falcão, águia, cisne-de-pescoço-negro, flamingo, *caiquén* (pato), papagaio, tatu, *bandurria* (tipo de pato), gato selvagem (morto), foca.

Bicicleta: KHS Montana Crest 21 marchas (EUA).

Bagagem

- Alforje dianteiro direito: panela, fogareiro, garrafa de combustível (900 ml), fósforos, abridor de latas, sabão, esponja, caneca, talheres, enlatados, panos de prato.
- Alforje dianteiro esquerdo: câmaras, peças, parafusos, lubrificante, pisca-pisca, farol, lanterna, pilhas, fita-crepe, chave allen, corbim extensor.

- Alforje traseiro esquerdo: roupas de inverno, pijama, botas. No anexo: banana seca, bolachas, suco em pó.
- Alforje traseiro direito: comida, frutas, sacos plásticos. No anexo: papel higiênico, mapas, ferramentas.
- Bolsa do guidom: toca-fitas.
- Bagageiro dianteiro (garupa): pneus, dois cantis de 4 l cada.
- Bagageiro traseiro: barraca, saco de dormir, isolante térmico, mochila contendo roupas de verão, farmácia, objetos de banho, toalha, kit para costura, óculos, filmes, luvas impermeáveis, capa de chuva impermeável, calça impermeável, colete Polartec.

Pernoites (94 dias)

- Em saco de dormir: 64 noites.
- Em saco de dormir sobre uma cama: 5 noites.
- Em cama: 25 noites.
- Em hotel: 2 noites.
- Em hospedaria: 30 noites.
- Em camping organizado: 41 noites;
- Em camping livre: 4 noites.
- Em albergue: 1 noite.
- Em terrenos de casas: 2 noites.
- Em estâncias: 3 noites.
- Em estação de trem: 1 noite.
- Em postos de gasolina: 3 noites.
- Em áreas sem nada (beira de estrada, etc.): 3 noites.

- Em ônibus (viajando): 1 noite.
- Em um ônibus vazio, abandonado: 1 noite.
- Em casas vazias: 3 noites.